

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Carolina Torres Maroni

Desenvolvimento e validação da versão preliminar da escala da pós-adolescência

São Paulo  
2022

CAROLINA TORRES MARONI

**Desenvolvimento e validação da versão preliminar da escala da pós-adolescência**

**Versão Corrigida**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Francisco Lotufo Neto

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que seja citada a fonte.

Catálogo na publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Maroni, Carolina Torres.

Desenvolvimento e validação da versão preliminar da escala da pós-adolescência / Carolina Torres Maroni; Orientador Francisco Lotufo Neto. – São Paulo, 2022.

109p.

Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Programa de pós-graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica.

1. FASES DO DESENVOLVIMENTO. 2. ADOLESCÊNCIA ESTENDIDA. 3. ADULTEZ EMERGENTE. 4. TRANSIÇÃO PARA A FASE ADULTA. 5. PSICOMETRIA. I. Lotufo Neto, Francisco, orient. II. Título.

Nome: Maroni, Carolina Torres

Título: Desenvolvimento e validação da versão preliminar da escala da pós-adolescência

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia  
da Universidade de São Paulo para obtenção do  
título de Mestre em Ciências

Aprovado em: / /

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Agradeço infinitamente,

Aos adolescentes e jovens, por serem quem são. E por despertarem tantas possibilidades e interesses à minha pesquisa e profissão.

Ao meu pai José Maroni, que me deu a vida e a ideia.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Francisco Lotufo Neto, por ter, principalmente, acreditado.

À Claudia Rocha, que esteve sempre em prontidão para ajudar... socorrer.

Ao Luiz Silva dos Santos, que me ensinou sobre método, sobre psicometria e principalmente sobre como fazer uma pesquisa.

À banca de qualificação, Claudia Oshiro e Helena Rinaldi Rosa, por terem, generosamente, apontado caminhos com sabedoria e acolhimento.

À banca de defesa, Profa. Dra. Denise de Micheli e Prof. Dr. Fernando Asbahr por aceitarem de imediato o convite e por contribuírem com tanta sabedoria.

Aos suplentes, Prof. Dr. Andrés Antunez, Profa. Dra. Vanessa Leme e Prof. Dr. Daniel Fatori que estiveram de prontidão.

Aos professores do programa de mestrado do IPUSP, por aprenderem e por ensinarem.

Aos colegas de turma, por compartilhar telas, experiências e conhecimentos.

A todos os funcionários do IPUSP, por tornarem isso tudo possível.

Aos profissionais que colaboraram como avaliadores, juízes, especialistas que foram e são.

A todos os adolescentes e jovens que participaram das etapas desta pesquisa.

Aos representantes das instituições, escolas e empresas, fundamentais no processo de recrutamento dos jovens voluntários.

Aos amigos que tanto compartilharam o instrumento entre os voluntários.

Especialmente a Beatriz Puccini, Fabiana Takiuti, Fernanda Almeida e Mariana Aron.

Aos amigos e familiares pelo incentivo e, principalmente, pela paciência e compreensão quanto ao meu isolamento, que durou mais do que a pandemia.

À Janaina Pena, Juliana Gerber, Juliana Maldonado, Mariana Aron, Mariana Kerches, Mariana Negrão, Paula Freire e Renata Carvalho, pois estiveram e estão por perto.

À Rafaele Costa, sem ela a estatística teria sido impossível.

À Kaira Neder e Pedro de Souza, pelo necessário e preciso trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pelo fundamental apoio durante 6 meses (Código de Financiamento: 33002010039M3)

E a todos os autores das produções científicas que ensinaram e nortearam esse processo.

## RESUMO

Maroni, C. T. (2022). *Desenvolvimento e validação da versão preliminar da escala da pós-adolescência* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta pesquisa direcionou seu foco para o desenvolvimento e validação de um instrumento de medida, a Escala da Pós-adolescência, que por sua vez objetivou discriminar três faixas etárias: adolescentes (14 a 17 anos), pós-adolescentes (18 a 25 anos) e jovens adultos (26 a 29 anos), através da perspectiva de que há uma progressão da aquisição da independência em direção à fase adulta. Na primeira etapa os procedimentos teóricos envolveram a elaboração e a avaliação das dimensões (Domínios da Pós-Adolescência), assim como a elaboração e a avaliação dos itens que compuseram o instrumento. Os critérios para validação de conteúdo foram disponibilizados a 7 especialistas que compuseram o corpo de juízes. Em continuidade, 48 representantes da população alvo participaram da avaliação semântica dos itens. Tendo por base as evidências satisfatórias da Escala de Pós-Adolescência na primeira etapa, a etapa seguinte consistiu na aplicação do instrumento piloto a 488 moradores da cidade de São Paulo, com idades entre 14 e 29 anos. Os objetivos do estudo do piloto envolveram: 1) obter evidências de precisão dos domínios da Escala de Pós-Adolescência; 2) obter evidências de validade de constructo da Escala e 3) obter evidências de validade de critério concorrente da Escala. Os resultados mostraram que todos os domínios, para todos os grupos, denotaram capacidade de medir com pouco erro, indicando evidências de precisão. Através da análise fatorial confirmatória, que indica evidências de validade de constructo, identificou-se que os itens apresentaram cargas satisfatórias e elevadas. Com relação à validade de critério, concluiu-se que o escore médio de cada domínio foi capaz de diferenciar os três grupos. Além disso, o processo de desenvolvimento e avaliação do instrumento objetivou prover fundamentos para a investigação da proposta da Pós-Adolescência como uma fase específica do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Adolescência estendida. Adulterez emergente. Fases do desenvolvimento. Pós-adolescência. Psicometria.

## ABSTRACT

Maroni, C.T. (2022). *Development and validation of the preliminary version of the post-adolescence scale* (Master's degree dissertation). Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.

This research focused on the development and validation of a measurement instrument, the Post-adolescence Scale, which in turn aimed to discriminate three age groups: adolescents (14 to 17 years old), post-adolescents (18 to 25 years old) and young adults (26 to 29 years old), through the perspective that there is a progression in the acquisition of independence towards adulthood. In the first stage, the theoretical procedures involved the elaboration and evaluation of the dimensions (Domains of Post-Adolescent), as well as the elaboration and evaluation of the items composing the instrument. The criteria for content validation were offered to 7 specialists who made up the body of judges. In continuity, 48 representants of the target population participated in the semantic evaluation of the items. Based upon the satisfactory evidence of the Post-Adolescence Scale in the first stage, the next stage consisted of the application of the pilot instrument with 488 residents of the city of São Paulo, aged between 14 and 29 years. The objectives of the pilot study involved: 1) obtaining evidence of accuracy of the Post-Adolescence Scale domains; 2) obtaining evidence of the Scale's construct validity; and 3) obtaining evidence of concurrent criteria validity of the Scale. Results showed that all domains, for all groups, denoted capacity to measure with little error, indicating evidence of precision. Through a confirmatory factorial analysis, which indicates construct validity, it was identified that all items presented elevated and satisfactory charges. Regarding criterion validity, it was concluded that the average score of each domain was able to differentiate the groups from each other. Moreover, the instrument's development and evaluation aimed to provide fundamentals to the investigation of the Post-Adolescence proposition as a specific phase of human development.

Keywords: Extended adolescence. Emerging adulthood. Development stages. Post-adolescence. Psychometry.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela comparativa da concordância dos Domínios entre os juízes.....	50
Tabela 2 - Ordem de relevância dos Domínios para os Juízes.....	51
Tabela 3 - Avaliação dos domínios pelo juiz 1.....	53
Tabela 4 - Avaliação dos domínios pelo juiz 2.....	54
Tabela 5 - Avaliação dos domínios pelo juiz 3.....	55
Tabela 6 – Avaliação dos domínios pelo juiz 4.....	56
Tabela 7 - Avaliação dos domínios pelo juiz 5.....	57
Tabela 8 – Avaliação dos domínios pelo juiz 6.....	58
Tabela 9 – Avaliação dos domínios pelo juiz 7.....	59
Tabela 10 - Primeira Versão do Instrumento.....	60
Tabela 11 - Distribuição das classificações de itens pelos juízes participantes.....	61
Tabela 12 - Concordância do domínio atribuído pelo juiz com o pretendido para o item.....	62
Tabela 13 - Valores Mínimo, Mediana e Máximo para os critérios de Clareza, Pertinência e Coerência dos itens.....	65
Tabela 14 - Frequência de respostas - G1.....	68
Tabela 15 - Frequência de respostas - G2.....	69
Tabela 16 - Comparativo G1 X G2.....	70
Tabela 17 - Distribuição final itens e domínios.....	72
Tabela 18 - Distribuição de gênero na amostra, por grupo de idade.....	73
Tabela 19 - Índices de precisão (alfa de Cronbach) .....	74
Tabela 20 - Cargas fatoriais de cada item, por domínio/fator.....	75
Tabela 21 - Escores em função da idade.....	77
Tabela 22 - Diferença média identificada em cada comparação.....	78
Tabela 23 - Número de faixas etárias possivelmente discriminadas pelo instrumento.....	78



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Distribuição dos escores de IA na amostra, em função da idade.....	76
Figura 2 - Distribuição dos escores de RM na amostra, em função da idade.....	77

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1. Adolescência .....</b>	<b>16</b>
<b>2.2. Adolescência Estendida .....</b>	<b>18</b>
<b>2.3. Adulter Emergente .....</b>	<b>20</b>
<b>2.4. Pós-Adolescência .....</b>	<b>23</b>
2.4.1. <i>PÓS-ADOLESCÊNCIA E PERSPECTIVAS EVOLUCIONISTAS .....</i>	<i>25</i>
2.4.2. <i>PÓS-ADOLESCÊNCIA E DESENVOLVIMENTO CEREBRAL .....</i>	<i>28</i>
2.4.3. <i>DESMANCHE DA DEPENDÊNCIA E AQUISIÇÃO DA INDEPENDÊNCIA .....</i>	<i>31</i>
2.4.4. <i>DOMÍNIOS DA PÓS-ADOLESCÊNCIA .....</i>	<i>32</i>
<b>2.5. Adulter .....</b>	<b>38</b>
<b>2.6. Desenvolvimento e Validação de Escalas .....</b>	<b>40</b>
2.6.1. <i>DESENVOLVIMENTO DE ESCALAS .....</i>	<i>40</i>
2.6.2. <i>VALIDAÇÃO DE ESCALAS .....</i>	<i>41</i>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>43</b>
<b>3.1. Aspectos Éticos.....</b>	<b>43</b>
<b>3.2. Domínios .....</b>	<b>44</b>
3.2.1. <i>DESENVOLVIMENTO DOS DOMÍNIOS .....</i>	<i>44</i>
3.2.2. <i>AValiação DO DOMÍNIOS POR JUÍZES.....</i>	<i>44</i>
<b>3.3. Itens e Instrumento.....</b>	<b>45</b>
3.3.1. <i>DESENVOLVIMENTO DOS ITENS E ESTRUTURAÇÃO DO INSTRUMENTO.....</i>	<i>45</i>
3.3.2. <i>AValiação DE CONTEÚDO POR JUÍZES.....</i>	<i>46</i>
3.3.3. <i>PRÉ-TESTE - ANÁLISE SEMÂNTICA DOS ITENS.....</i>	<i>47</i>
<b>3.4. Piloto .....</b>	<b>48</b>
<b>4. RESULTADOS .....</b>	<b>50</b>
<b>4.1. Análise dos Domínios por juízes.....</b>	<b>50</b>
<b>4.2. Análise de conteúdo dos itens e domínios por Juízes .....</b>	<b>60</b>
4.2.1. <i>ANÁLISE SEMÂNTICA - PRÉ-TESTE.....</i>	<i>67</i>
<b>4.3. Análises do estudo piloto .....</b>	<b>73</b>
<b>5. DISCUSSÃO .....</b>	<b>82</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>99</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo o foco da psicologia do desenvolvimento humano esteve voltado mais para o fim da infância e entrada na adolescência do que para o fim da adolescência e entrada na vida adulta. Entretanto, questões como adolescência prolongada, transição para a fase adulta e status de maioridade vêm despertando cada vez mais atenções. Principalmente nas últimas duas décadas discussões e estudos mostram-se mais frequentes e necessários. A idade dos 18 anos é ainda utilizada, majoritariamente, como instante de corte para a idade adulta em culturas ocidentais desenvolvidas, embora varie para diferentes políticas legais e sociais (Brandão, Saraiva, & Matos, 2012). Contudo a entrada na vida adulta, assim como o processo para atingir tamanho status se apresentam embasados em novas estruturas que não se esgotaram em investigações (Kublikowski, & Rodrigues, 2016). Do mesmo modo, os marcos socioculturais considerados típicos da transição para a idade adulta, que até então ressaltavam a estabilidade financeira, o casamento e o nascimento do primeiro filho, vêm sendo questionados, à medida que transformações econômicas e sociais prevalecem e, principalmente, não correspondem inteiramente à percepção de status de adulto da maioria dos jovens da atualidade (Brandão *et al.*, 2012; Mendonça, Andrade, & Fontaine, 2009).

Novas características das sociedades pós-industriais levaram à definição de novos entendimentos no contexto da Psicologia do Desenvolvimento, dos quais se destaca a teoria da Adulthood Emergente [*“Emerging Adulthood”*], desenvolvida por Arnett em 2000. O autor se refere a uma fase do desenvolvimento humano única e distinta, demograficamente, subjetivamente e no que concerne à exploração de identidade, agrupando jovens de aproximadamente 18 a 25 anos, representantes de sociedades ocidentais, desenvolvidas (Arnett, 2000; Brandão *et al.*, 2012). Nesta fase específica os jovens desenvolvem características necessárias para se tornarem autônomos e assumir responsabilidades típicas dos adultos, conseqüentemente, tendem a postergar determinadas tarefas como a carreira profissional e o casamento, por estarem em um período propício para a exploração de diferentes oportunidades (Arnett, 2000; Kublikowski & Rodrigues, 2016; Mendonça *et al.*, 2009; Wood *et al.*, 2018).

Junto a consideráveis demandas provocadas por transformações socioculturais e à constatação de que a linha do desenvolvimento humano necessitava ser revista, um novo corpo de evidências, que evoluiu consideravelmente nos últimos 10 anos, mostrou, através de descobertas sobre maturação cerebral de adolescentes e jovens adultos, que tornar-se adulto é muito mais complexo e demorado temporalmente do que se previa, e não é indicado apenas por mudanças nos marcadores sociais, mas por mudanças importantes na estrutura e função do

cérebro e, conseqüentemente, no desenvolvimento cognitivo e psicossocial dos jovens (Knežević, 2018).

Posto isso alguns autores (Icenogle *et al.*, 2019; Knežević, 2018; Siegel, 2013; Steinberg, 2008) passaram a defender, não o surgimento de uma nova fase, mas o prolongamento de uma fase já existente, a adolescência, motivados pelos achados da neurociência, que revelam que o cérebro não está maturado antes dos 24-25 anos. Atualmente, portanto, evidências de maturação, quando utiliza medidas sociais, fisiológicas e comportamentais, sugerem que um indivíduo no final da adolescência não deve ser considerado um adulto, e um tempo adicional, de seis ou mais anos de maturação, deveria ser incluído nos paradigmas do desenvolvimento humano (Hochberg & Konner, 2020).

A partir da observação clínica e empírica de que jovens em determinado momento de vida experienciavam um período específico do amadurecimento, junto com o forte interesse em compreender a influência da interação entre genética e meio ambiente, assim como os processos de desenvolvimento cerebral, cognitivo, emocional e social, preterindo um determinismo único para se entender essa etapa, surgiu a proposta da Pós-Adolescência, uma fase exclusiva do desenvolvimento humano, entre a adolescência e a fase adulta.

A utilidade em distinguir a pós-adolescência entre as propostas de adolescência estendida e adulez emergente tornou-se necessária, assim como a justificativa para questioná-las. É inevitável observarmos as demandas provocadas por transformações socioculturais, que embasam mudanças nos papéis adultos tradicionais e justificam um prolongamento da entrada na vida adulta. Do mesmo modo é fundamental considerarmos os estudos sobre o desenvolvimento e funcionamento cerebral, que demonstram que a maturação, de modo geral, não está completa no final da adolescência. Ainda que ambas as propostas tenham o potencial para reformular as definições de adolescência, transição para a idade adulta e status de maioridade, muitos dos estudos manifestam-se de forma unidimensional em suas explicações, além de se referir predominantemente a indivíduos pertencentes às sociedades ocidentais, industrializadas (Cauffman & Steinberg 2000; Coté, 2014; Knežević, 2018).

Embora a Pós-adolescência compreenda a cultura e os contextos ambientais como parte determinante de suas características, pretende revelar seu caráter mais universal, dado que sua essência parte dos princípios: 1) a passagem do ser adolescente para o ser adulto não acontece de forma direta; 2) existe um processo em relação à aquisição de competências e habilidades específicas para lidar com demandas da vida adulta; 3) o estágio abrange um período exclusivo e crítico de vida e 4) diversos fatores atuam em conjunto para justificar sua existência.

Este estudo confere especial atenção a esta fase, principalmente por ser uma etapa singular e crítica do amadurecimento. Partimos da noção de que a biologia evolutiva, em sua forma clássica, prescreve que os animais devem atingir a maturidade para preencherem os desígnios da natureza, sobreviver e, em última instância, perpetuar a vida. Nessa perspectiva, a pós-adolescência compreende um período exclusivo para a capacitação do indivíduo em se tornar independente, autônomo e responsável por si mesmo, também, em última instância, sobreviver e perpetuar a vida. Premido pelo tempo, o sistema mental, regido pela genética junto com fatores ambientais, atua concomitantemente em duas pontas, a do desmanche da dependência (típica dos adolescentes) e a da montagem da independência (típica dos adultos).

Os pontos de corte que determinam as transições no percurso do desenvolvimento destacam aspectos maturacionais que respaldam importantes diferenças entre adolescentes, pós-adolescentes e adultos, e evitam definir os estágios apenas de acordo com novas demandas vindas de transformações socioculturais (Geary, 2006). Especificamente a compreensão sobre o desenvolvimento e a função cerebral são de extrema importância para o estudo da pós-adolescência. A maturação cerebral continua além da adolescência, estendendo-se por alguns anos, e esse prolongamento fornece suporte crítico para um período específico como um estágio de maturação pós-adolescente (Blakemore & Choudhury, 2006).

No final da adolescência, os indivíduos ainda carecem de certas capacidades cognitivas e habilidades sociais necessárias para assumir as responsabilidades e atribuições da vida adulta. Isto é visto também entre alguns mamíferos e em sociedades forrageiras (Hochberg & Konner, 2020). O período entre a adolescência e a fase adulta é marcado pelo afinilamento do processo de amadurecimento, quando se requer o aprimoramento de fundamentos essenciais a caminho da vida adulta. Sugerimos neste estudo que alguns requisitos que garantem a entrada na vida adulta se completam, mesmo que nem sempre integralmente, na fase posterior à adolescência e anterior à fase adulta. Não por coincidência, o processo de maturação se mostra análogo ao processo educacional. Enquanto toda a formação do ensino fundamental e médio é de natureza mais genérica, a graduação tem um fim específico de habilitação para o exercício profissional. Do mesmo modo, o pós-adolescente experimenta uma fase de especialização e aprimoramento para exercer a vida adulta.

Elaboramos sete Domínios da Pós-adolescência, fundamentos do processamento mental, que contemplam a sistematização do abandono da dependência e a sistematização de aquisição da independência através do desenvolvimento de competências e habilidades para lidar com atributos da vida adulta, e que, por sua vez, envolvem demandas genéticas, culturais e ambientais momentâneas.

Nesta pesquisa os domínios foram utilizados como dimensões na construção dos itens que compõem a Escala da Pós-Adolescência, instrumento de medida, que este trabalho propôs construir e cujas propriedades psicométricas ele propôs analisar, na intenção de contribuir com a viabilização da proposta da Pós-Adolescência. Através de procedimentos qualitativos e quantitativos, que envolveram análises feita por juízes e a aplicação do instrumento piloto junto a uma amostra da população alvo (488 moradores da cidade de São Paulo com idades entre 14 e 29 anos), foram avaliadas as evidências de validade de conteúdo, validade de constructo, validade de critério e precisão. O desenvolvimento de uma nova ferramenta de medida é complexo, inclui diversos recursos e o acúmulo de conhecimentos de diferentes áreas. Quando demonstram boas propriedades psicométricas, os instrumentos são pertinentes e capazes de apresentar resultados cientificamente adequados. Desta maneira são significativos integrantes da prática clínica e da pesquisa (Coluci, Alexandre, & Milani, 2015; Streiner e Norman, 2008).

Este estudo, portanto, teve como principal objetivo desenvolver a versão preliminar da Escala da Pós-Adolescência, um instrumento de medida que permita discriminar três faixas etárias – adolescentes (14 a 17 anos)<sup>1</sup>, pós-adolescentes (18 a 25 anos) e jovens adultos (26 a 29 anos) – através da perspectiva de que há uma progressão da aquisição de comportamentos associados à independência em direção à fase adulta. Consequentemente, como objetivo específico, buscamos avaliar as propriedades psicométricas do instrumento. Por fim, ainda como parte dos objetivos, pretendemos viabilizar, através do conjunto de procedimentos e análises, a investigação sobre a proposta da fase da pós-adolescência.

Como justificativa é importante ressaltar que não foram encontrados instrumentos que comparem as três faixas etárias propostas e que, desta forma, destaquem um período específico entre as fases da adolescência e da adultez. Um instrumento elaborado por Reifman, Arnett e Colwell (2007) enfatiza características de um período exclusivo (adultez emergente), entretanto não compara este possível período aos outros dois períodos já existentes do desenvolvimento.

Notado o interesse e a importância que o final da adolescência e a transição para a vida adulta têm despertado nas comunidades acadêmicas e clínicas, esta pesquisa se justifica ainda, procurando contribuir para o enriquecimento dos estudos na área da Psicologia do Desenvolvimento, através da compreensão mais detalhada sobre os variados aspectos de uma etapa específica da vida. A importância da definição e reconhecimento da pós-adolescência como uma fase distinta aponta, também, para questões e necessidades próprias desta fase, a partir de parâmetros mais científicos. Ao destacarmos este período haverá uma chance maior

---

<sup>1</sup> Faixa etária utilizada neste estudo, que compreende apenas parte da adolescência.

de se trabalhar com demandas específicas e correlacioná-las de maneira mais apropriada com questões institucionais, educacionais, legais, sociológicas, psicológicas, entre outras.

Ademais, o período que sucede a adolescência pode dar origem a quadros específicos de dificuldades ou transtornos mentais significativos, por se tratar de um período crítico do amadurecimento e da vida. Embora estudos futuros sejam necessários para avaliar essa premissa, suspeitamos que uma parte dos transtornos da função mental humana seja decorrente de dificuldades na aquisição de atributos necessários para lidar com demandas da vida adulta. Eventualmente, passam despercebidos ou diagnosticados conforme os sintomas mais evidentes, como quadro de ansiedade, quadro depressivo, quadro de dependência. Seria, portanto, uma forma prevenção, diagnóstico e oportunidade de um tratamento mais adequado.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. Adolescência

A adolescência por muito tempo se apresentou espremida como uma etapa de transição entre a infância e a vida adulta, marcada por crises, instabilidades e rebeldias, muito justificadas pela supressão da infância e a árdua entrada na vida adulta. Porém, o foco contemporâneo, principalmente nas sociedades ocidentais, incide sobre importantes transformações físicas, cognitivas, comportamentais, emocionais e sociais desta fase do desenvolvimento, atribuindo à "adolescência um sentido em si mesma" (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, & Silveiras, 2009, p. 227).

A faixa etária média que define adolescentes está entre os 11 e os 19 anos, contudo existem oscilações deste período determinadas pelas leis ou culturas. A Organização Mundial da Saúde - OMS (1965) considera adolescentes, os indivíduos que têm entre 10 e 20 anos, o mesmo critério é adotado tanto pelo Ministério da Saúde do Brasil (Brasil, 2007a), como pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Brasil, 2007b). Já para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, o período da adolescência vai dos 12 aos 18 anos (Brasil, 1990).

Embora existam divergências em relação às características e limites cronológicos, principalmente a respeito de seu fim, a adolescência é marcada por evidentes transformações. A puberdade, é um fenômeno da adolescência que embora varie em tempo, gênero e ambiente, se destaca, a princípio, pelas mudanças morfológicas e fisiológicas, mas também comportamentais. A liberação de hormônios puberais, que desencadeiam o processo de maturação sexual, resulta em muitas mudanças físicas que incluem “o aumento do crescimento e da taxa metabólica, alterações de gordura e músculo, desenvolvimento mamário e genital e o aparecimento de características sexuais secundárias” (Vijayakumar, Macks, Shirtcliff, & Pfeifer, 2018, p. 1). Ao mesmo tempo, os adolescentes experimentam mudanças notáveis nos processos cognitivos, comportamentais, emocionais e sociais (Choudhury, 2010). Nas últimas duas décadas, principalmente, as pesquisas em neurociência do desenvolvimento redirecionaram a atenção para o estudo dos aspectos estruturais e funcionais do desenvolvimento do cérebro adolescente (Collins & Steinberg, 2007). Transformações no desenvolvimento do cérebro predisõem os adolescentes a se comportarem de maneiras particulares (Spear, 2000) e são reflexos de um processo de maturação natural do cérebro (A. Andrade, Bedendo *et al.*, 2018). O desenvolvimento cognitivo à medida que ocorre em



contextos sociais afeta, de forma específica, o desempenho do julgamento, da tomada de decisão e risco, do planejamento, do controle de impulso, entre outros. O período da adolescência carrega também mudanças na situação legal e social, que geralmente trazem mudanças de direitos, privilégios e responsabilidades (Collins & Steinberg, 2007; Steinberg, 2009).

Ainda que estudos atuais tendam a movimentar a área para além de noções reducionistas a respeito da adolescência, alguns aspectos e características permanecem sendo destacadas e compartilhadas entre diferentes abordagens e tornam-se especialmente importantes para este estudo. Adolescentes em uma variedade de espécies exibem características comportamentais específicas da idade que podem ter evoluído para ajudá-los a alcançar as habilidades necessárias para a independência rumo à vida adulta (Spear, 2000).

Um dos comportamentos mais abordados, por ser frequente durante a adolescência, é o de risco. Estudos de diferenças de idade sobre ações de tomada de risco indicam um pico na adolescência, sugerindo que os adolescentes demonstram uma propensão elevada, ou inclinação inerente, para correr riscos, o que, por sua vez, está atrelado à falta de capacidade para prever consequências ou projetar o futuro (Icenogle *et al.*, 2019). O comportamento de risco também ocorre em função de uma busca por novas e desafiadoras experiências que por sua vez tendem a favorecer o desenvolvimento psicossocial na medida em que possibilita a relação entre pares e contribui para o desenvolvimento da autonomia (Zappe, Alves & Dell Aglio, 2018). Ao longo do desenvolvimento, a tendência é de redução na tomada de comportamentos de risco, a depender também dos contextos ambientais, dando espaço a comportamentos cada vez mais regulados para um futuro orientado e planejamento (Taber-Thomas & Pérez-Edgar, 2015).

Outro aspecto bastante abordado diz respeito às características das relações interpessoais, que se mantêm bastante voltadas para a distinção e separação de influências familiares e concomitantemente a expansão de redes extrafamiliares (Collins & Steinberg, 2007; Icenogle *et al.*, 2018; Laursen & Collins, 2004). O adolescente busca se diferenciar da família, também para progredir em sua autonomia e frequentemente a substitui por outros modelos e/ou pelo seu grupo social de pares (Stengel *et al.*, 2018). Ainda que os pares sejam, comumente, influências muito importantes para os adolescentes, o processo de desenvolvimento de uma identidade própria é também importante característica que se inicia na adolescência. A identidade seria composta por valores, crenças e metas com que um indivíduo se compromete e, embora não se conclua na adolescência, é uma tarefa imprescindível a caminho da vida adulta (Konstam, 2019; Schoen-Ferreira *et al.*, 2009).

As duas transições que representam os limites do período – da infância para a adolescência e da adolescência para a fase adulta – receberam desigual atenção durante muito tempo, estando visivelmente mais voltada ao estudo do fim da infância e entrada na adolescência do que à entrada na vida adulta. Ainda assim, estudos sobre o fim da adolescência, o processo de transição para a vida adulta e o status da maioridade despertam cada vez mais interesses e nos últimos anos vêm se mostrando mais frequentes.

O fim da adolescência e a entrada na vida adulta apresentam-se embasados em novas referências e demandas que requerem ser investigadas e destacadas. Autores como Daniel Siegel (2013), Laurence Steinberg (2010) e Suzana Houzel (2005), acreditam que a adolescência perpassa a juventude ou o que usualmente era consolidado como período jovem adulto, até o momento em que os indivíduos se tornam capazes de resolver situações intrínsecas ao mundo adulto e conseguem compreender a si próprios e ao mundo que está a sua volta de maneira independente e autônoma (Steinberg, 2010). A princípio esta ideia pode nos oferecer um entendimento mais subjetivo sobre o status de maioridade, o que não deixa de conter verdade, mas não só, já que o processo para atingir a vida adulta é acompanhado por uma complexidade que envolve aspectos biológicos, fisiológicos, culturais, socioeconômicos e experiências individuais.

Enquanto estes autores defendem o prolongamento da fase da adolescência, outros, como Arnett (2000), sugerem a existência de um período com características próprias no desenvolvimento humano, situado entre a fase da adolescência e a fase adulta. Ambas as propostas destacam o ambiente caracterizado por transformações socioeconômicas e consideram este fenômeno, normativo nos países desenvolvidos. Alguns termos são sugeridos para definir o tempo entre o final da adolescência e o início da vida adulta, como adolescência estendida, adolescência prolongada e adulez emergente (Arnett, 2000; Siegel, 2013; Steinberg, 2010). Tanto a Adulez Emergente como a Adolescência Estendida pretendem fortalecer a ideia de que os jovens não devem ser considerados adultos ao atingir 18 anos.

## **2.2. Adolescência Estendida**

Evidências de maturação, quando se utilizam parâmetros de desenvolvimento cerebral, consequentemente cognitivo, sugerem que as pessoas no final da adolescência, classicamente representada pelas idades de 17 a 19 anos na maioria dos países ocidentais, não devem ser consideradas adultas. Sendo assim, um período adicional a esta fase, de aproximadamente 6 anos, deveria ser incluído nos paradigmas de desenvolvimento humano (Hochberg & Konner,

2020). Estudos sugerem a extensão do período da fase da adolescência, devido a constatações neurocientíficas, sobre o funcionamento e maturação cerebral. Conforme Siegel (2013), a maturação cerebral, de modo geral, só ocorre após os 24 anos, portanto os indivíduos não deveriam ser vistos como adultos antes disso, tornando o período da adolescência mais extenso. Faz-se necessário diferenciarmos essa linha de raciocínio do que é comumente chamado de adolescência tardia ou amadurecimento tardio, que representam, no geral, pessoas que relutam ou não conseguem amadurecer adequadamente, evidenciando dificuldades, déficits ou transtornos do desenvolvimento. São abordagens distintas, mas que merecem pesquisas que se cruzam.

Estudos sobre o desenvolvimento e funcionamento cerebral dos adolescentes, vêm reestruturando o modo com o qual os cientistas pensavam o desenvolvimento humano antes considerado regulamentar. Embora aspectos importantes dos circuitos cerebrais existam na adolescência e alguns desempenhos estejam próximos ao nível adulto, ainda existem inflexibilidades nas redes que limitam o uso eficiente e flexível do controle cognitivo, indicando a falta de maturidade no final da adolescência e início da vida adulta jovem (Knežević, 2018). Acredita-se que a rede de controle cognitivo de maturação mais lenta seja governada pelo córtex pré-frontal, que envolve funções cognitivas de alto nível como controle da conduta, tomada de decisão e planejamento, rede esta que não está totalmente madura até pelo menos meados dos 20 anos (Crone & Ridderinkhof, 2011; Crone & Steinbeis, 2017; Knežević, 2018; Steinberg, 2008). Os achados revelados por pesquisas feitas com o uso da ressonância magnética, permitindo aos pesquisadores documentar processos de desenvolvimento cerebral em larga escala, fornecem suporte para a necessidade de se rever a possível extensão do período da adolescência (Knežević, 2018).

Um estudo realizado por Cohen *et al.* (2016), junto com outras pesquisas científicas referenciadas pelos autores, demonstraram que, nos jovens, mesmo com mais de 18 anos, há um controle cognitivo diminuído em relação a adultos em situações emocionais negativas, o que pode ter implicações inclusive para a política legal (Chein, Albert, O'Brien, Uckert, & Steinberg, 2011; Cohen *et al.*, 2016; Somerville, Hare, & Casey, 2011; Steinberg, 2009). Abre-se um parêntese para ressaltar que descobertas baseadas em neuroimagens sobre o desenvolvimento de capacidades cognitivas e habilidades psicossociais, têm sido referenciadas em decisões da Suprema Corte dos EUA com relação ao tratamento de infratores juvenis na última década. A identificação do funcionamento cognitivo imaturo de jovens, mesmo no final da adolescência e entrada na fase adulta, vem contribuindo para que o tribunal o reconheça

como um fator atenuante em julgamentos de culpabilidade criminal (Cohen & Casey, 2014; Steinberg, 2009).

Se o desenvolvimento do cérebro adolescente continua por um período mais longo do que se pressupunha, e as funções cerebrais que envolvem processos cognitivos complexos como planejamento, tomada de decisão e previsão de consequências, se desenvolvem mais tarde do que se suspeitava, conclui-se que tais descobertas podem ajudar diversos profissionais a considerar novas estratégias para disponibilizar aos jovens adequadamente papéis, responsabilidades e direitos, à medida que se desenvolvem. Além disso, fornecem evidências para que políticas públicas sejam adaptadas a partir do entendimento sobre o desenvolvimento cerebral durante a transição da adolescência para a idade adulta (Knežević, 2018; Steinberg, 2009).

Apesar dos estudos revelarem uma continuação do desenvolvimento da estrutura e função do cérebro após a adolescência, estendendo esse período, muito não se sabe sobre como exatamente essas mudanças estão relacionadas à maturação das funções cognitivas especificamente durante esta etapa prolongada; os modelos de desenvolvimento correspondentes ainda são, portanto, insuficientes, reforçando a importância de novos e contínuos estudos (Knežević, 2018).

### **2.3. Adulter Emergente**

Ainda nas décadas de 1960 e 1970, autores como Erikson (1968), Keniston (1971) e Levinson (1978) refletiam sobre a possível existência de um período específico entre a fase da adolescente e a fase adulta. Uma das primeiras contribuições teóricas para a investigação e conceitualização desta etapa do desenvolvimento corresponde aos trabalhos de Erikson (1968). O autor referiu-se ao conceito de adolescência prolongada [*“prolonged adolescence”*], descrevendo-o como um período típico das sociedades industrializadas, situado entre a adolescência e a fase adulta, durante o qual haveria o adiamento de compromissos e responsabilidades característicos dos adultos. “Um período em que os compromissos e responsabilidades de adultos estão atrasados, enquanto a experimentação do papel que começou na adolescência continua e em certos pontos se intensifica” (Erikson, 1968, p. 156).

Keniston (1971) caracterizou a juventude [*“youth”*] como um período situado entre a adolescência e a vida adulta, identificado pela experimentação de papéis, enquanto a sociedade americana, assim como algumas sociedades da Europa Ocidental, estava marcada por movimentos de protestos conduzidos por jovens acerca do envolvimento na guerra do Vietnã.

Naquela época o autor descreveu a juventude como um “período de tensão entre o eu e a sociedade” [*tension between self and society*] e de “recusa de socialização” [*refusal of socialization*] (Keniston, 1971, pp. 8-9).

Levinson (1978) chamou de nova fase do desenvolvimento [*novice phase of development*] um período que compreendia jovens de 17 a 33 anos cuja principal tarefa seria a de se guiar para o mundo adulto e, desta forma, construir uma estrutura de vida estável. Durante este processo, o jovem experimentaria mudanças e instabilidades, enquanto selecionava diversas possibilidades para estabelecer uma estrutura de vida mais estável (Levinson, 1978).

Tempos depois, em 2000, Jeffrey Arnett desenvolveu a teoria da Aduldez Emergente [*Emerging Adulthood*], destacando um período do desenvolvimento humano único e distinto, demograficamente, subjetivamente e no que diz respeito a explorações de identidade, que abriga jovens de aproximadamente 18 a 25 anos, pertencentes a sociedades ocidentais, desenvolvidas.

Proponho uma nova teoria do desenvolvimento, com foco nas idades de 18 a 25 anos. Argumento que esse período, a idade adulta emergente, não é a adolescência nem a idade adulta jovem, mas é teórica e empiricamente distinta de ambas. Tendo deixado a dependência da infância e adolescência e ainda não tendo assumido as responsabilidades duradouras que são normativas na idade adulta, os adultos emergentes muitas vezes exploram uma variedade de possíveis direções de vida no amor, no trabalho e nas visões de mundo. (Arnett, 2000, p. 469).

Ainda que as importantes propostas de Erikson (1968), Keniston (1971) e Levinson (1978) tenham contribuído para construir a base teórica da Aduldez Emergente, a qualidade do período mudou consideravelmente desde a época de seus escritos (Arnett, 2001). As transformações mais recentes nas sociedades industrializadas e o concomitante adiamento dos papéis característicos da transição para a fase adulta do desenvolvimento, principalmente nas últimas três décadas, foram fundamentais para se desenvolver a teoria da Aduldez Emergente. Profusas transformações econômicas, sociais e culturais resultaram na presença de percursos educacionais mais longos e na inserção ao mercado de trabalho mais tardia, assim como no aumento da idade média do primeiro casamento e do nascimento do primeiro filho e, principalmente, permitiram uma vivência mais instável, exploratória e plural, consequentemente prolongando a condição juvenil (Arnett, 2001; 2007).

A maior parte do trabalho de Arnett (2000; 2001; 2007) dedicada à idade adulta emergente enfoca critérios que os próprios jovens consideram necessários para atingir o status de adulto. Em 2001, Arnett elabora um instrumento para avaliar os marcadores da fase adulta, o *Questionnaire of Markers of Adulthood*, e ressalta cinco marcadores que seriam mais

apropriados para a época em questão, a partir de parâmetros psicológicos, biológicos, sociais e contextuais de transição para a idade adulta: I. Independência e maturidade emocional; II. Competências familiares; III. Estabelecimento de objetivos; IV. Transições biológicas, sexuais e legais; V. Transições sociais (Arnett, 2001).

Em 2007, Reifman *et al.* desenvolveram o Inventário das Dimensões da Idade Adulta Emergente (IDEA) – [*“Emerging Adult Dimension Inventory”*], um instrumento projetado para medir as cinco dimensões da idade adulta emergente, que foram definidas como: I. O período de exploração da identidade [*“the age of identity explorations”*]; II. Idade da instabilidade [*“the age of instability”*]; III. Tempo do autofoco [*“the self-focused age”*]; IV. Idade de se sentir entre fases [*“the age of feeling in-between”*]; V. Idade das possibilidades [*“the age of possibilities”*]. Este instrumento foi adaptado a outras línguas e validado em outros países. No Brasil, podemos apreciar o importante estudo de Dutra-Thomé e Koller (2017), *Brazilian version of the inventory of the dimensions of emerging adulthood: investigating the current transition to adulthood*.

Conforme Zorotovich (2014), o período emergente da idade adulta se estende por aproximadamente 11 anos e inclui indivíduos que buscam diferentes caminhos educacionais e de trabalho, do mesmo modo, inclui aqueles que experimentam diferentes possibilidades de vida. Se, por um lado, os adultos emergentes, durante esta fase específica, desenvolvem as características necessárias para se tornarem autônomos e assumir responsabilidades típicas dos adultos, por outro, tendem a postergar tarefas antes normativas do status de adulto, por estarem em um período propício para a exploração de diferentes oportunidades (Wood *et al.*, 2018). Entretanto isto é verificado em sociedades ocidentais desenvolvidas e, ainda assim, em determinada parcela da sociedade, as mais favorecidas, tornando o fenômeno possível apenas entre os que podem estender o percurso educacional, postergar a aquisição de um emprego e experimentar caminhos mais flexíveis de vida. Pessoas que pertencem a níveis socioeconômicos mais baixos geralmente entram em papéis adultos mais cedo do que suas contrapartes de níveis mais altos, conseqüentemente têm menos chances de viver um período prolongado de exploração, embora geralmente não estejam preparados para assumir tarefas adultas, devido à falta de investimentos, oportunidades, experiências e treinamentos adequados (Dutra-Thomé & Koller, 2014; 2017; Furstenberg, 2008).

No início de seus estudos sobre a proposta de adultez emergente, Arnett (1998) conduziu uma comparação transcultural para determinar se as concepções da fase adulta variavam culturalmente. Algumas diferenças foram destacadas entre jovens americanos e jovens de países não desenvolvidos. Enquanto os americanos relataram critérios mais

individualistas como necessários para se atingir a idade adulta (como a exploração de identidade e possibilidades), os jovens pertencentes a sociedades tradicionais, não desenvolvidas (como Marrocos e Polinésia) relataram que o casamento e algumas qualidades de caráter (por exemplo, caráter moral, controle de impulso e devoção) eram de maior importância (Arnett, 1998).

Os estudos sobre a teoria da fase adulta emergente decorrente dos trabalhos de Arnett (2000; 2001; 2007) corroboram com a ideia de uma fase de transição influenciada primordialmente pelo meio ambiente. O fato de não incluir outros fatores no processo de amadurecimento, assim como a falta de evidências transculturais mais robustas que sustentaria a teoria de adultez emergente fora das paredes ocidentais, provocam reações à validade e ao valor do conceito (Coté, 2014), apesar da importância voltada para se rever a linha tradicional do desenvolvimento humano.

#### **2.4. Pós-Adolescência**

A ideia da existência de uma fase específica do desenvolvimento humano, entre a fase da adolescência e a fase adulta, surgiu de uma demanda clínica e de observações empíricas, antes mesmo da busca pela literatura científica. Os jovens observados, que estavam entre o final da adolescência e meados dos 20 anos, pareciam ter questões e comportamentos intrínsecos e representativos em relação à aquisição de independência e autonomia em direção à vida adulta. Junto com estas observações supôs-se que uma parte significativa dos transtornos da função mental humana pudesse ser decorrente de dificuldades durante a aquisição de atributos necessários para lidar com demandas da vida adulta, especificamente vivenciados na fase da Pós-Adolescência.

Quando se buscaram referências teóricas sobre o final da adolescência e a transição para a fase adulta, foram encontrados estudos que corroboravam em parte com a suspeita sobre a existência de um período específico da vida com características e demandas próprias, distintas da adolescência e da fase adulta. Embora os achados somem de forma substancial à proposta da Pós-Adolescência, eles divergem em alguns pontos.

Durante o processo de investigação e elaboração da proposta / conceito, apesar de as observações e os estudos incidirem sobre jovens que pertenciam a culturas ocidentais, industrializadas, inseridos nas camadas sociais mais altas, presumimos que a pós-adolescência, em sua essência, poderia atender a diversos jovens, inclusive de diferentes culturas, visto que ela se refere a um período específico de aquisição de habilidades, competências e independências específicas a caminho da fase adulta. Além disso, o estudo da Pós-

Adolescência, diante da complexidade em se definir uma fase do desenvolvimento, contempla diferentes aspectos intrínsecos a esta etapa. Apesar de a investigação não se esgotar aqui, levantamos aspectos que pretendem respaldar a proposta, como aspectos evolutivos, aspectos do desenvolvimento e maturação cerebral e conseqüentemente do desenvolvimento cognitivo, assim como aspectos do desenvolvimento e das expectativas sociais e culturais. Provavelmente algumas das características em torno dessa fase manifestam-se de formas e em tempos diferentes, de acordo com o ambiente e a história de cada indivíduo, pois as capacidades – cognitivas e as habilidades psicossociais – são afetadas de diferentes maneiras por diferentes situações.

A pós-adolescência, enquanto parte do processo do desenvolvimento humano, propõe refletir seu caráter mais universal (mesmo que haja variação cronológica e de algumas características) na medida em que seus pressupostos se baseiam na evolução biológica e cultural interagindo e fundamentando essa etapa específica da vida. Buscamos entender, ainda que não completamente neste estudo, como os mecanismos genéticos e ambientais embasam o desenvolvimento de competências sociais e capacidades cognitivas e como esses processos se adaptam às condições locais (Grotuss, Bjorklund, & Csinady, 2007). Entre a adolescência e a fase adulta, existe um período específico, visto também em outros mamíferos, o que implica uma evolução genética, assim como também é visto em sociedades forrageiras e nas sociedades desenvolvidas - o que implica a ocorrência de plasticidade adaptativa e influências culturais (Hochberg & Konner, 2020). Assim, recorreremos a postulações evolucionistas para definir e compreender a pós-adolescência, argumentando que não é apenas um período de transição sociológica, mas também uma fase da história de vida biológica.

A dependência prolongada e a instabilidade comum dos jovens nas sociedades modernas, não se devem apenas à complexidade destas sociedades em transformação, mas ao fato de que eles, inerente e fisiologicamente, ainda estão em desenvolvimento (Hochberg & Konner, 2020). A pós-adolescência é também um período de maturação cerebral. A extensão da trajetória do desenvolvimento cerebral foi até recentemente subestimada, e atualmente fica mais fácil observar que o desenvolvimento da estrutura e da função do cérebro não para com a conclusão da puberdade. A maturação continua além da adolescência, estendendo-se por alguns anos (Knežević, 2018). Esta descoberta fornece suporte para a confirmação de uma fase pré-adulta como um estágio maturacional pós-adolescente. Na fase intermediária entre adolescência e fase a adulta as capacidades cognitivas e habilidades sociais, aumentam para atingir um esperado pico na fase adulta. A obtenção dessas habilidades é também resultado de uma complexa interação de maturação cerebral e interação com o meio ambiente (Collins &



Steinberg, 2007; Hochberg & Konner, 2020; Knežević, 2018).

A pós-adolescência é um período crítico do desenvolvimento humano, que requer um salto qualitativo dos comportamentos associados a dependência típicos dos adolescentes para os de independência e autossuficiência típicos dos adultos. Concomitantemente atuam duas importantes pontas, a do desmanche da dependência e a da montagem da independência. Este processo é fundamental para que sejam cumpridas tanto as demandas do ambiente quanto as demandas genéticas que nos impulsionam para a vida adulta. Durante esta etapa, em geral, ocorre um controle maior dos impulsos que colocaram o indivíduo em risco durante a puberdade (Schaie, Willis & Caskie, 2004; Steinberg, 2010), ao mesmo tempo em que aumenta a sensibilidade às consequências negativas, promovendo a tomada de decisões orientadas para o futuro (Steinberg, 2008; Taber-Thomas & Pérez-Edgar, 2015). De forma geral, é um estágio onde a auto expressividade aumenta, assim como o desprezo por algumas ideologias. Eventualmente, a consciência política e a consciência voltada para questões sociais são manifestadas de forma mais crítica e individualizada. É um período propício para a exploração de oportunidades em direção à independência financeira, que conseqüentemente promove outros tipos de independência e vice e versa (Collins & Steinberg, 2007). Aumenta-se também o aprendizado sobre intimidade e apoio mútuo, assim como ocorre uma intensificação das amizades pré-existentes e o desenvolvimento de novos relacionamentos reforçando, em última instância, a obtenção de habilidades biossociais necessárias para o sucesso da reprodução, possibilitando a continuidade da vida (Hochberg & Konner, 2020; Knežević, 2018; Steinberg, 2010).

Todavia essa fase tende a se acelerar ou delongar conforme uma série de variáveis que afetam cada indivíduo e pode, portanto, variar cronologicamente e em algumas características. De acordo com os estudos encontrados e com observações clínicas, delimitamos um recorte etário que compreende jovens com aproximadamente 18 a 25 anos, em comparação a jovens com menos idade e jovens com mais idade, para construir tanto os Domínios da Pós-Adolescência, quanto o instrumento proposto neste estudo.

#### *2.4.1. PÓS-ADOLESCÊNCIA E PERSPECTIVAS EVOLUCIONISTAS*

Pressupostos evolucionistas respaldam a investigação sobre a existência de uma fase entre a adolescência e a fase adulta, argumentando que não é apenas um período de transição sociológica, mas também uma fase da história de vida biológica. Um dos resultados da evolução

humana seria de um período muito prolongado de crescimento e maturidade pós-adolescente, o que é consistente com “a teoria da história de vida, a primatologia comparativa e o registro fóssil dos homínídeos” (Hochberg & Konner, 2020, p. 9). A fase entre a adolescência e a adultez é um estágio da história de vida que faz parte da “base da alta produtividade dos seres humanos: o potencial metabólico excede as necessidades metabólicas de sobrevivência e esse excesso é usado primeiro para apoiar o crescimento e a maturação cerebral antes de ser destinado à reprodução” (Hochberg & Konner, 2020, p. 9).

Estudos sugerem que um período pré-adulto adicional demanda ser endossado na linha do tempo do desenvolvimento humano. A adolescência é muitas vezes prolongada em sociedades forrageiras, assemelhando-se aos ambientes humanos de adaptação evolutiva (Hochberg *et al.*, 2011). Evidências nessas sociedades e as condições às quais os humanos se adaptaram durante a evolução mostram que nem os comportamentos reprodutivos (a maternidade/paternidade e a capacidade de administrar o relacionamento com um parceiro), tampouco as habilidades de subsistência são dominadas até o final da adolescência (Blurton-Jones & Marlowe, 2002). Os casais de jovens são costumeiramente apoiados por membros mais velhos da família ou da comunidade, que fornecem alimentos e conselhos necessários, fomentando o amadurecimento. O domínio das habilidades de subsistência leva muitos anos para ser concluído, vai se aprimorando após os vinte e poucos anos, e geralmente os indivíduos se tornam de fato proficientes nessas habilidades apenas após a terceira década de vida (Blurton-Jones & Marlowe 2002).

Blurton-Jones e Marlowe (2002), em seus estudos sobre os Hadza, caçadores-coletores do norte da Tanzânia, concluíram que não se deve supor que o aumento do desempenho e habilidade dos jovens é somente devido ao acúmulo de aprendizado e prática, mas também é atribuído ao aumento no tamanho e na força de cada indivíduo, compatível com jovens com mais idade, pré-adultos (Hawkes, O’Connell, & Jones, 1995). As evidências coletadas entre algumas sociedades forrageiras ao redor do mundo (Blurton-Jones & Marlowe, 2002) confirmam que o período entre a adolescência e a vida adulta é marcado pela maturação, pelo desenvolvimento cerebral contínuo e pelo desenvolvimento do tamanho corporal, de força, também aprendizado, e é uma adaptação fundamental para a sobrevivência e reprodução humana. Essas realidades destacam as vantagens adaptativas de uma fase de amadurecimento humano pós-adolescente que requer um período de maturação e aprendizado específicos e substanciais. Os indicativos das sociedades forrageiras e as condições às quais os humanos se adaptaram durante a evolução mostram que nem os comportamentos reprodutivos, tampouco as habilidades de subsistência, são dominados até o final da adolescência (Blurton-Jones &

Marlowe, 2002; Hochberg & Konner, 2020).

Importante para a perspectiva evolucionista é a obtenção e otimização da competência reprodutiva e as principais características para a seleção sexual são o crescimento, a maturação e a idade de transição para a fase adulta, conseqüentemente a reprodução sexual (Konner, 2010). Os seres humanos e os grandes macacos compartilham traços parecidos, incluindo a idade entre a adolescência e a adultez. Os grandes macacos têm um período de infertilidade pós-menarca de aproximadamente 2 anos. Também nos humanos a puberdade é seguida por uma baixa fertilidade na adolescência e no início da idade adulta devido a uma alta taxa de ciclos não ovulatórios (Konner, 2010). “O baixo sucesso reprodutivo entre mulheres muito jovens parece ser um fenômeno primata geral” (Hochberg & Konner, 2020, p. 8), a esterilidade adolescente é um período em que as habilidades sexuais e sociais são praticadas sem responsabilidade, principalmente no que diz respeito ao cuidado de um recém-nascido (Wrangham, 1993). Já na fase pré-adulta, as fêmeas de macacos-vervet, como exemplo, mostram um grande interesse em bebês pequenos, tocando, abraçando e cuidando, desta forma, facilitando o desenvolvimento do papel materno (Kaplan & Hill 1985; Lancaster, 1971).

Jovens em uma variedade de espécies exibem características comportamentais específicas de uma idade, que podem ter evoluído para ajudá-los a alcançar as habilidades necessárias para conquistar a independência fundamental para a sobrevivência. Durante a evolução humana a aquisição de determinadas capacidades e habilidades necessárias para a sobrevivência resultou no prolongamento da maturação e desenvolvimento. No modelo de Charnov (1993) sobre evolução da história de vida dos mamíferos, qualquer fator que diminua a mortalidade adulta, como obter uma grande massa corporal, desenvolver uma maior sociabilidade ou se manter por mais tempo em um ambiente de baixa predação, favorece a maturação tardia. Assim, a sobrevivência se amplia quando a maturação é atrasada e conseqüentemente ao se ampliar a sobrevivência juvenil, através da extensão do estágio pós-adolescente, aumenta-se o valor reprodutivo desse ser. Deste modo, um período pré-adulto é altamente favorecido para dar continuidade à vida (Charnov, 1993).

Ademais, especificamente sobre a psicologia do desenvolvimento evolucionista, embora esteve particularmente ocupada com as adaptações associadas à infância (Grotuss *et al.*, 2007), ainda assim ressalta o encargo da seleção natural em todas as fases da vida (Martins & Vieira, 2010), o que nos estimula a gerar novos estudos que possam respaldar a proposta da pós-adolescência.

O campo de exploração faz parte de um continuum de disciplinas que vai da biologia celular à

antropologia cultural, que se concentram na compreensão de fenótipos em desenvolvimento e potencialmente em evolução; as interações recíprocas entre genética e experiências produzem variação nos fenótipos em desenvolvimento e essa variação é o grão para a seleção evolutiva. (Geary, 2006, p. 113).

#### *2.4.2. PÓS-ADOLESCÊNCIA E DESENVOLVIMENTO CEREBRAL*

Aspectos do desenvolvimento e funcionamento cerebral são imprescindíveis para os estudos acerca da pós-adolescência. Destacamos dois pontos básicos que nos guiam: 1) A adolescência é diferente da etapa seguinte, tanto em termos fisiológicos como em termos comportamentais e emocionais. 2) A etapa seguinte não convém ser a fase adulta, pela falta de maturação tanto em termos fisiológicos como em termos comportamentais e emocionais.

Um estudo aprofundado sobre o desenvolvimento da estrutura e função cerebral de adolescentes e da etapa seguinte envolveria uma pesquisa acadêmica em si. Aqui, trazemos algumas contribuições de achados da neurociência que corroboram com questões importantes na investigação sobre a fase da pós-adolescência.

Determinar o tempo exato das transições entre os estágios do desenvolvimento é uma tarefa complexa. Contudo é possível destacar alguns aspectos na estrutura e função do cérebro que indicam saltos de amadurecimento e transições ocorridos durante o desenvolvimento. Por muito tempo as pesquisas na área da psicologia do desenvolvimento colocaram pouca ênfase no desenvolvimento do cérebro juvenil em detrimento a buscas de determinantes sociais típicos deste período. No entanto o foco das pesquisas tem mudado gradualmente, com o reconhecimento de que o cérebro do adolescente difere substancialmente do cérebro jovem e do cérebro adulto (Spear, 2000).

O período de vida entre a infância e adolescência é marcado por mudanças significativas nos processos hormonais, cognitivos, comportamentais e emocionais, contudo a maturação não termina com o fim da adolescência, mas continua por um período que se estende (Crone & Ridderinkhof, 2011). Estudos indicam que o desenvolvimento do cérebro não para com a conclusão da puberdade e maturação cerebral continua além da adolescência, estendendo-se por alguns anos. Este prolongamento fornece suporte crítico para uma fase de desenvolvimento pós-adolescente, como um estágio fundamental de maturação (Blakemore & Choudhury, 2006; Crone & Steinbeis, 2017).

Sowell, Thompson, Holmes, C., Jernigan e Toga, ainda em 1999, mapearam, espacial e temporalmente, a maturação do cérebro entre adolescentes (12 a 16 anos) e jovens (23 a 30 anos), através de imagens de ressonância magnética. Entre as descobertas, demonstraram que a

maturação durante estes anos ainda estava em desenvolvimento. Esse padrão encontrado se coaduna com achados em estudos cerebrais *post-mortem* sobre o desenvolvimento cerebral e sobre o desenvolvimento contínuo de funções cognitivas atribuídas principalmente às estruturas frontais cerebrais, ao longo da juventude (Sowell *et al.*, 1999). O córtex cerebral tem seu processo de maturação ao longo do desenvolvimento infantil, adolescente e segue até por volta dos 20 e poucos anos (A. Andrade, Bedendo *et al.*, 2018). Pesquisas que fizeram uso de paradigmas do controle cognitivo combinados com neuroimagens do córtex forneceram indicativos de que regiões do cérebro tipicamente associadas ao controle cognitivo apresentam mudanças de desenvolvimento ao longo da adolescência e se estendem à idade adulta jovem. Ainda que aspectos importantes do circuito cerebral estejam em vigor na adolescência e o desempenho esteja próximo ao desempenho dos adultos, existem inflexibilidades nas redes cerebrais que limitam o uso mais eficiente e flexível do controle cognitivo (Crone & Steinbeis, 2017; Knežević, 2018; Steinberg, 2008).

Especificamente, os lobos temporais pré-frontal e lateral, que estão envolvidos em comportamentos cognitivos complexos como memória, planejamento e previsão de consequências, parecem demorar mais a amadurecer, e perpassam o período da adolescência (Blakemore, 2012; Crone & Steinbeis, 2017; Knežević, Veroude, Jolles, & Krabbendam, 2016).

Knežević *et al.* (2016) realizaram uma pesquisa com jovens durante a transição do final da adolescência (18-19 anos) para a idade adulta jovem (23-25 anos), sobre os processos do desenvolvimento cerebral subjacentes a duas capacidades cognitivas: a inibição da resposta (capacidade de suprimir respostas inadequadas) e a monitorização do desempenho (capacidade de detecção de erros de desempenho, tomada de decisão otimizada, e ajustamentos comportamentais adequados). Os resultados sugerem que existe uma continuação dessas capacidades cognitivas ao longo da juventude e apontam diferenças relacionadas com a idade entre o final da adolescência e o início da fase de jovem adulto, ressaltando uma progressão destas capacidades conforme o avanço da idade. Ainda, apontam para a importância de utilizar faixas etárias estreitas ao investigar as diferenças de desenvolvimento da estrutura e função cerebral nesta fase de transição (Knežević *et al.*, 2016).

Outro importante subcomponente do controle cognitivo é conhecido como memória de trabalho, isto é, a capacidade de manter temporariamente uma informação disponível para processamento (Knežević *et al.*, 2016). Semelhante à inibição de resposta e ao monitoramento de desempenho, a memória de trabalho melhora progressivamente ao longo da infância, adolescência e idade adulta jovem (Luna, Padmanabhan, & O'Hearn, 2010). Essa mudança relacionada à idade tem sido explicada como um aumento na capacidade de processar

informações, o que significa que a capacidade da memória de trabalho funciona de forma mais eficiente de acordo com o avançar da idade e não está totalmente desenvolvida no final da adolescência (Knežević, 2018).

De acordo com Taber-Thomas e Pérez-Edgar (2015), especificamente, no período pré-adulto, aproximadamente dos 18 aos 25 anos, o neurodesenvolvimento envolve mudanças proeminentes na associação córtex e sistema límbico, que estão implicados nos processos executivos, de atenção, de recompensa e nos processos psicossociais. Tais sistemas continuam a amadurecer durante essa etapa de vida em apoio aos processos executivos e emocionais necessários para a transição para a vida adulta, particularmente o comportamento socioemocional (Taber-Thomas & Pérez-Edgar, 2015).

Outras funções de controle cognitivo também se desenvolvem relativamente tarde, embora ainda faltem pesquisas sobre suas trajetórias de desenvolvimento (Knežević, 2018). A previsão temporal, por exemplo, que é essencial para a capacidade de planejamento e tomada de decisões, ou mesmo funções cognitivas mais simples, como a atenção seletiva, e são progressivamente refinadas durante a adolescência e o período pré-adulto (Knežević, 2018; Rubia, 2013).

Em um estudo sobre o desenvolvimento cognitivo de indivíduos entre 10 e 30 anos, inseridos em diferentes países e culturas, Icenogle e colegas (2019) mostraram que enquanto algumas capacidades cognitivas atingiam níveis adultos antes mesmo dos 18 anos, a maturidade psicossocial (o que chamaram de cognição "quente", que envolve processos mentais em situações emocionalmente "carregadas", influenciando, por exemplo, a autocontenção) permanecia em desenvolvimento até meados dos 20 anos. O fato desses construtos se desenvolverem em tempos diferentes sugere uma "lacuna na maturidade" (Icenogle et al., 2019, p.16) entre a adolescência e a fase adulta.

Em suma, estudos mostram que os sistemas cerebrais que dão suporte a funções cognitivas, comportamentais e psicossociais, centrais no período entre a adolescência e a fase adulta, estão em desenvolvimento contínuo ao longo dessa janela do desenvolvimento humano (Cunningham, Bhattacharyya, & Benes, 2002; Schwartz, Wright, Shin, Kagan, & Rauch, 2003). Esta compreensão da estrutura e função cerebral fornece informações importantes para diferenciar e entender um específico período de vida e desta forma ajuda a promover um surgimento saudável do funcionamento adulto (Taber-Thomas & Pérez-Edgar, 2015).

No entanto, embora os resultados de pesquisas sugiram um refinamento contínuo de circuitos cerebrais, particularmente dos circuitos corticais pré-frontais, até a idade adulta jovem, as implicações comportamentais desse desenvolvimento cerebral prolongado, assim como as

principais diferenças entre os estágios (adolescência e pós-adolescência), carecem ainda de novos estudos (Knežević, 2018).

#### *2.4.3. DESMANCHE DA DEPENDÊNCIA E AQUISIÇÃO DA INDEPENDÊNCIA*

Os conceitos de independência e de autonomia provocam alguma discórdia quanto às suas definições. São construtos multifacetados que se referem a uma longa lista de fenômenos que variam em suas relações. Atualmente, observa-se um maior esforço integrativo, com o desenvolvimento de abordagens variadas reconhecendo as limitações das abordagens unidimensionais a construtos desta natureza (Beyers, Goossens, Vansant, & Moors, 2003). Apesar de serem conceitos que diferem, mesmo que discretamente, em suas definições básicas, nesse estudo, principalmente o conceito de independência, o definimos e utilizamos, como a capacidade do ser de governar sua própria vida e a entendemos como requisito fundamental para lidar com demandas da vida adulta, através de um conjunto de comportamentos conquistados, principalmente durante a pós-adolescência, e por vezes aprimorados ao longo da vida. Embora a aquisição de autonomia e independência ocorra progressivamente durante toda a infância e adolescência, nesta pesquisa o foco incide sobre o desenvolvimento de capacidades, competências e habilidades específicas e voltadas para lidar com os atributos da vida adulta, que por sua vez envolvem demandas genéticas e ambientais.

A definição de autonomia, conquistada durante a juventude, sugerida por Douvan e Adelson em 1966 continua sendo um ponto de partida importante para refletirmos o que significa tornar-se “independente”. Esses autores identificaram três tipos de autonomia: autonomia emocional – que se refere aos sentimentos subjetivos de independência, principalmente em relação aos pais; autonomia comportamental – atribuída à capacidade de tomada de decisões independentes e do autogoverno; e autonomia de valor – relativa ao processo de aquisição de uma visão de mundo independente, fundamentada em um conjunto de princípios, crenças e valores abrangentes (Collins & Steinberg, 2007; Douvan & Adelson, 1966).

Embora as mudanças socioeconômicas e culturais influenciem as definições e características psicossociais do status de adulto, encorajando a necessidade de rever alguns aspectos, tarefas consideradas típicas da transição para a idade adulta ainda incluem o desenvolvimento de uma identidade, a consumação de relações afetivas íntimas, a tomada de decisões sobre aquisição de emprego e profissão, o alcance da independência financeira, a

capacidade de desenvolver a responsabilidade por si mesmo, tomar decisões individuais e independentes de forma geral e da independência geral dos pais ou responsáveis (Arnett 2000; Fincham & Cui, 2011; Konstam, 2019).

Apesar de a dependência ser associada a características da infância, a despeito da transformação maciça e vertiginosa da adolescência, o indivíduo é levado a opor-se de maneira mais genérica contra o controle da autoridade, sobretudo o controle dos pais ou responsáveis, no entanto em quase tudo permanece dependente destes e das instituições de modo geral. Para que se complete a passagem do ser, dependente, para o ser adulto, independente, é necessária que ocorra a produção de um conjunto cognitivo comportamental inédito, uma mudança qualitativa da função mental. A pós-adolescência é a fase em que culminaria todo o processo de crescimento quando são fincados os fundamentos do ser adulto. Os bruscos rudimentos libertários, por vezes instáveis e confusos (porém necessários) do adolescente são processados, selecionados e são elaborados aqueles capazes de consolidar os fundamentos da autossuficiência e/ou independência. É neste momento, na construção da passagem para a fase adulta, com a genética e a cultura trabalhando juntas, que o jovem acaba adquirindo a condição de fazer suas próprias escolhas de vida e viver de forma mais independente. É a estreia do comportamento de responsabilizar-se por si mesmo, de forma mais efetiva, a marca registrada do adulto. É um período singular do desenvolvimento humano, que requer uma demonstração qualitativa do comportamento de dependência para o de independência.

#### *2.4.4. DOMÍNIOS DA PÓS-ADOLESCÊNCIA*

Os Domínios da Pós-adolescência são fundamentos do processamento mental da fase da pós-adolescência e se assentam no tripé: genética, cultura e ambiente momentâneo e suas demandas. Abrangem traços e fenótipos comportamentais, cognitivos e sociais (Geary, 2006) e contemplam a sistematização do abandono da dependência e a sistematização de aquisição do comportamento de independência que envolve um processo de conquista de capacidades, habilidades e competências para lidar com atributos da vida adulta. Foram inicialmente desenvolvidos a partir de observações clínicas e empíricas e posteriormente embasados teoricamente. A ideia de “conclusão do amadurecimento” na fase da pós-adolescência, deve-se ao fato de que o ser adquiriu (ou deveria ter adquirido) as condições fundamentais para o funcionamento do adulto. O desenvolvimento, eventualmente, continua nas etapas sucessivas de vida adulta, seja porque o indivíduo não completou devidamente algum fundamento, seja



porque busca o aperfeiçoamento dos fundamentos e a contínua adaptação destes aos eventos da vida. Embora os domínios culminem na fase da pós-adolescência, não é necessário que todos estejam igualmente bem desenvolvidos para que o sistema mental funcione adequadamente. Não é difícil encontrar adultos com algum grau de déficit em um ou outro domínio que, no entanto, não apresentam dificuldades ou sintomas significativos.

Originalmente foram construídos sete domínios: I. Ressocialização familiar; II. Ressocialização das amizades; III. Individuação das ideias e ações; IV. Relação sentimental mais consequente; V. Bases para a independência financeira; VI. Responsabilizar-se por si mesmo e VII. Projeção do futuro. A partir do momento que se tornaram construtos na elaboração da escala da pós-adolescência (ferramenta desenvolvida nesse estudo), sofreram adaptações (indicadas no capítulo “Metodologia”). No domínio “Responsabilizar-se por si mesmo”, optou-se por inserir dois domínios que se transformaram em subdomínios, (i) Bases para a independência financeira e (ii) Projeção do futuro, totalizando 5 domínios:

### *Ressocialização familiar*

Nenhum aspecto do desenvolvimento do adolescente recebeu mais atenção dos profissionais do que as relações entre pais e filhos. O adolescente vive entre uma necessidade de separação e uma necessidade de dependência, que se contradizem reciprocamente (Braconnier, 2002). Na adolescência é comum ocorrer uma rejeição generalizada à ordenação institucional que se contrasta com a dependência às próprias instituições. Mudanças biológicas, cognitivas e sociais do início da adolescência perturbam um equilíbrio que foi estabelecido durante a infância e tendem a desestabilizar as relações familiares.

As perspectivas evolucionistas sobre o desenvolvimento social dos adolescentes são baseadas na observação de que muitos comportamentos vistos entre adolescentes humanos são compartilhados com aqueles vistos entre adolescentes em outras espécies de mamíferos, em particular, entre outros primatas, como por exemplo as transformações em relações pais-filhos durante a puberdade (Collins & Steinberg, 2007). Como é o caso entre os humanos, entre a maioria dos primatas não humanos que vivem na natureza, a maturação puberal é geralmente acompanhada por um aumento da distância na relação pais-filho. Em muitas espécies de primatas, os jovens deixam o grupo natal durante a puberdade, seja voluntariamente, seja à força. Estudos combinados com humanos e animais sugerem que a maturação reprodutiva pode ser inibida pela proximidade física dos pais e acelerada pela distância deles (Hochberg & Konner, 2020). As explicações socio-biológicas desse fenômeno são aceitáveis, na medida em

que a distância pós-púbere na relação pais-filho minimizaria a endogamia e, dessa forma, aumentaria a aptidão reprodutiva. O fato de que a distância pais-adolescentes ocorre rotineiramente entre as espécies de primatas sugere que provavelmente desempenhou algum papel na evolução dos primatas (Collins & Steinberg, 2007; Steinberg & Belsky, 1996; Steinberg, 1989).

Apesar de os conflitos geralmente se tornarem mais frequentes e mais intensos durante a adolescência, as transformações nos relacionamentos de jovens com seus responsáveis ao longo dos anos da adolescência preparam o terreno para interações menos hierárquicas durante a vida adulta (Branje, 2018; Collins & Steinberg, 2007; Laursen & Collins, 2009). No período da pós-adolescência, junto com aquisição de autonomia, independência e uma maior autocrítica, é esperado ocorrer uma reorganização das responsabilidades em direção a um relacionamento mais igualitário com os pais ou responsáveis. Eventualmente o pós-adolescente precisa lutar para impor suas posições e delimitar seu espaço em busca do relacionamento mais simétrico. Para alcançar este objetivo, em contrapartida, deve aprender a renunciar a atitudes mais dependentes, irresponsáveis ou desprovidas de críticas fundamentadas e passar a assumir pessoalmente suas tarefas em direção à fase adulta.

### *Ressocialização das amizades*

As relações de amizade, em boa parte da adolescência, são feitas geralmente por contiguidade, pessoas da família extensa, vizinhos e colegas de escola e tendem a se expandir a outros ambientes conforme os jovens adquirem maior autonomia rumo a vida adulta. De modo geral as relações extrafamiliares cumprem muitas das mesmas funções que anteriormente eram consideradas domínio exclusivo das relações familiares durante a infância (Laursen & Collins, 2004). Amizades são ambientes primários para a aquisição de habilidades, que vão desde competências sociais e desempenho motor, a habilidades cognitivas (Hartup, 1996; Hartup & Abecassis, 2002).

Os adolescentes buscam se diferenciar dos pais para atingir certa independência, frequentemente os rejeitando e os substituindo por outros modelos idealizados e/ou pelo grupo social de pares. Eles comumente relatam que os amigos são seus recursos e influências extrafamiliares mais importantes. As relações interpessoais extrafamiliares contribuem significativamente para o desenvolvimento de competências individuais e relacionais tanto na infância como na adolescência (Collins & Steinberg, 2007; Hardy, Bukowski, & Sippola, 2002).

Por vezes as amizades adolescentes são tão intensas quanto passageiras. É comum nesta fase priorizarem os agrupamentos ou “bandos”, que têm como uma das funções a de pais substitutos, protegendo, reassegurando e por vezes controlando seus membros. Adolescentes costumam ser mais suscetíveis à influência de seus pares. Estudos indicam que, muitas vezes sob influência destes, adolescentes são significativamente mais propensos do que os adultos a tomar decisões arriscadas (Steinberg & Scott, 2003). Estes comportamentos tendem a diminuir enquanto posicionamentos mais críticos e pessoais aumentam durante a pós-adolescência. Conforme avançam em direção à fase adulta, abrem espaço para novas relações, em ambientes mais variados e com características diferentes. O aumento da autonomia e o desenvolvimento da identidade permitem que ocorra uma seleção maior das parcerias, enquanto a qualidade dessas parcerias também se modifica e relações mais democráticas podem predominar.

#### *Relação sentimental mais consequente*

A adolescência é uma etapa de desenvolvimento carregada de mudanças e reorganizações adaptativas que vão sendo costuradas nas relações interpessoais, com as figuras parentais, de início, e depois com os pares e outras figuras significativas, com relevância para o par afetivo/amoroso (Collins & Steinberg, 2007). Os novos sujeitos de vinculação, que se inicia de forma mais explícita na fase adolescente e que culmina, geralmente, na formação de relações afetivo/amorosas, possivelmente preencherão todas as funções de vinculação antes desempenhadas pelas figuras parentais. A natureza e a qualidade das relações afetivas dos adolescentes se transformam de acordo com importantes mudanças no desenvolvimento (Bouchev & Furman, 2003). Apesar do início do namoro e dos sentimentos afetivo/amorosos comumente serem atribuídos a alterações hormonais no período da adolescência, as expectativas sociais e culturais, especialmente as normas comportamentais orientadas por idade, influenciam significativamente o namoro (Collins & Steinberg, 2007).

Adolescentes com idades aproximadas entre 14 e 18 anos equilibram o tempo despendido entre parceiros afetivos e a participação contínua em grupos, “bandos”. Nesta etapa, os relacionamentos românticos têm como principal objetivo o pertencimento, a experimentação e a diversão (Collins & Steinberg, 2007). Já jovens com um pouco mais de idade, durante a pós-adolescência, tendem a enfatizar a compatibilidade pessoal em vez de focar apenas em características superficiais de aparência e status social (Collins & Steinberg, 2007; Erikson, 1968; Levesque, 1993). Durante o período pós-adolescente, os relacionamentos tendem também a se tornar mais íntimos e comprometidos (Arnett, 2000), em direção à obtenção de

habilidades biossociais fundamentais para o sucesso do acasalamento e reprodução (Eccles, Barber, Stone, & Hunt, 2003; Hochberg & Konner, 2020).

Variações no tempo de início das atividades sexuais e do envolvimento em relacionamentos afetivos são associadas ao comportamento e ao desenvolvimento do adolescente. Estudos identificaram o namoro e a atividade sexual precoce como possíveis fatores de risco para comportamentos problemáticos, dificuldades sociais e emocionais (Davies & Windle, 2000; Zimmer-Gembeck, Siebenbruner, & Collins, 2001). Ao mesmo tempo, relacionamentos que envolvem mais responsabilidades e são mais conscientes, principalmente com jovens mais velhos, estão associados positivamente ao autoconceito romântico e, por sua vez, a sentimentos de boa autoestima (Connolly & Konarski, 1994; Kuttler, La Greca, & Prinstein, 1999). Evidências longitudinais indicam que, no final da adolescência e no período pré-adulto, a autopercepção da competência em relacionamentos românticos surge como um componente confiável da competência geral do indivíduo (Neemann, Hubbard, & Masten, 1995). Por fim, alguns autores sugerem que os relacionamentos podem estar implicados em processos fundamentais de formação de identidade e aquisição de autonomia em direção à vida adulta (Collins & Steinberg, 2007; Furman & Shaffer, 2003).

### *Individualização das ideias e ações*

A Individualização das ideias e ações é o que coloquialmente pode-se chamar de maior vontade própria e maior conhecimento de causa. Envolve o desenvolvimento da identidade, da autoexpressão e da adoção de uma visão de mundo mais criteriosa e mais própria. O desenvolvimento da individualização das ideias e ações implica a independência em relação a alguma pessoa, a um grupo ou instituição. Conseqüentemente, envolve, necessariamente, tanto uma mudança na capacidade individual (por exemplo, na habilidade do jovem de tomar decisões independentes) quanto uma mudança nas relações com outros indivíduos ou instituições que influenciam ou controlam os sentimentos, comportamentos ou crenças de cada um (Collins & Steinberg, 2007). Durante a adolescência acentuam-se alguns comportamentos, como a idolatria por figuras populares ou a devoção a agrupamentos onde emergem lideranças e o restante segue, por vezes, hierárquica e alienadamente. Conforme avançam em direção à fase adulta, os jovens passam a defender suas ideias na primeira pessoa, com mais pragmatismo e crítica, e tendem a buscar e se aprofundar em temas do seu próprio interesse, não necessariamente comandados por figuras idealizadas, por seus familiares ou por seus pares.

Apesar de ser a adolescência o período associado à formação da identidade, a pós-adolescência pode ser o período da vida que mais oferece possibilidades para explorações da identidade nas áreas do relacionamento, trabalho e visões de mundo (Arnett, 2001), no entanto são experimentadas de forma mais substancial e consequente. A Individualização das ideias e ações não implica, obrigatoriamente, a adoção de atitudes e valores completamente diferentes dos praticados pelos pais ou pares, contudo implica que tais valores e atitudes resultem de uma opção mais pessoal, não como resultado de uma aderência passiva, nem movidos pela oposição característica da fase da adolescência (Graça, Calheiros, & Martins, 2010). A capacidade de tomar decisões independentes, que resultam na capacidade de exercer papéis adultos, importante característica da pós-adolescência, é também dependente da maturidade cognitiva; como vimos anteriormente, pesquisas recentes da neurociência indicam que o desenvolvimento da estrutura e função do cérebro não termina no fim da adolescência e que algumas funções cognitivas seguem se desenvolvendo rumo à fase adulta (Wood *et. al*, 2018).

### *Responsabilizar-se por si mesmo*

Cada passo dos Domínios da pós-adolescência em direção ao amadurecimento é um exercício de responsabilização que se une a outros, favorecendo as condições para o salto comportamental que faz o jovem passar a assumir o comando da própria vida e responsabilizar-se por si mesmo. A expressão “responsabilizar-se por si mesmo” abrange a capacitação de um indivíduo de reconhecer como próprios seus atos e as consequências deles. Neste domínio optamos por inserir dois subdomínios: (i) Bases para a independência financeira e (ii) Projeção do futuro.

Para os adolescentes o futuro é quase sempre limitado a um futuro próximo, enquanto o mais longínquo é geralmente fruto de idealizações, fantasias e desejos, não necessariamente baseados em fatos. Na pós-adolescência a projeção do futuro tende a ser mais consequente, consistente e condizente com a realidade. A maturação do sistema de controle cognitivo, conforme evidenciado por mudanças estruturais e funcionais no córtex pré-frontal, no final da adolescência e adiante, fortalece as habilidades para se envolver em um planejamento de longo prazo (Steinberg, 2008). Segundo Noom (1999), a percepção daquilo que o jovem quer fazer da sua vida envolve a capacidade de avaliar as possibilidades disponíveis, analisar os seus valores pessoais e em função destes tomar uma decisão e determinar objetivos pessoais.

Embora nem sempre seja fácil alcançá-la, a independência econômica é considerada essencial pelos jovens, para se consolidarem como adultos. Apesar de alguns aspectos

tradicionais da vida adulta terem sofrido transformações, o status de maioridade é essencialmente definido pelos próprios jovens, como atributos que evidenciam maturidade psicológica e independência econômica (Arnett, 2000; Mendonça *et al.*, 2009). Na fase da pós-adolescência, ao contrário da fase da adolescência, os jovens são frequentemente desafiados a decidirem sobre o rumo profissional ou aquisição de um emprego mais estável ou que seja financeiramente mais adequado para o sustento, e se voltam para situações que os projetam para a viabilização dos recursos do prover-se a si, portanto, para uma maior autonomia e independência de modo geral. Guerreiro e Abrantes (2005) entendem que no período entre o final da adolescência e a fase adulta é comum observar o trabalho e a vida profissional ocupando papel central na vida dos jovens, enquanto os demais marcos sociais da transição para a fase adulta tendem a ficar em segundo plano. As experiências de estudo e/ou trabalho tornam-se mais focadas na preparação para papéis de trabalhos adultos. Durante essa fase, os jovens estabelecerão as bases para os empregos ou profissão que podem ter durante a idade adulta e, ao explorar diferentes possibilidades de trabalho, eles exercem também questões importantes de identidade (Hochberg & Konner, 2020).

## 2.5 Adultez

Definir a idade adulta através dos limites legais parece simples e corriqueiro, todavia, determinar precisamente quando o período mais longo do desenvolvimento humano começa não é claro, mesmo conforme os limites legais. A maioridade é o marco da idade adulta, conforme reconhecido pela lei, quando um indivíduo assume o controle e a responsabilidade por si próprio, suas ações e decisões. Entretanto nem sempre é fixado aos 18 anos, mesmo nas culturas ocidentais, podendo variar de acordo com determinadas situações, como por exemplo ser responsabilizado e punido por crimes, ter permissão para o porte de arma de fogo ou para comprar álcool, habilitação para dirigir, casar legalmente ou se alistar no exército (Curtis, 2015; Knežević, 2018; Steinberg, 2009). O delineamento de uma fronteira de idade específica entre adolescência e a fase adulta muitas vezes resulta de considerações práticas sem referências a fundamentos empíricos e teóricos relevantes, no entanto, a ciência do desenvolvimento torna-se progressivamente mais influente, inclusive para ponderar quando as leis devem distinguir adequadamente adolescentes de adultos (Icenogle *et al.*, 2019).

Outra forma de definir a idade adulta, principalmente a partir de meados do século XX, é através da aquisição de papéis e responsabilidades sociais, culturalmente valorizados, compondo cinco importantes marcadores sociais tradicionais da idade adulta: a educação

superior; o emprego estável; a saída da casa dos pais ou responsáveis; casar e ter filhos (Settersten, Ottusch, & Schneider, 2015). No entanto estes marcos sofreram e sofrem ainda hoje mudanças que resultam do aumento da expectativa de vida, do prolongamento educacional, do adiamento da saída da casa dos pais, de uma maior igualdade entre os gêneros, da possibilidade de adiar a idade do casamento, do nascimento do primeiro filho ou mesmo da possibilidade de não se casar ou ter filhos, entre tantas. Ainda no que se refere à definição de adulto, algumas premissas tendem a

[...] afastar-se da proposição de definições “fechadas” sobre o que significa tornar-se adulto, reconhecendo a miríade de possibilidades de ser aberta pelas transformações tecnológicas e sociais contemporâneas, que engendram diversas possibilidades de trajetórias e projetos de vida. (Rodrigues & Kublikowski, 2014, p. 526).

Se somarmos as transformações socioculturais das últimas décadas e as recentes descobertas sobre maturação e desenvolvimento cerebral, podemos dizer que a transição para a fase adulta e a definição de maioridade como antes considerávamos experimentaram mudanças significativas conforme evidências em estudos crescentes sobre o desenvolvimento humano. Ainda assim, apesar de o modelo tradicional dar lugar a caminhos cada vez mais variados, segundo os próprios jovens fatores consideráveis da vida adulta continuam associados a algumas condutas clássicas, como por exemplo alcançar a independência financeira. Tão importante quanto isso, conquistar a independência em relação aos pais ou responsáveis também é considerado pelos jovens como fundamental para se entender e proclamar adulto (Arnett, 2000; 2001; Mendonça *et al.*, 2009).

Mesmo que não haja uma estrutura teórica organizada sobre a definição de adulto e por vezes as definições ressaltem aspectos unidimensionais, não podemos ignorar que muitas características diferem das características da criança, do adolescente ou do pós-adolescente por uma série de razões, sejam fisiológicas, comportamentais, emocionais ou sociais. Para compreendermos o que seria um adulto, nesta pesquisa, partimos da lógica básica da biologia evolutiva, que em última instância considera que os seres têm como desafio genético e ambiental maturar-se para manter-se a si, sua prole e conseqüentemente proporcionar a continuidade da vida. Para entendermos o que seria a maturação, consideramos os aspectos genéticos, os aspectos culturais, os aspectos ambientais momentâneos e suas respectivas demandas, que dão suporte para as condições fundamentais do funcionamento autônomo e independente do indivíduo, que consideramos essencial para a definição de adulto. Tornar-se adulto é um processo universal que envolve diversos aspectos. Embora seja algo atingível no

curso do desenvolvimento, cabe frisar que a adultez nem sempre é conquistada de forma plena e uniforme, como um ponto final da trajetória.

Ainda, é prudente destacar que o termo adulto jovem, frequentemente utilizado, diz respeito a adultos, embora jovens (não no sentido subjetivo da palavra), conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990), compreende a faixa-etária dos 25 aos 29 anos. Neste estudo utilizamos o termo do mesmo modo, apenas variando na idade, de aproximadamente 26 a 29 anos; consideramos, ainda, que algumas características dos domínios da pós-adolescência seguem sendo aprimoradas entre os jovens adultos.

## **2.6. Desenvolvimento e Validação de Escalas**

### *2.6.1 DESENVOLVIMENTO DE ESCALAS*

As escalas de avaliação têm como intuito instrumentalizar para mensurar um fenômeno. Uma escala se diferencia de um questionário que não foi submetido a uma análise para conferir suas propriedades psicométricas. Apenas as escalas possuem propriedades psicométricas estabelecidas, portanto, podem ser utilizadas para se medir o grau de um construto em uma amostra (Dalmoro & Vieira, 2013; Hair, Babin, Money, & Samouel, 2005).

A construção de escalas assenta-se em três importantes procedimentos: procedimentos teóricos, procedimentos empíricos (experimentais) e procedimentos analíticos (estatísticos) (Pasquali, 1998). A literatura destaca as principais etapas a serem seguidas durante o processo de construção de instrumentos de medida: I. Estrutura conceitual e definição de construtos; II. definição dos objetivos do instrumento e da população envolvida; III. Construção dos itens e das escalas de resposta; IV. Seleção e organização dos itens; V-Estruturação do instrumento; VI. Validade de Conteúdo; e VII. Pré-teste (Coluci *et al.*, 2015; Keszei, Novak, & Streiner, 2010).

Os procedimentos teóricos na elaboração de instrumentos fundamentam a construção dos itens que vão representar o construto ou o objeto psicológico a ser medido. É indispensável conceitualizar os construtos de forma detalhada, através da literatura pertinente, da avaliação por especialistas da área e da própria experiência do autor (Pasquali, 1998). Os itens construídos com base nos construtos / dimensões se expressam como representações comportamentais desses construtos. Existem critérios importantes para a construção dos itens que vão desde critérios comportamentais, garantindo que o item expresse comportamentos, até critérios de



tipicidade, garantindo formar frases com expressões condizentes com os atributos (Cardoso, Bandeira, Ribeiro, Oliveira, & Caiaffa, 2011; Coluci *et al.*, 2015; Pasquali, 1998).

Sobre o número de itens que compõem o instrumento, estudos sugerem que a representação de um constructo é obtida com uma quantidade de 20 itens aproximadamente (Pasquali, 1998). Estudos que se baseiam na “teoria dos traços latentes”, por exemplo, propõem que não se deve iniciar um instrumento com mais de 10% do número de itens desejado no instrumento final (Cardoso *et al.*, 2011; Coluci *et al.*, 2015).

No que concerne às escalas de respostas, a escala do tipo Likert é bastante utilizada em escalas de medida. Este tipo de escala mostra mais especificamente níveis de concordância, frequência ou satisfação em relação a algo. Ainda que a escala de cinco pontos seja a mais usada em escalas de medida, existem classificações paralelas. A escala de três pontos em comparação com a escala de 5 ou 7 pontos pode ser considerada menos confiável e tem menor capacidade de demonstrar com precisão a opinião dos respondentes. A escala de 7 pontos é menos utilizada e apresenta, em média, a mesma precisão da escala de 5 pontos, porém esta é mais fácil de ser compreendida e mais rápida em seu uso (Campell, 1988; Dalmoro & Vieira, 2013).

Construída a primeira versão do instrumento, antes de fazer a validação final do instrumento piloto é importante testar a hipótese de que os itens representam adequadamente os construtos / dimensões. Isso é feito através de avaliadores, que fazem uma análise sobre a pertinência dos itens ao construto que representam (análise de juízes) e uma análise que incide sobre a compreensão dos itens (análise semântica) (Pasquali, 1998; 2010).

A análise semântica dos itens, também conhecida como pré-teste, tem como função verificar se todos os itens são compreensíveis para os membros da população à qual o instrumento se destina. Pode ser elaborado um instrumento contendo os itens seguidos por questões e/ou podem ser feitas entrevistas com relação à compreensão dos itens e das palavras e quanto ao preenchimento das respostas. Uma amostra de 30-40 indivíduos da população-alvo pode ser suficiente, mas depende também do número da amostra final (Coluci *et al.*, 2015; Pasquali, 1998)

### 2.6.2 VALIDAÇÃO DE ESCALAS

Validade refere-se à capacidade do instrumento de medir com precisão o fenômeno que se pretende estudar (Coluci *et al.*, 2015; Keszei *et al.*, 2010; Pasquali, 2010; Pittman & Bakas,

2010). Nas palavras de Pasquali (2010), “quem garante a qualidade da medida é a qualidade do instrumento. E a validade do instrumento diz respeito exclusivamente à pertinência do instrumento com respeito ao objeto que se quer medir” (p. 105).

A avaliação dos diferentes aspectos do instrumento comumente é realizada através da validade de conteúdo, validade de constructo e validade de critério (Coluci *et al.*, 2015; Keszei *et al.*, 2010; Pasquali, 2009; Pittman & Bakas, 2010)

Validade de conteúdo implica a coerência aparente entre conceito e instrumento. Se uma escala possui validade de conteúdo, seus itens compreendem todos os aspectos do fenômeno estudado (Nunnally, 1978). O procedimento de validade de conteúdo de um instrumento envolve a consulta a um grupo de especialistas (juízes) no assunto que se está avaliando. É um método para avaliação da pertinência de cada item em relação aos construtos e da correta atribuição dos itens nas dimensões correspondentes (Nunnally, 1978; Saraph, Benson, & Schroeder, 1989).

A validade de construto verifica se os itens se organizam estatisticamente nas dimensões propostas. Corresponde à capacidade de relacionar adequadamente a variável operacional com o conceito teórico. Considera-se que um instrumento de medida tem validade de construto quando está realmente medindo o conceito teórico que se pretende medir (R. Andrade, Schwartz *et al.*, 2018). Conforme Carmines e Zeller (1979), a validade de construto diz respeito ao tanto que uma medida se relaciona com outras medidas consistentes com hipóteses teoricamente derivadas com respeito aos conceitos (ou construtos) que estão sendo medidos.

A validade de critério pretende constatar estatisticamente se o instrumento é capaz de identificar os critérios que são mais adequados ou efetivos para uma determinada atividade. É também chamada de concorrente (instrumento e critério são aplicados simultaneamente) ou preditiva (critério é avaliado no futuro), e compete ao grau de correlação entre os escores de um teste e outras medidas do desempenho (critérios), obtido independente ou simultaneamente ao teste (Raymundo, 2009).

A consistência interna é uma medida de confiabilidade em que os itens em um instrumento são correlacionados a fim de determinar a forma como eles medem o mesmo construto ou conceito. Ela indica se todas as subpartes de um instrumento medem a mesma característica. A avaliação da consistência interna dos instrumentos é geralmente feita por meio do coeficiente alfa de Cronbach (Cronbach, 1951), que reflete o grau de covariância entre os itens de uma escala. Desse modo, quanto menor a soma da variância dos itens, mais consistente é o instrumento (Cronbach, 1951; Keszei *et al.*, 2010; Souza, Alexandre, & Guirardello, 2017).

### 3. METODOLOGIA

Esta pesquisa teve seu foco voltado para o desenvolvimento e validação da versão preliminar de um instrumento de medida, a Escala da Pós-adolescência, que por sua vez objetivou discriminar três faixas etárias: adolescentes (14 a 17 anos)<sup>2</sup>, pós-adolescentes (18 a 25 anos) e jovens adultos (26 a 29 anos), através da progressão da sistematização do abandono de comportamentos associados à dependência típica do adolescente e da sistematização da aquisição de comportamentos associados à independência típica do adulto.

Para tanto, distinguiram-se duas etapas conforme o escopo do estudo. Na primeira etapa os procedimentos teóricos envolveram a elaboração e a avaliação das dimensões (domínios da pós-adolescência), assim como a elaboração e a avaliação dos itens que compuseram o instrumento. Os critérios para avaliação de conteúdo dos domínios e itens foram disponibilizados a 7 especialistas que compuseram o corpo de juízes. Em continuidade, 48 representantes da população alvo participaram da avaliação semântica dos itens.

Na segunda etapa, o instrumento piloto foi aplicado a 488 moradores da cidade de São Paulo, com idades entre 14 e 29 anos. Através de procedimentos e análises quantitativas foram levantadas evidências de precisão, validade de construto e validade de critério.

Para mais, o processo de desenvolvimento e validação da escala objetivou prover fundamentos para a investigação e o desenvolvimento da proposta da fase da pós-adolescência.

#### 3.1. Aspectos Éticos

O projeto foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - IPUSP, de acordo com o parecer 4.463.252, CAAE: 40130220.2.0000.5561.

Todos os indivíduos envolvidos na pesquisa participaram de forma anônima e voluntária e foram esclarecidos quanto aos objetivos, procedimentos, implicações e riscos, autorizando a participação através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, e do Termo de Assentimento Livre e esclarecido - TALE (Apêndice A). No caso dos menores de 18 anos, foi necessária a autorização de um responsável. Os riscos decorrentes da participação eram mínimos, os pesquisadores estiveram à disposição para esclarecer ou solucionar qualquer

---

<sup>2</sup> Essa faixa etária foi considerada adequada para representar adolescentes neste estudo e apontar diferenças específicas em relação aos domínios e itens. Desse modo, não foi necessário incluir adolescentes de 11 a 13 anos.

dúvida ou desconforto em relação ao instrumento e ao estudo. Não houve benefícios imediatos aos participantes, no entanto a pesquisa pretende trazer benefícios à população em geral.

## 3.2. Domínios

### 3.2.1. DESENVOLVIMENTO DOS DOMÍNIOS

Antes de iniciar este trabalho, 7 domínios da pós-adolescência haviam sido esboçados, a partir da experiência da autora no atendimento psicoterápico e institucional a jovens com idades entre 12 e 34 anos. Assim, fez-se necessário investigar teorias e estudos científicos disponíveis que embasassem as ideias iniciais, para que os domínios pudessem se identificar como dimensões na construção do instrumento. A princípio não se apresentavam como construtos exatos, pré-existent, exigindo da psicometrista, que se desenvolvia junto com a pesquisa, elaborar pequenas teorias reunindo os dados mais relevantes para esta pesquisa.

A busca pelas produções científicas foi realizada em 7 bases de dados, escolhidas pela relevância no geral e especificamente em psicologia e saúde: PubMed, Web of Science, BVS, SciElo, PsycInfo, Scopus e LILACS. Os principais termos de busca, em português e inglês, foram: adolescência [*adolescence*]; adolescência prolongada [*prolonged adolescence*]; adolescência estendida [*extended adolescence*]; transição para a vida adulta [*transition to adulthood*]; adultez emergente [*emerging adulthood*]; fases do desenvolvimento humano [*stages of human development*]; psicologia do desenvolvimento evolucionista [*evolutionary developmental psychology*]; e maturação cerebral [*brain maturation*]. Prevaleram estudos que destacavam variados aspectos relativos as fases do desenvolvimento e ao processo de transição para a fase adulta.

### 3.2.2. AVALIAÇÃO DO DOMÍNIOS POR JUÍZES

Ainda durante a busca por referências, 2 domínios tornaram-se subdomínios, consolidando um total de 5 domínios a serem avaliados: I. Ressocialização familiar; II. Ressocialização das amizades; III. Individuação das ideias e ações; IV. Relação sentimental mais consequente; V. Responsabilizar-se por si mesmo (subdomínios (vi.) Projeção do futuro e (vii.) Bases para a independência financeira).

Os critérios para avaliação dos domínios foram organizados e disponibilizados em um material composto pela descrição dos 5 domínios, seguida por 3 questões. O material foi

digitalizado e enviado por *e-mail*, para um corpo de juízes, especialistas, previamente contactados. A busca pelos especialistas realizou-se por meio da análise do Currículo Lattes. Foram selecionados 11 profissionais com título de doutor, psicólogos, que tinham experiências no trabalho com adolescentes e/ou jovens e que se alinhavam com as perspectivas evolucionistas do desenvolvimento. 7 especialistas aceitaram participar. O procedimento consistiu na análise criteriosa dos domínios, através de concordância e justificativa. Em seguida, os juízes deveriam elencavam os domínios numa ordem de relevância e por último poderiam deixar observações e/ou sugestões que pudessem contribuir com a proposta.

Esta análise teve como finalidade examinar o nível de concordância e a compreensão a respeito dos domínios, fundamentadas na experiência de especialistas. Destacar a ordem de relevância dos domínios fez-se necessário, pois dentre os 5 elaborados, neste trabalho, considerando o carácter preliminar do instrumento, apenas 2 seriam aprofundados e utilizados como dimensões.

### 3.3 Itens e Instrumento

#### 3.3.1. DESENVOLVIMENTO DOS ITENS E ESTRUTURAÇÃO DO INSTRUMENTO

O processo de construção dos itens partiu de uma análise fundamentada em dois domínios da pós-adolescência: 1). Individualização das ideias e ações e 2). Responsabilizar-se por si mesmo, que por sua vez, destacam características de mecanismos e processos mais sistêmicos, desencadeando comportamentos específicos que levam à independência do ser adulto. A elaboração dos itens envolveu também a consulta a pesquisas e teorias, assim como a ferramentas de coleta de dados, entre as quais se destacaram: *Adolescent Autonomy Questionnaire* (AAQ) (Noom, 1999); *Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood* (IDEA) (Reifman *et al.*, 2007); *The revised Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood* (IDEA-R) (Allem, Sussman, & Unger, 2017); *Youth Self-Report for ages 11-18* (YSR), (Achenbach & Rescorla, 2001) e *Markers of Adulthood* (MoA) (Arnett, 1994); e *Maturity in Youth Assessment Scale* (MAYAS) (Morales-Vives, Camps, & Lorenzo-Seva, 2013).

O número de itens estabelecidos não obedeceu a uma regra específica, porém foram consultadas referências; entre elas, estudos que sugerem que a representação de um constructo é obtida com uma quantidade aproximada de 20 itens (Pasquali, 1998). Estudos que se baseiam na teoria dos traços latentes propõem que não se deve iniciar com mais de 10% do número de itens desejado no instrumento final (Cardoso *et al.*, 2011; Coluci *et al.*, 2015).

Foram elaborados 22 itens; apesar de serem fundamentados por duas dimensões distintas, considera-se que elas têm em comum uma dimensão, a “aquisição de independência”. Outros itens poderiam ser disponibilizados caso houvesse a exclusão de três ou mais deles, após a avaliação dos juízes, dado que se pretendia finalizar o instrumento piloto com um mínimo de 20 itens.

De forma geral, procurou-se elaborar itens que fossem de fácil compreensão entre adolescentes e jovens, utilizando expressões simples e condizentes com situações possivelmente experimentadas pela população alvo. A ordem dos itens estendidos no instrumento contou em parte com uma evolução do que se entendia como itens mais fáceis de serem compreendidos e mais moderados em relação a um possível constrangimento ou dificuldade, contribuindo para que o respondente pudesse ficar “mais à vontade”. Buscou-se também mesclar itens de cunho mais pessoal com aqueles de cunho mais generalizado (que dizem respeito a um grupo ou se dispõem gramaticalmente na terceira pessoa). Optou-se por construir um instrumento fechado, pois a proposta era realizar, principalmente, uma análise quantitativa dos dados. A escala de respostas do tipo *likert* com variação de 5 pontos foi eleita após a verificação de estudos e escalas de medida, confirmando que para esse tipo de instrumento era a mais apropriada. As orientações para o preenchimento das respostas foram asseguradas no corpo do instrumento, facilitando assim sua aplicação *online*. Por fim, a primeira versão do instrumento, contendo 22 itens, foi disposta.

### 3.3.2. AVALIAÇÃO DE CONTEÚDO POR JUÍZES

A análise dos itens de um instrumento é um método para avaliação da pertinência de cada item em relação aos construtos e da correta atribuição dos itens nas dimensões correspondentes (Nunnally, 1978; Saraph *et al.*, 1989). Caso um item pertencente a uma dimensão tiver uma correlação maior com outra, este item deve ser realocado, ou, se não pertence a nenhuma dimensão, deve ser eliminado (Saraph *et al.*, 1989).

A validade de conteúdo implica a coerência aparente entre conceito e instrumento. Se uma escala possui validade de conteúdo, seus itens compreendem todos os aspectos do fenômeno estudado (Nunnally, 1978; Rubio, Berg-Weger, Tebb, Lee, & Rauch, 2003).

O procedimento pretendeu evidenciar a validação de conteúdo do instrumento envolvendo a consulta a um grupo de especialistas (juízes). Os 7 especialistas que participaram da análise dos domínios foram também convidados a participar desta segunda etapa como juízes. Os critérios para avaliação do instrumento foram organizados e disponibilizados através

do *Google Forms* e enviados por *e-mail*. O nível de concordância entre os juízes participantes foi calculado para a totalidade dos itens. Para cada item, os juízes puderam assinalar entre três categorias possíveis: se ele pertencia ao Domínio I, ao Domínio II ou a nenhum dos domínios.

Para tanto, calculou-se a estatística Kappa de Fleiss, que indica o grau de concordância entre três ou mais observadores/avaliadores (Falótico & Quatto, 2015). A continuação, para detalhar o resultado obtido pelo índice de Kappa, foram calculadas estatísticas descritivas para alguns parâmetros. No caso da classificação dos itens nas categorias, realizou-se a contagem de casos para que se pudesse analisar quais discordâncias ocorreram. Da mesma forma, ainda referente à classificação dos itens em diferentes categorias, realizou-se a contagem de casos em que o juiz teria alocado o item no mesmo domínio ao qual o item pertenceria, em sua elaboração.

Com relação aos aspectos semânticos dos itens, que influenciam sua validade de conteúdo, foram calculadas estatísticas descritivas de valor mínimo, mediana e máximos das notas atribuídas pelos juízes para os itens em 4 critérios: clareza; pertinência; coerência e suficiência. O tratamento dos dados foi realizado nos *softwares Microsoft Excel e RStudio*.

### 3.3.3. PRÉ-TESTE - ANÁLISE SEMÂNTICA DOS ITENS

Realizadas as análises sobre a primeira versão do instrumento, houve uma adaptação para a segunda versão, denominada pré-teste, contendo 21 dos 22 itens iniciais. O pré-teste foi submetido a uma análise semântica, que teve como objetivo avaliar a compreensão e inteligibilidade dos itens por uma amostra representativa da população alvo. Os critérios para avaliação do instrumento foram organizados e dispostos através do *Google Forms*. O material incluiu 21 itens do instrumento pré-teste, seguidos por uma escala de resposta de cinco pontos: 1. Extremamente difícil entender essa afirmação; 2. Difícil entender essa afirmação; 3. Nem difícil, nem fácil entender essa afirmação; 4. Fácil entender essa afirmação; e 5. Extremamente fácil entender essa afirmação.

A análise semântica tem como função verificar se os itens são compreensíveis para o estrato da população alvo que apresenta menor grau de habilidade, assim como garantir a validade de aparência do instrumento por meio da consulta ao estrato de maior grau de habilidade da população-meta (Pasquali, 1998). Por “grau de habilidades”, tomaram-se os extremos que representam a população alvo; no caso, consideraram-se duas variáveis, a idade (mais baixa e mais alta) e o nível socioeconômico (mais baixo e mais alto).

O instrumento foi aplicado a duas amostras de 24 jovens,  $N = 48$ , com idades entre 14, a 17 e 27 a 29 anos, sendo 24 participantes das camadas de níveis socioeconômicos mais baixos e 24 das camadas mais altas. Os respondentes foram selecionados a partir do contato prévio em 2 empresas, 1 escola e por meio das redes sociais. Como requisito para participar, além da idade e renda, todos deveriam ser alfabetizados e ter acesso à internet. Os participantes foram devidamente instruídos e receberam o instrumento via aplicativo de mensagem, seguindo os rigores éticos já descritos, disponibilizados através dos termos de consentimento e assentimento.

A análise se baseou no percentual de avaliação e frequência simples de respostas, complementando, assim, a análise de conteúdo feita anteriormente pelos juízes.

### 3.4. Piloto

Conforme as adaptações realizadas através das análises das etapas anteriores, configurou-se a versão piloto da Escala da Pós-Adolescência, contendo questões de identificação sociodemográficas e 21 afirmações seguidas de uma escala de resposta do tipo *likert* de 5 pontos, conferindo o grau de concordância entre os respondentes (discordo totalmente; discordo; nem discordo, nem concordo; concordo e concordo totalmente).

A amostra foi composta por 488 indivíduos (56,3% feminino) de idades entre 14 e 29 anos ( $M = 21,26$ ;  $DP = 4,67$ ). A população alvo foi estabelecida através de observações clínicas e empíricas, assim como através de trabalhos científicos relatados anteriormente, que sugerem que pessoas com idades entre 14 e 29 anos, contemplariam as três faixas etárias investigadas neste estudo, sendo adolescentes (14 a 17), pós-adolescentes (18 a 25) e adultos jovens (26 a 29). O recorte voltou-se para moradores da cidade de São Paulo, alfabetizados.

A amostra foi selecionada por conveniência. No intuito de incluir jovens diversos e de diferentes níveis socioeconômicos, instituições variadas foram selecionadas no processo de recrutamento (1 escola pública, 1 escola particular, 1 faculdade pública, 1 faculdade particular, 2 empresas) e por meio de redes sociais. Todas as instituições receberam uma carta através de *e-mail*, com a proposta inicial, e foram esclarecidas quanto aos objetivos, procedimentos, implicações e riscos, autorizando a participação.

O instrumento autoadministrado foi organizado e digitalizado através do programa *Google Forms* (Apêndice B) e distribuído via *e-mail*, aplicativo de mensagens e redes sociais. A apresentação e objetivos do estudo foram disponibilizados, assim como os devidos termos de consentimento e assentimento.



A etapa de estudo piloto teve como objetivos: 1) obter evidências de precisão dos domínios da Escala de Pós-Adolescência; 2) obter evidências de validade de constructo da Escala de Pós-Adolescência; e 3) obter evidências de validade de critério concorrente da Escala de Pós-adolescência, sendo o critério o grupo de idade ao qual o jovem pertence: Grupo 1 (adolescência), de 14 a 17 anos, Grupo 2 (pós-adolescência), de 18 a 25 anos, e Grupo 3 (adulto jovem), de 25 a 29 anos.

Para obtenção de evidências de precisão do escore total da Escala de Pós-adolescência e por Domínios, foram utilizados os *alfas de Cronbach*. Este cálculo foi realizado para a amostra total e por grupo de idade: Grupo 1 (adolescência), de 14 a 17 anos, Grupo 2 (pós-adolescência), de 18 a 25 anos, e Grupo 3 (adulto jovem) de 26 a 29 anos.

Após os domínios e itens serem estabelecidos teoricamente e validados por meio de avaliação por juízes, realizou-se a Análise Fatorial Confirmatória, com o cálculo dos seguintes índices de ajustamento:  $\chi^2$  e valor de p (teste do chi-quadrado de ajustamento),  $\chi^2/df$  (razão entre o chi-quadrado e os graus de liberdade), CFI (*comparative fit index*), TFI (*Tucker Lewis Index*), e o RMSEA (*Root Mean Square Error of Approximation*). A literatura aponta como aceitáveis somente valores acima de 0,80 para o CFI e TLI, um bom ajuste do modelo se os valores forem superiores a 0,9 e o RMSEA menor que 0,10 (Marôco, 2014).

Para obtenção de evidências de validade de critério concorrente, investigou-se a capacidade dos domínios da Escala de Pós-adolescência de diferenciar grupos de acordo com a idade. Para isso, foram adotadas duas estratégias: 1) visualização gráfica dos escores em função da idade e 2) comparação das médias dos escores, em cada domínio, por grupo de idade - Grupo 1 (adolescência), de 14 a 17 anos, Grupo 2 (pós-adolescência), de 18 a 25 anos, e Grupo 3 (adulto jovem) de 25 a 29 anos), por meio da Análise de Variância (ANOVA) e *post-hoc* de Tukey (comparação de medidas).

A fim de somar às análises quantitativas, as respostas foram analisadas em alguns aspectos qualitativos, através da avaliação da frequência simples das respostas comparadas entre os grupos de cada idade (14 a 29 anos).

## 4. RESULTADOS

### 4.1. Análise dos Domínios por juízes

O procedimento de análise dos Domínios da Pós-Adolescência teve como finalidade examinar a concordância e a compreensão dos domínios, por parte dos especialistas, assim como destacar uma ordem de relevância dos domínios tanto para o estudo da pós-adolescência, quanto para a construção da escala.

Conforme a Tabela 1, todos os juízes foram unânimes em concordar com as definições dos domínios, exceto o juiz 2, que ficou indeciso quanto ao domínio II. Ressocialização das amizades.

Tabela 1 – Tabela comparativa da concordância dos Domínios entre os juízes

Juiz	Ressocialização Familiar	Ressocialização das amizades	Relação sentimentais mais consequente	Individualização das Ideia e ações	Responsabilizar-se por si mesmo
1	Concorda	Concorda	Concorda	Concorda	Concorda
2	Concorda	Indeciso	Concorda	Concorda	Concorda
3	Concorda	Concorda	Concorda	Concorda	Concorda
4	Concorda	Concorda	Concorda	Concorda	Concorda
5	Concorda	Concorda	Concorda	Concorda	Concorda
6	Concorda	Concorda	Concorda	Concorda	Concorda
7	Concorda	Concorda	Concorda	Concorda	Concorda

Fonte: produção da própria autora

Sobre a ordem de relevância dos domínios, observa-se, na Tabela 2, que em primeiro lugar destaca-se o domínio V. Responsabilizar-se por si mesmo, sendo que 4 juízes o colocaram em primeiro lugar e 3 juízes em segundo lugar. Ocupando o segundo lugar destaca-se o domínio IV. Individualização das ideias e ações, sendo que 3 juízes o colocaram em primeiro lugar e 3 juízes em segundo lugar. O terceiro lugar é ocupado pelo domínio I. Ressocialização familiar, seguido do quarto lugar para o domínio III. Relação sentimental mais consequente, e por último o domínio II. Ressocialização das amizades.

Tabela 2 - Ordem de relevância dos Domínios para os Juízes

<b>Juízes</b>	<b>Ordem de relevância dos Domínios</b>
Juiz 1	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Individualização das ideias e ações</li> <li>2. Responsabilizar-se por si mesmo</li> <li>3. Ressocialização familiar</li> <li>4. Relação sentimental mais consequente</li> <li>5. Ressocialização das amizades</li> </ol>
Juiz 2	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Responsabilizar-se por si mesmo</li> <li>2. Individualização das ideias e ações</li> <li>3. Ressocialização familiar</li> <li>4. Relação sentimental mais consequente</li> <li>5. Ressocialização das amizades</li> </ol>
Juiz 3	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Responsabilizar-se por si mesmo</li> <li>2. Individualização das ideias e ações</li> <li>3. Ressocialização familiar</li> <li>4. Relação sentimental mais consequente</li> <li>5. Ressocialização das amizades</li> </ol>
Juiz 4	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Individualização das ideias e ações</li> <li>2. Responsabilizar-se por si mesmo</li> <li>3. Ressocialização familiar</li> <li>4. Ressocialização das amizades</li> <li>5. Relação sentimental mais consequente</li> </ol>
Juiz 5	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Responsabilizar-se por si mesmo</li> <li>2. Ressocialização familiar</li> <li>3. Individualização das ideias e ações</li> <li>4. Relação sentimental mais consequente</li> <li>5. Ressocialização das amizades</li> </ol>
Juiz 6	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Individualização das ideias e ações</li> <li>2. Responsabilizar-se por si mesmo</li> <li>3. Ressocialização familiar</li> <li>4. Ressocialização das amizades</li> <li>5. Relação sentimental mais consequente</li> </ol>
Juiz 7	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Responsabilizar-se por si mesmo</li> <li>2. Individualização das ideias e ações</li> <li>3. Relação sentimental mais consequente</li> <li>4. Ressocialização das amizades</li> <li>5. Ressocialização familiar</li> </ol>

Fonte: Produção da própria autora

Em relação às justificativas, de forma geral elas contemplam e acrescentam ideias às características dos domínios, anteriormente descritas. Tanto a psicologia do desenvolvimento quanto o trabalho e estudos envolvendo adolescentes e jovens não seguem um consenso, por

isso a escolha por juízes que trabalham com perspectivas evolucionistas sobre a psicologia e o desenvolvimento humano fez reduzir possíveis divergências em relação aos construtos e à proposta da pós-adolescência em si, proporcionando alinhar raciocínios, mesmo que, ainda assim, sejam abrangentes. Nas tabelas seguintes, estão descritas as justificativas de forma integral (tabela 3, tabela 4, tabela 5, tabela 6, tabela 7, tabela 8, tabela 9).

Tabela 3 - Avaliação dos domínios pelo juiz 1

Domínio	Concorda	Indeciso	Discorda	Justificativa
Ressocialização Familiar	X			“Na adolescência a socialização fica restritiva a família e seu entorno e precisa ser refeita. A ressocialização é um imperativo genético que determina que os humanos, assim como inúmeras outras espécies, só podem existir em associação uns com os outros. É o primeiro passo sem o qual o indivíduo não se habilita a enfrentar a vida. A adolescência tende a desestabilizar as relações familiares. Pode estar bastante sistematizada a rejeição e hostilização aos pais (e à autoridade em geral) e o revide destes. Surgem revoltas, confrontos, agressões, desconfianças, mágoas, abandonos. É um relacionamento que vai sendo recomposto durante a juventude para que o jovem possa levar a contento a complementação do crescimento”.
Ressocialização das Amizades	X			“As relações de amizade da adolescência, até então feitas mais por contiguidade (parentes, vizinhos, colegas de escola) na pós-adolescência têm que abrir espaço para as novas relações mais democráticas e de escolhas próprias, há uma maior seleção e que já se refere a individualização das ideias e ações, necessária para a independência do adulto”.
Relação sentimental mais consequente	X			“O próximo passo é a relação amorosa mais consequente, como você diz, o que pode vir a culminar na reprodução e continuidade da vida, premissa maior da biologia evolutiva. Na adolescência ocorre mais a experimentação, é comum a curta duração nos relacionamentos na pós-adolescência as relações tendem a se tornar mais sérias por vezes mais duradouras”.
Individualização das ideias e ações	X			“É o que coloquialmente pode-se chamar de maior vontade própria e maior conhecimento de causa. Nos grupos da adolescência emergem lideranças e o resto vai atrás, meio sem pensar, sem crítica e na pós-adolescência existe uma crítica maior e relações mais simétricas pois as vontades próprias e as próprias escolhas vão surgindo, o jovem passa a esvaziar o comportamento de grupo ou multidão e a idolatria e passam a defender suas próprias posições”.
Responsabilizar -se por si mesmo	X			“O domínio é fundamental e talvez o mais importante. Sem a responsabilização a entrada na vida adulta fica prejudicada. Adolescentes pouco se responsabilizam, adultos jovens passam a se responsabilizar e aos poucos se tornam capazes de serem adultos. Fico indeciso apenas com o modo com que foi colocado, o domínio junto com os subdomínios agrupou ou sobrecarregou muitas informações, será melhor separá-los?”

Fonte: produção da própria autora

Tabela 4 - Avaliação dos domínios pelo juiz 2

Domínio	Concorda	Indeciso	Discorda	Justificativa
Ressocialização Familiar	X			“Este domínio contempla uma característica relevante entre os jovens. As mudanças nas relações familiares são notáveis entre jovens mais novos e mais velhos. As relações vão mudando de mais hierárquicas para menos hierárquicas. A “separação” que ocorre com os pais é fundamental para adquirir autonomia e consequentemente virar adulto”.
Ressocialização das Amizades		X		“Fico indecisa pois apesar de entender o domínio e concordar em boa parte, não sei se fica claro as mudanças nas qualidades das amizades, apesar de que elas ocorrem ao longo da juventude”.
Relação sentimental mais consequente	X			“Concordo, pois é um domínio relevante para a abordagem evolucionista pois estamos falando de reprodução e continuidade da vida. E os envolvimento mais “sérios” ocorrem quando os adolescentes já são mais velhos. Mesmo que a idade do casamento tenha aumentado na nossa sociedade ou o casamento em si não ocorra muitas vezes, é importante se obter as condições para um relacionamento mais estável”.
Individualização das ideias e ações	X			“Este domínio se interliga ao último domínio, primeiro se inicia a individualização e depois a responsabilização. O adolescente é muito influenciado pelos pares de uma forma diferente dos adultos, que conseguem pensar por si mesmos”.
Responsabilizar-se por si mesmo	X			“Um domínio importante, pois, responsabilidade por si mesmo seria o símbolo maior da fase adulta, isso vai ocorrendo gradualmente nos adolescentes e no adulto jovem é muito mais expressivo”.

Fonte: produção da própria autora

Tabela 5 - Avaliação dos domínios pelo juiz 3

Domínio	Concorda	Indeciso	Discorda	Justificativa
Ressocialização Familiar	X			“Ressocialização familiar é um importante domínio no que diz respeito aos jovens. As mudanças que ocorrem entre o adolescente e o jovem adulto são importantes para a conquista da independência”.
Ressocialização das Amizades	X			“Do mesmo modo as amizades são muito importantes no avanço do comportamento social, fundamento importante na psicologia evolutiva. Relações que diferem das relações familiares e que preparam para relações mais íntimas mais adiante”.
Relação sentimental mais consequente	X			“As relações amorosas no fim da adolescência e durante a fase de adulto jovem, são uma das experiências mais importantes para a evolução em última análise. Culmina na reprodução e na continuidade da espécie”.
Individualização das ideias e ações	X			“Essa é uma conquista fundamental para se tornar autônomo e independente e virar adulto. Considerando que o objetivo biológico e cultural do ser humano é virar adulto, este é um requisito obrigatório”.
Responsabilizar-se por si mesmo	X			“Estar apto a se responsabilizar por si mesmo é também requisito para se atingir a vida adulta. Projetar o futuro e Independência financeira como você coloca, são subdomínios fundamentais para atingir esse status de adulto”.

Fonte: Produção da própria autora

Tabela 6 – Avaliação dos domínios pelo juiz 4

Domínio	Concorda	Indeciso	Discorda	Justificativa
Ressocialização Familiar	X			“Muito importante quando se refere a rejeição x dependência, típicas dos adolescentes e a progressão desse comportamento em direção a independência e uma relação menos hierárquica na pós-adolescência. Eventualmente, o pós-adolescente precisa lutar para impor suas posições e delimitar seu espaço em busca de um relacionamento mais de igual para igual, e assim criar um clima familiar mais favorável para o desenrolar normal da fase”.
Ressocialização das Amizades	X			“O desenvolvimento social é talvez a parte mais importante da vida do ser e vejo que todos os domínios falam disse, da interação com o outro. As mudanças nas relações de amizade também dizem sobre a progressão da independência como todos os outros domínios. E elas mudam de característica e de função quando os jovens vão crescendo. Uma das funções do agrupamento (andar em turma, em bandos) dos adolescentes é a de pais substitutos, protegendo e reassegurando seus membros nos movimentos de alavancagem do controle dos adultos. Na “pós-adolescência” entram em jogo o comportamento de bando X os posicionamentos pessoais”.
Relação sentimental mais consequente	X			“A “pós-adolescência” seria o período de treinamento deste domínio, que leva à, em última instância ao acasalamento, que vai garantir a descendência. Requer uma evolução compatível de outros domínios da fase, como a ressocialização familiar e de amizades, e uma mudança geral no modo de ser do adolescente. As relações mais generalizadas do adolescente passam a ser mais consequentes”.
Individualização das ideias e ações	X			“A genética e os hábitos sociais trabalhando juntos para cumprir os preceitos da natureza encarregam-se de levar o jovem a exercer suas próprias escolhas: a profissão, o trabalho, o compromisso amoroso, etc.”
Responsabilizar -se por si mesmo	X			“O comportamento de responsabilizar-se por si mesmo, a marca registrada do adulto. Os bruscos rudimentos libertários do adolescente são processados, selecionando-se aqueles capazes de consolidar os preceitos da autossuficiência. Responsabiliza-se é requisito do adulto, na adolescência ou mesmo na infância isso se inicia, mas é na “pós-adolescência” que conseguimos enxergar com mais clareza, inclusive enxergar se o indivíduo está amadurecendo ou não”.

Fonte: produção da própria autora



Tabela 7 - Avaliação dos domínios pelo juiz 5

Domínio	Concorda	Indeciso	Discorda	Justificativa
Ressocialização Familiar	X			“Concordo. A relação entre pais e filhos é muito relevante neste projeto. Vai se transformando ao longo da vida, é fundamental que jovens consigam se desvencilhar de relações dependentes para relações e posicionamento mais independentes na transição para a fase adulta. Sem isso não crescem, não evoluem, por tanto vão padecer de alguma dificuldade ou sofrimento. Observamos essas significativas transformações em jovens mais velhos, após os 18-20 anos”.
Ressocialização das Amizades	X			“Concordo. Existe uma função tanto biológica quanto sociocultural para essas mudanças nas relações sociais. Há um “treinamento” para relações mais estáveis que permitem relações afetivas/amorosas e, portanto o acasalamento”.
Relação sentimental mais consequente	X			“Concordo. O importante além do acasalamento, objetivo final na biologia, é estar apto a ter relações mais consequentes, característica dos adultos que vai progredindo da adolescência até a vida adulta. A entrada na vida adulta hoje em dia se estendeu, por vezes os jovens experimentam diferentes tipos de relações até por volta dos 30 e só depois formam pares mais “consequentes “ou formam família”.
Individualização das ideias e ações	X			“Concordo. Esse domínio permite a autonomia que deve ser alcançada para se tornar adulto. Essa autonomia ou individualização é pouco verificada nos adolescentes e mais comum nos jovens mais velhos, o que pode diferenciar fases e embasar a fase da pós-adolescência”.
Responsabilizar-se por si mesmo	X			“Concordo. A partir dos 18 anos, aproximadamente, o jovem se vê compelido a decidir sobre ‘o que vai ser na vida’. É a primeira decisão própria com repercussão duradoura na vida dele, às vezes para sempre, e cuja responsabilidade é inteiramente sua. Mas ainda há um caminho a percorrer, ainda por volta dos 18 existe muita experimentação e a responsabilidade varia o que dificulta definir este jovem de 18 anos como um adulto”.

Tabela 8 – Avaliação dos domínios pelo juiz 6

Domínio	Concorda	Indeciso	Discorda	Justificativa
Ressocialização Familiar	X			“De fato, a relação entre filhos e pais ou responsáveis passa por mudanças importantes até atingirmos a fase adulta e claro, não termina nela. No início da adolescência as relações se tornam mais conflituosas, os adolescentes querem se distanciar na “marra”, já os jovens mais velhos, que poderiam fazer parte da pós-adolescência, buscam por relações mais igualitárias e se não encontram, conseguem lidar melhor, não necessariamente afastando os pais ou instituições. Parece um domínio universal para diferenciar fases do desenvolvimento”.
Ressocialização das Amizades	X			“A socialização é uma parte fundamental na tanto psicologia do desenvolvimento quanto na biologia evolutiva, é através dela que nos tornamos seres. Não evoluímos sem a socialização e comunicação. Na adolescência as amizades são fundamentais no exercício de independência, mas é comum que sejam fluidas, passageiras pois estão experimentando, também é muito comum andarem em grupos quando esses parecem ser mais importantes do que as relações individuais. Já os jovens mais velhos apesar de ainda estarem experimentando e explorando relações com diferentes pessoas, conseguem selecionar as amizades de forma mais segura e até adequada”.
Relação sentimental mais consequente	X			“A formação de casais é um clássico da psicologia/biologia evolutiva, já que proporciona a continuidade da espécie. Socialmente o status de casal também tem grande importância. Os adolescentes não estão voltados para a formação de casal e família, quando isso ocorre, é de forma inesperada, um imprevisto ao contrário dos jovens adultos que tanto geneticamente quanto socialmente adquirem condições para tal e buscam se relacionar com quem possivelmente pode formar família”.
Individualização das ideias e ações	X			“Este domínio é importante para diferenciar adolescentes, pós adolescentes e adultos. Geralmente os mais novos não conseguem se individualizar, eles ainda são muito dependentes, tanto dos pais, dos professores, como das instituições no geral. Mas na transição para a fase adulta, será necessário que isso ocorra”.
Responsabilizar-se por si mesmo	X			“Também uma característica universal em direção a fase adulta/ adulto jovem. Muito dificilmente os adolescentes se responsabilizam por suas escolhas, opiniões, erros, etc. Já as pessoas na pós-adolescência deveriam estar se responsabilizando por si mesmos em direção a busca pela independência. A projeção do futuro e a independência financeira como foram colocados, são dois marcos importantes fase adulta e isso vai ocorrendo durante a juventude”.

Fonte: Produção da própria autora

Tabela 9 – Avaliação dos domínios pelo juiz 7

Domínio	Concorda	Indeciso	Discorda	Justificativa
Ressocialização Familiar	X			Esse domínio me parece bem relevante para diferenciar fases. O comportamento pais-filhos tende a mudar significativamente ao longo da juventude, demonstrando uma maior independência em relação a própria vida.
Ressocialização das Amizades	X			As relações de amizade são muito importantes para o desenvolvimento do ser e elas cumprem diferentes funções ao longo da vida. O adolescente precisa de seus pares para se afirmar, para se afastar da família e para desenvolver habilidades sociais, mas os critérios de seleção se tornam mais consequentes nos jovens mais velhos, menos generalizadas e com mais críticas.
Relação sentimental mais consequente	X			As relações mais generalizadas típicas do adolescente dão espaço a relações mais “sérias” e que leva possivelmente ao namoro, a relação de casais, o que na natureza leva a procriação.
Individualização das ideias e ações	X			Atuar nas próprias escolhas de vida é fundamental para o amadurecimento. Os adolescentes estão voltados principalmente para as escolhas dos outros (pais, famílias, professores, pares), enquanto os pós adolescentes ou adultos jovens, conseguem se voltar para suas próprias ideias e ações.
Responsabilizar-se por si mesmo	X			Como você disse, nessa aquisição de independência em relação ao sistema, esse domínio é fundamental. Não amadurecemos sem nos responsabilizar. Os adolescentes iniciam essa responsabilização, mas é ainda muito tênue e frágil, os jovens mais velhos, devem se responsabilizar para amadurecer e se tornarem adultos, dando condições para a continuidade da espécie.

Fonte: Produção da própria autora

#### 4.2. Análise de conteúdo dos itens e domínios por Juízes

Abaixo, dispõe-se a tabela 10, que se refere à primeira versão do instrumento e às dimensões correspondentes que foram entregues aos juízes, seguidos por questões referentes a concordância e aspectos semânticos. Importante dizer que os domínios foram renumerados após a escolha dos dois domínios mais relevantes, segundo os juízes. Portanto, Domínio I. Individualização das ideias e ações e Domínio II. Responsabilizar-se por si mesmo.

Tabela 10 - Primeira Versão do Instrumento

<b>Itens</b>	<b>Domínio</b>
1. Ter um ídolo ou influenciador é importante.	Domínio 1. Individualização das ideias e ações (IA)
2. Posso andar pela cidade onde moro, sem meus pais ou responsáveis.	Domínio 2. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
3. Minha renda vem dos meus pais, familiares ou responsáveis.	Domínio 2. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
4. Costumo seguir às opiniões dos meus amigos(as).	Domínio 1. Individualização das ideias e ações (IA)
5. Costumo seguir as opiniões dos meus pais ou responsáveis.	Domínio 1. Individualização das ideias e ações (IA)
6. Costumo fazer planos para minha vida	Domínio 1. Individualização das ideias e ações (IA)
7. Pessoas da minha idade são capazes de morar sem os pais, familiares ou responsáveis.	Domínio 2. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
8. Meus pais ou responsáveis devem ter a palavra final sobre uma decisão minha.	Domínio 1. Individualização das ideias e ações (IA)
9. Costumo fazer planos para minha vida profissional	Domínio 2. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
10. Costumo pensar em como alcançar a independência financeiramente.	Domínio 2. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
11. Pessoas da minha idade sabem pensar por elas mesmas.	Domínio 1. Individualização das ideias e ações (IA)
12. Costumo pensar em como estará minha vida com 30 e poucos anos.	Domínio 2. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
13. Pessoas da minha idade deveriam ter a mesma a responsabilidade que os pais ou responsáveis.	Domínio 2. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
14. Costumo “abrir mão” das minhas ideias quando ouço as ideias dos outros.	Domínio 1. Individualização das ideias e ações (IA)

15. Sinto-me independente em relação aos meus pais ou responsáveis.	Domínio 1. Individualização das ideias e ações (IA)
16. Pessoas da minha idade estão aptas a formar uma nova família (formar casal e/ou ter filhos)	Domínio 1. Individualização das ideias e ações (IA)
17. Costumo a me responsabilizar pelos meus atos.	Domínio 2. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
18. Pessoas da minha idade deveriam ser responsáveis por si mesmas.	Domínio 2. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
19. Se um posicionamento político é correto para meus pais ou responsáveis, ele é correto para mim.	Domínio 1. Individualização das ideias e ações (IA)
20. Preciso da ajuda dos meus pais ou responsáveis para iniciar novas atividade ou projetos.	Domínio 1. Individualização das ideias e ações (IA)
21. Pessoas da minha idade fazem coisas agora, pensando no futuro.	Domínio 2. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
22. Eu posso viajar sem meus pais ou responsáveis pois sei me cuidar.	Domínio 2. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)

---

Fonte: Produção da própria autora

A Tabela 11 apresenta a distribuição das classificações de itens pelos 7 juízes, considerando as três categorias possíveis. Assim, os juízes avaliaram se o item parecia pertencer ao Domínio I, ao Domínio II ou a nenhum domínio. O índice de concordância Kappa de Fleiss foi de 0,81, o qual, segundo parâmetros, é considerado bom (abaixo de 0,20 seria muito baixo, entre 0,21 e 0,40 satisfatório, entre 0,41 e 0,60 moderado, entre 0,61 e 0,80 bom e entre 0,81 e 1, muito bom). Este resultado indica que, de forma geral, houve boa concordância na classificação do item por domínio, para a maioria dos casos.

Tabela 11 - Distribuição das classificações de itens pelos juízes participantes

Itens	Domínio I	Domínio II	Nenhum
Item 1	7	0	0
Item 2	1	6	0
Item 3	0	6	1
Item 4	7	0	0
Item 5	7	0	0
Item 6	2	5	0

Item 7	0	7	0
Item 8	7	0	0
Item 9	0	7	0
Item 10	1	6	0
Item 11	7	0	0
Item 12	0	7	0
Item 13	0	7	0
Item 14	7	0	0
Item 15	1	6	0
Item 16	0	3	4
Item 17	0	7	0
Item 18	0	7	0
Item 19	7	0	0
Item 20	7	0	0
Item 21	0	7	0
Item 22	0	7	0
Kappa de Fleiss			0,80686

Fonte: Produção da própria autora

Contudo, em análise detalhada, pode-se perceber que para alguns itens não houve concordância satisfatória, o que pode oferecer apontamentos para aprimoramento do item – ou mudança do mesmo de domínio. Um exemplo é o "item 16" que, para 4 juízes, não pertenceria a nenhum domínio.

A tabela 12, indica que, dos 22 itens propostos, os juízes identificaram 16 deles sendo como do mesmo Domínio do qual eles fariam parte, segundo a elaboração do instrumento. Nos itens 02, 03, 06, 10, 15 e 16 não houve total concordância em relação ao pertencimento do item ao domínio correspondente.

Tabela 12 - Concordância do domínio atribuído pelo juiz com o pretendido para o item

Itens	Sim	Não
Item 1	7	-
Item 2	6	1
Item 3	6	1
Item 4	7	-

Item 5	7	-
Item 6	2	5
Item 7	7	-
Item 8	7	-
Item 9	7	-
Item 10	6	1
Item 11	7	-
Item 12	7	-
Item 13	7	-
Item 14	7	-
Item 15	1	6
Item 16	0	7
Item 17	7	-
Item 18	7	-
Item 19	7	-
Item 20	7	-
Item 21	7	-
Item 22	7	-

Fonte: Produção da própria autora

No “item 2”, 1 juiz identificou que ele pertenceria ao Domínio II, quando ele teria sido desenvolvido com base nos constructos alinhados ao Domínio I. No “item 3”, 1 juiz identificou que ele pertenceria a nenhum Domínio, quando ele teria sido desenvolvido com base nos constructos alinhados ao Domínio I. No “item 6”, 5 juízes identificaram que ele pertenceria ao Domínio II, quando ele teria sido desenvolvido com base nos constructos alinhados ao Domínio I. No “item 15”, 6 juízes identificaram que ele pertenceria ao Domínio II, quando ele teria sido desenvolvido com base nos constructos alinhados ao Domínio I. E, finalmente, no “item 16”, 4 juízes concordaram que o item não pertencia a nenhum dos domínios e 3 Juízes identificaram que ele pertenceria ao Domínio II, quando ele teria sido desenvolvido com base nos constructos alinhados ao Domínio I. Apoiando-se nestes resultados, o “item 16” foi excluído, o “item 15” foi alocado do Domínio I para o Domínio II, e o “item 6” foi alocado do Domínio I para o Domínio II.

Com relação aos aspectos semânticos dos itens, que influenciam sua validade de conteúdo, foram calculadas estatísticas descritivas de valor mínimo, mediana e máximo das notas atribuídas pelos juízes para os itens, nos critérios Clareza, Pertinência, Coerência e Suficiência. O tratamento dos dados foi realizado nos softwares *Microsoft Excel* e *RStudio*.

A tabela 13 apresenta os valores de Mínimo, Mediana e Máximo para os critérios de Clareza, Pertinência, Coerência e Suficiência dos itens (escala de variação de 5 pontos para cada critério, sendo 5 a maior pontuação/nota e 1 a menor). Para a maioria dos itens (15 do total de 22 itens), os valores máximos variam entre 4 ou 5, indicando que ao menos um juiz considerou os itens satisfatórios nesses critérios. Contudo, a análise detalhada dos valores mínimos e sobretudo dos valores de mediana oferecem apontamentos de itens que merecem atenção – no sentido de serem aprimorados ou de serem submetidos a análises em estudos futuros).



Tabela 13 - Valores Mínimo, Mediana e Máximo para os critérios de Clareza, Pertinência e Coerência dos itens

Itens	Clareza			Pertinência			Coerência			Suficiência		
	Min	Mdn	Máx	Min	Mdn	Máx	Min	Mdn	Máx	Min	Mdn	Máx
1. Ter um ídolo ou influenciador é importante.	4	5	5	4	5	5	4	5	5	4	5	5
2. Posso andar pela cidade onde moro, sem meus pais ou responsáveis.	3	4	5	3	4	5	3	4	5	3	4	5
3. Minha renda vem dos meus pais, familiares ou responsáveis.	5	5	5	3	4	5	4	4	5	4	4	5
4. Costumo seguir às opiniões dos meus amigos(as).	4	5	5	4	5	5	4	5	5	4	5	5
5. Costumo seguir as opiniões do meus pais ou responsáveis.	4	5	5	4	5	5	4	5	5	4	5	5
6. Costumo fazer planos para minha vida	3	3	4	3	4	4	3	4	4	3	3	4
7. Pessoas da minha idade são capazes de morar sem os pais, familiares ou responsáveis.	3	4	5	3	4	5	3	4	4	3	4	4
8. Meus pais ou responsáveis devem ter a palavra final sobre uma decisão minha.	4	5	5	4	5	5	4	5	5	4	5	5
9. Costumo fazer planos para minha vida profissional	4	5	5	5	5	5	4	5	5	4	5	5
10. Costumo pensar em como alcançar a independência financeiramente.	4	5	5	5	5	5	4	5	5	4	5	5
11. Pessoas da minha idade sabem pensar por elas mesmas.	3	4	4	3	4	5	3	4	5	3	4	4
12. Costumo pensar em como estará minha vida com 30 e poucos anos.	4	5	5	4	5	5	4	5	5	4	4	5
13. Pessoas da minha idade deveriam ter a mesma a responsabilidade que os pais ou responsáveis.	3	4	5	3	4	4	3	4	4	3	3	4
14. Costumo “abrir mão” das minhas ideias quando ouço as ideias dos outros.	4	5	5	4	5	5	4	5	5	4	5	5
15. Sinto-me independente em relação aos meus pais ou responsáveis.	3	4	5	4	5	5	4	4	5	3	4	4
16. Pessoas da minha idade estão aptas a formar uma nova família (formar casal e/ou ter filhos)	2	4	4	2	3	4	2	3	4	2	3	4
17. Costumo a me responsabilizar pelos meus atos.	3	4	5	3	4	5	3	4	5	3	4	5
18. Pessoas da minha idade deveriam ser responsáveis por si mesmas.	3	4	5	3	4	5	3	4	5	3	4	5
19. Se um posicionamento político é correto para meus pais ou responsáveis, ele é correto para mim.	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
20. Preciso da ajuda dos meus pais ou responsáveis para iniciar novas atividade ou projetos.	4	5	5	4	5	5	4	5	5	4	5	5
21. Pessoas da minha idade fazem coisas agora, pensando no futuro.	3	4	4	3	4	5	3	4	5	3	4	4
22. Eu posso viajar sem meus pais ou responsáveis pois sei me cuidar.	4	4	5	3	4	5	3	4	5	3	4	5

Fonte: Produção da própria autora

Integrando os resultados apresentados nas Tabelas 11, 12 e 13, foram exploradas as evidências de possíveis inadequações em alguns dos itens propostos:

Item 3: “Minha renda vem dos meus pais, familiares ou responsáveis” foi bem avaliado pelos juízes – isto é, apresentou todos entre os valores máximos compatíveis com a nota 5 e valores de mediana 4. Contudo, um dos juízes não o alocou em nenhum dos domínios elaborados. Em análise da Tabela 13, identifica-se o valor mínimo três para o critério Pertinência do item, indicando que ele poderia ter problemas quanto à validade de conteúdo para medir os constructos pretendidos.

Item 6: “Costumo fazer planos para minha vida” não recebeu pontuação máxima por nenhum dos juízes. O valor máximo foi 4, para todos os critérios. Para os critérios Clareza (referente ao Item ser de fácil compreensão) e Suficiência (referente ao item contemplar aspectos suficientes do fenômeno avaliado), metade dos juízes deu uma nota igual a 3, segundo a mediana. Este item, inicialmente, foi elaborado para pertencer ao “Domínio I: Individualização das ideias e ações (IA)”, e apenas dois dos 7 avaliadores avaliaram que ele pertenceria a este domínio. A respeito deste item, em resposta aberta, um dos juízes comenta que o item seria muito abrangente.

Item 7: “Pessoas da minha idade são capazes de morar sem os pais, familiares ou responsáveis”, ao menos um juiz o avaliou com nota 3 para os critérios de Coerência e Suficiência. Da mesma forma, nenhum dos juízes considerou que ele alcançaria nota máxima nesses critérios. Todos os juízes concordaram com o possível domínio ao qual este item pertenceria, que seria o “Domínio II: Responsabilizar-se por si mesmo (RM)”, o mesmo pretendido na elaboração do item.

Item 11: “Pessoas da minha idade sabem pensar por si mesmas” também foi avaliado com nota 3 ao menos por um juiz, com relação a Clareza e Suficiência. Da mesma forma, para estes critérios, nenhum dos juízes atribuiu nota máxima. A respeito deste item, em resposta aberta, um dos juízes comenta que ele seria muito abrangente. Este item, inicialmente, foi elaborado para pertencer ao “Domínio I: Individualização das ideias e ações (IA)”, e a avaliação de todos os juízes foi em concordância com o pertencimento a esse domínio.

Item 13: “Pessoas da minha idade deveriam ter a mesma a responsabilidade que os pais ou responsáveis”, recebeu nota mínima para todos os critérios e não recebeu nota máxima para os critérios Pertinência, Coerência e Suficiência, com destaque para o desempenho em Suficiência – com mediana 3. Isso indica que ao menos metade dos juízes identifica que o Item não contempla aspectos suficientes do fenômeno que se pretende avaliar. Não obstante, todos os juízes concordaram com o possível domínio ao qual este item pertenceria, que seria o

“Domínio II: Responsabilizar-se por si mesmo (RM)”, o mesmo pretendido na elaboração do item. Em resposta aberta, um dos juízes questiona a quais responsabilidades se estaria fazendo referência.

Item 15: “Sinto-me independente em relação aos meus pais ou responsáveis” foi bem avaliado pelos juízes – em geral, apresentou valores máximos compatíveis com a nota 5 e valores de mediana 4. Contudo, foi inicialmente elaborado para incorporar o “Domínio I: Individualização das ideias e ações (IA)”, e seis dos sete juízes consideraram que ele pertenceria ao Domínio II. Analisando mais detalhadamente a Tabela 13, percebe-se que o desempenho deste item foi menos satisfatório no critério Suficiência. Esse resultado indica necessidade de revisão deste item – de seu conteúdo e, possivelmente, do fator ao qual poderia pertencer. Em resposta aberta, um dos juízes questiona qual seria o sentido de “sentir-se” independente.

Item 16: “Pessoas da minha idade estão aptas a formar uma nova família (formar casal e/ou ter filhos)”, parece ser o que apresentou pior desempenho a partir da avaliação dos juízes: tem valores mínimos dois para todos os critérios, mediana três para Pertinência, Coerência e Suficiência e não atingiu a nota máxima para nenhum critério, indicando que a maioria dos juízes o avaliou como problemático. Ainda, de acordo com a Tabela 11, quatro juízes teriam identificado que este item não pertenceria a nenhum domínio, e três ao Domínio II. Neste caso, não houve concordância com o sentido inicial pretendido para o item.

Após a análise da avaliação feita por juízes, o “item 16” foi excluído.

#### *4.2.1. ANÁLISE SEMÂNTICA - PRÉ-TESTE*

No intuito de analisar a compreensão dos itens por parte da população alvo, para, em conjunto com a análise dos juízes, possivelmente adaptar o instrumento para a versão piloto, elaborou-se um instrumento composto por 21 itens do pré-teste, seguidos por uma escala de resposta de cinco pontos: 1. Extremamente difícil entender essa afirmação (ED); 2. Difícil entender essa afirmação (D); 3. Nem difícil, nem fácil entender essa afirmação (NN); 4. Fácil entender essa afirmação (FE); 5. Extremamente fácil entender essa afirmação (EF).

Este instrumento foi aplicado a 2 amostras de 24 indivíduos, (total  $N = 48$ ), com 8 representantes de cada idade (16,7%), entre 14, 15, 16, 27, 28 e 29 anos ( $M = 21,5$ ), sendo 50% participantes das camadas de níveis socioeconômicos (NSE) mais baixos e 50% de NSE mais altas. Os grupos foram nominados e divididos em G1 e G2. A análise se baseou no percentual de avaliação e frequência simples de respostas.

G1:  $N = 24$ , 4 representantes de cada idade de 14 a 16 e 27 a 29 anos (16,7%). Renda familiar: até R\$ 2.424,00 - ( $N = 10$ ) - 41,6%. De R\$ 2.425,00 até R\$ 4.848,00 - ( $N = 14$ ) - 58,4%

G2:  $N = 24$ , 4 representantes de cada idade de 14 a 16 e 27 a 29 anos (16,7%). Renda familiar: de R\$ 12.123,00 até R\$ 24.245,00 - ( $N = 11$ ) - 45,8%. Acima de R\$ 24.246,00 - ( $N = 13$ ) - 54,2%

Tabela 14 - Frequência de respostas - G1

Itens	ED	D	NN	F	EF
1. Ter um ídolo ou influenciador é importante.				12,5%	87,5%
2. Posso andar pela cidade onde moro, sem meus pais ou responsáveis.				16,7%	83,3%
3. Minha renda vem dos meus pais, familiares ou responsáveis.		16,7%	20,8%	25%	37,5%
4. Costumo seguir às opiniões dos meus amigos(as).				54,2%	45,8%
5. Costumo seguir as opiniões do meus pais ou responsáveis.			4,2%	45,8%	50%
6. Costumo fazer planos para minha vida.			20,8%	41,7%	37,5%
7. Pessoas da minha idade são capazes de morar sem os pais, familiares ou responsáveis.			12,5%	58,3%	29,2%
8. Meus pais ou responsáveis devem ter a palavra final sobre uma decisão minha.				54,2%	45,8%
9. Costumo fazer planos para minha vida profissional.				50%	50%
10. Costumo pensar em como alcançar a independência financeiramente.			4,2%	50%	45,8%
11. Pessoas da minha idade sabem pensar por si mesmas.		8,7%	16,3%	50%	25%
12. Costumo pensar em como estará minha vida com 30 e poucos anos.				66,7%	33,3%
13. Pessoas da minha idade deveriam ter a mesma a responsabilidade que os pais ou responsáveis.			12,5%	58,3%	29,2%
14. Costumo “abrir mão” das minhas ideias quando ouço as ideias dos outros.			4,2%	54,2%	41,7%
15. Sinto-me independente em relação aos meus pais ou responsáveis.			4,2%	54,2%	41,7%
16. Costumo a me responsabilizar pelos meus atos.			4,2%	54,2%	41,7%
17. Pessoas da minha idade deveriam ser responsáveis por si mesmas.				58,3%	41,7%

18. Se um posicionamento político é correto para meus pais ou responsáveis, ele é correto para mim.	4,2%	54,2%	41,7%
19. Preciso da ajuda dos meus pais ou responsáveis para iniciar novas atividades ou projetos.		54,2%	45,8%
20. Pessoas da minha idade fazem coisas agora, pensando no futuro.		58,3%	41,7%
21. Eu posso viajar sem meus pais ou responsáveis pois sei me cuidar.		16,7%	83,3%

Fonte: Produção da própria autora

Tabela 15 - Frequência de respostas - G2

Itens	ED	D	NN	F	EF
1. Ter um ídolo ou influenciador é importante.				12,5%	87,5%
2. Posso andar pela cidade onde moro, sem meus pais ou responsáveis.				12,5%	87,5%
3. Minha renda vem dos meus pais, familiares ou responsáveis.		10,3%	16,8%	35,3%	37,6%
4. Costumo seguir às opiniões dos meus amigos(as).			2,1%	39,6%	58,3%
5. Costumo seguir as opiniões dos meus pais ou responsáveis.			2,1%	37,5%	60,4%
6. Costumo fazer planos para minha vida.			10,4%	50%	39,6%
7. Pessoas da minha idade são capazes de morar sem os pais, familiares ou responsáveis.			6,3%	64,6%	29,2%
8. Meus pais ou responsáveis devem ter a palavra final sobre uma decisão minha.				54,2%	45,8%
9. Costumo fazer planos para minha vida profissional.				50%	50%
10. Costumo pensar em como alcançar a independência financeiramente.			4,2%	50%	45,8%
11. Pessoas da minha idade sabem pensar por si mesmas.		8,4%	16,5%	52,8%	23,2%
12. Costumo pensar em como estará minha vida com 30 e poucos anos.			2,1%	62,5%	35,4%
13. Pessoas da minha idade deveriam ter a mesma responsabilidade que os pais ou responsáveis.			18,8%	52,1%	29,1%
14. Costumo “abrir mão” das minhas ideias quando ouço as ideias dos outros.			2,1%	62,5%	35,4%
15. Sinto-me independente em relação aos meus pais ou responsáveis.			4,2%	54,2%	41,7%
16. Costumo a me responsabilizar pelos meus atos.			6,3%	64,6%	29,2%

17. Pessoas da minha idade deveriam ser responsáveis por si mesmas.	4,2%	66,7%	29,2%
18. Se um posicionamento político é correto para meus pais ou responsáveis, ele é correto para mim.	2,1%	64,6%	33,3%
19. Preciso da ajuda dos meus pais ou responsáveis para iniciar novas atividades ou projetos.		54,2%	45,8%
20. Pessoas da minha idade fazem coisas agora, pensando no futuro.	4,2%	66,7%	29,2%
21. Eu posso viajar sem meus pais ou responsáveis pois sei me cuidar.		12,5%	87,5%

Fonte: Produção da própria autora

De modo geral, não houve diferenças significativas entre os dois grupos em relação ao NSE. Tanto no G1, quanto no G2, a maioria dos itens apresentou as maiores porcentagens nas respostas entre as escalas “fácil entender essa afirmação” e “extremamente fácil entender essa afirmação”. Os itens que mais se destacaram, indicando alguma dificuldade na compreensão, apontados pela escala “nem fácil, nem difícil entender essa afirmação” e “difícil entender essa afirmação”, foram verificados nos dois grupos de forma similar (Tabela 16). No entanto, predominaram entre as idades mais baixas, tanto no G1, quanto no G2, variando discretamente entre o NSE. 5 itens receberam porcentagens iguais ou superiores a 6,3% de resposta “nem fácil, nem difícil entender essa afirmação”, e 2 itens receberam porcentagens iguais ou superiores a 8,4% de respostas “difícil entender essa afirmação”. Dentre as respostas “difícil entender essa afirmação”, 96% eram de pessoas com idades entre 14 e 16 anos; dentre as respostas “nem fácil, nem difícil”, 78%.

Tabela 16 - Comparativo G1 X G2

Itens	G	D	NN	F	EF
Item 3. Minha renda vem dos meus pais, familiares ou responsáveis.	G1	16,7%	20,8%	25%	37,5%
	G2	10,3%	16,8%	35,3%	37,6%
Item 6. Costumo fazer planos para minha vida.	G1		20,8%	41,7%	37,5%
	G2		10,4%	50%	39,6%
Item 7. Pessoas da minha idade são capazes de morar sem os pais, familiares ou responsáveis.	G1		12,5%	58,3%	29,2%
	G2		6,3%	64,6%	29,2%
Item 11. Pessoas da minha idade sabem pensar por si mesmas.	G1	8,7%	16,3%	50%	25%
	G2	8,4%	16,5%	52,8%	23,2%

Item 13. Pessoas da minha idade deveriam ter a mesma a responsabilidade que os pais ou responsáveis.	G1	12,5%	58,3%	29,2%
	G2	18,8%	52,1%	29,2%

Fonte: Produção da própria autora

Esta análise, em conjunto com a análise feita pelos juízes, evidenciou a necessidade de se rever 5 itens, que foram alterados em suas semânticas:

Item 3: supôs-se que a palavra “renda” poderia não ser entendida por todos, sendo alterada pela palavra “dinheiro”. A afirmação “minha renda vem dos meus pais, familiares ou responsáveis” foi alterada para “o dinheiro que me sustenta vem dos meus pais, familiares ou responsáveis”.

Item 6: a afirmação “costumo fazer planos para minha vida” foi alterada para “costumo fazer planos importantes para minha vida”. A palavra “planos” pode abranger diversas possibilidades; fazer um passeio, por exemplo, pode ser considerado um plano. A fim de direcionar a palavra para seu significado mais condizente com a proposta do instrumento, alterou-se para “planos importantes”.

Item 7: a afirmação “pessoas da minha idade são capazes de morar sem os pais, familiares ou responsáveis” foi alterada para “pessoas da minha idade são capazes de morar sem os pais ou responsáveis”. A palavra “familiares” foi excluída, por significar diversos níveis de parentesco opcionais para se dividir moradia, como por exemplo par afetivo/amoroso. A ideia era contemplar a moradia com pais ou responsáveis, priorizando entender o grau de dependência / independência em relação a estes.

Item 11: a afirmação “pessoas da minha idade sabem pensar por si mesmas” foi alterada para “pessoas da minha idade têm ideias próprias e sabem pensar por si mesmas”. O acréscimo das palavras “ideias próprias” possivelmente aumentaria a chance de se entender realmente o que a afirmação contemplava, pois “pensar por si mesmas”, além de deixar dúvidas quanto ao significado, provavelmente faria a maioria vir a concordar, já que inclusive crianças acham que sabem pensar por si mesmas.

Item 13: a afirmação “pessoas da minha idade deveriam ter a mesma a responsabilidade que os pais ou responsáveis” foi alterada para “pessoas da minha idade deveriam ser responsáveis tanto quanto pessoas adultas”. A referência aos pais ou responsáveis pode não ser a mais adequada em termos de responsabilidades, optou-se por generalizar com a palavra “adulto”, que de forma geral se associa mais facilmente ao conceito de responsabilidade.

Por fim, esses resultados são relevantes na medida em que oferecem apontamentos de possíveis melhorias necessárias no instrumento. Assim, junto com a análise de conteúdo feita

pelos juízes, no total, 1 item foi excluído (item 16), 2 itens foram realocados de domínios (item 6 e item 15), e 5 itens foram alterados em sua escrita ou semântica (itens: 3, 6, 7, 11 e 13). 8 itens passaram a pertencer ao Domínio I (IA), e 13 itens ao Domínio II (RM), resultando na seguinte composição:

Tabela 17 - Distribuição final itens e domínios

<b>Itens</b>	<b>Domínios</b>
1. Ter um ídolo ou influenciador é importante.	Domínio I. Individualização das ideias e ações (IA)
2. Posso andar pela cidade onde moro, sem meus pais ou responsáveis.	Domínio II. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
3. O dinheiro que me sustenta vem dos meus pais, familiares ou responsáveis.	Domínio II. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
4. Costumo seguir às opiniões dos meus amigos(as).	Domínio I. Individualização das ideias e ações (IA)
5. Costumo seguir as opiniões dos meus pais ou responsáveis.	Domínio I. Individualização das ideias e ações (IA)
6. Costumo fazer planos importantes para minha vida.	Domínio II. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
7. Pessoas da minha idade são capazes de morar sem os pais ou responsáveis.	Domínio II. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
8. Meus pais ou responsáveis devem ter a palavra final sobre uma decisão minha.	Domínio I. Individualização das ideias e ações (IA)
9. Costumo fazer planos para minha vida profissional.	Domínio II. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
10. Costumo pensar em como alcançar a independência financeiramente.	Domínio I. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
11. Pessoas da minha idade têm ideias próprias e sabem pensar por si mesmas.	Domínio I. Individualização das ideias e ações (IA)
12. Costumo pensar em como estará minha vida com 30 e poucos anos.	Domínio II. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
13. Pessoas da minha idade deveriam ser responsáveis tanto quanto pessoas adultas.	Domínio II. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
14. Costumo “abrir mão” das minhas ideias quando ouço as ideias dos outros.	Domínio I. Individualização das ideias e ações (IA)
15. Sinto-me independente em relação aos meus pais ou responsáveis.	Domínio II. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
16. Costumo a me responsabilizar pelos meus atos.	Domínio II. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)



17. Pessoas da minha idade deveriam ser responsáveis por si mesmas.	Domínio 2. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
18. Se um posicionamento político é correto para meus pais ou responsáveis, ele é correto para mim.	Domínio I. Individualização das ideias e ações (IA)
19. Preciso da ajuda dos meus pais ou responsáveis para iniciar novas atividades ou projetos.	Domínio I. Individualização das ideias e ações (IA)
20. Pessoas da minha idade fazem coisas agora, pensando no futuro.	Domínio II. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
21. Eu posso viajar sem meus pais ou responsáveis pois sei me cuidar.	Domínio II. Responsabilizar-se por si mesmo (RM)

---

Fonte: Produção da própria autora

### 4.3. Análises do estudo piloto

A amostra deste estudo foi composta por 488 participantes, com idades entre 14 e 29 anos ( $M = 21,26$ ;  $DP = 4,67$ ). A tabela 18 apresenta a distribuição de gênero na amostra, considerando o agrupamento proposto por idade.

Tabela 18 - Distribuição de gênero na amostra, por grupo de idade

	Gênero	Freq.	%
Grupo 1 (adolescência)	Feminino	73	54,8
	Masculino	56	41,8
	Outro	5	3,7
	Total	134	100,0
Grupo 2 (pós-adolescência)	Feminino	132	55,5
	Masculino	104	43,7
	Outro	2	0,8
	Total	238	100,0
Grupo 3 (adulto jovem)	Feminino	70	60,3
	Masculino	46	39,7
	Outro	0	0,0
	Total	116	100,0

Fonte: Produção da própria autora

*Evidências de precisão*

A tabela 19 apresenta os índices de precisão (alfa de Cronbach) para o escore total da Escala de Pós-adolescência e para os seus domínios, para a amostra total e por grupos da idade. De acordo com a literatura, o valor mínimo aceitável para o alfa de Cronbach é 0,70; não obstante, o valor máximo esperado deve ser de 0,90; acima deste valor, pode-se considerar que há redundância, ou seja, vários itens estão medindo exatamente o mesmo elemento de um constructo; nesse caso, os itens redundantes deveriam ser eliminados. Dessa forma, são desejáveis valores de alfa entre 0,80 e 0,90 (Streiner, 2003). Nesta perspectiva, o alpha teria atingido valores satisfatórios para aplicação na amostra total e separado por grupos.

Destaca-se que os itens 1, 3, 4, 5, 8, 14, 18 e 19 foram propostos para serem pontuados negativamente, e a análise de precisão realizada confirmou a inversão dos itens.

Tabela 19 - Índices de precisão (alfa de cronbach)

	Individualização das ideias e ações (IA)	Responsabilizar-se por si mesmo (RM)	Escore Total Escala de Pós-adolescência
Grupo 1 (adolescência) (n = 134)	0,87	0,94	0,97
Grupo 2 (pós-adolescência) (n = 238)	0,77	0,9	0,92
Grupo 3 (adulto jovem) (n = 116)	0,86	0,78	0,86
Amostra total (n = 488)	0,91	0,96	0,97

Fonte: Produção da própria autora

#### *Evidências de validade de constructo*

A análise fatorial confirmatória, com o modelo de dois domínios (isto é, fatores) aponta para índices de ajuste satisfatórios ( $\chi^2(188) = 1213,215$ ;  $p=0,000$ ;  $\chi^2/df = 6,453$ ;  $CFI = 0,997$ ;  $TLI = 0,997$ ;  $RMSEA = 0,106$ ). Para cada um dos domínios foram verificadas as cargas fatoriais dos itens, sintetizadas na Tabela 19. Para análise dos itens, adotou-se como critério cargas fatoriais acima de 0,40 (Bergman, Reeve, Moser, Scholl, & Klein, 2011; Slotman, Crammnad, & Neiboer, 2015). A partir desta análise, identifica-se que todos os itens apresentam cargas

satisfatórias e elevadas. Aqueles itens com cargas fatoriais mais elevadas são os que mais contribuem para a composição do domínio/constructo. Destacam-se os itens com cargas fatoriais superiores a 0,80: em IA, a maioria dos itens alcança este ponto de corte, à exceção dos itens 5 e 11, e, em RM, à exceção dos itens 16 e 20. Estes resultados indicam que os domínios propostos teoricamente se confirmam do ponto de vista estatístico.

Tabela 20 - Cargas fatoriais de cada item, por domínio/fator

Itens	Individualização das ideias e ações (IA)	Responsabilizar-se por si mesmo (RM)
1. Ter um ídolo ou influenciador é importante. (-)	0,908	
2. Posso andar pela cidade onde moro, sem meus pais ou responsáveis.		0,878
3. O dinheiro que me sustenta vem dos meus pais, familiares ou responsáveis. (-)		0,902
4. Costumo seguir as opiniões dos meus amigos(as).	0,790	
5. Costumo seguir as opiniões dos meus pais ou responsáveis. (-)	0,533	
6. Costumo fazer planos importantes para minha vida.		0,864
7. Pessoas da minha idade são capazes de morar sem os pais ou responsáveis.		0,931
8. Meus pais ou responsáveis devem ter a palavra final sobre uma decisão minha. (-)	0,893	
9. Costumo fazer planos para minha vida profissional.		0,948
10. Costumo pensar em como alcançar a independência financeiramente.		0,941
11. Pessoas da minha idade têm ideias próprias e sabem pensar por si mesmas.	0,609	
12. Costumo pensar em como estará minha vida com 30 e poucos anos.		0,935
13. Pessoas da minha idade deveriam ser responsáveis tanto quanto pessoas adultas.		0,955
14. Costumo “abrir mão” das minhas ideias quando ouço as ideias dos outros. (-)	0,848	
15. Sinto-me independente em relação aos meus pais ou responsáveis.		0,824
16. Costumo me responsabilizar pelos meus atos.		0,778
17. Pessoas da minha idade deveriam ser responsáveis por si mesmas.		0,942
18. Se um posicionamento político é correto para meus pais ou responsáveis, ele é correto para mim. (-)	0,898	
19. Preciso da ajuda dos meus pais ou responsáveis para iniciar novas atividade ou projetos. (-)	0,929	

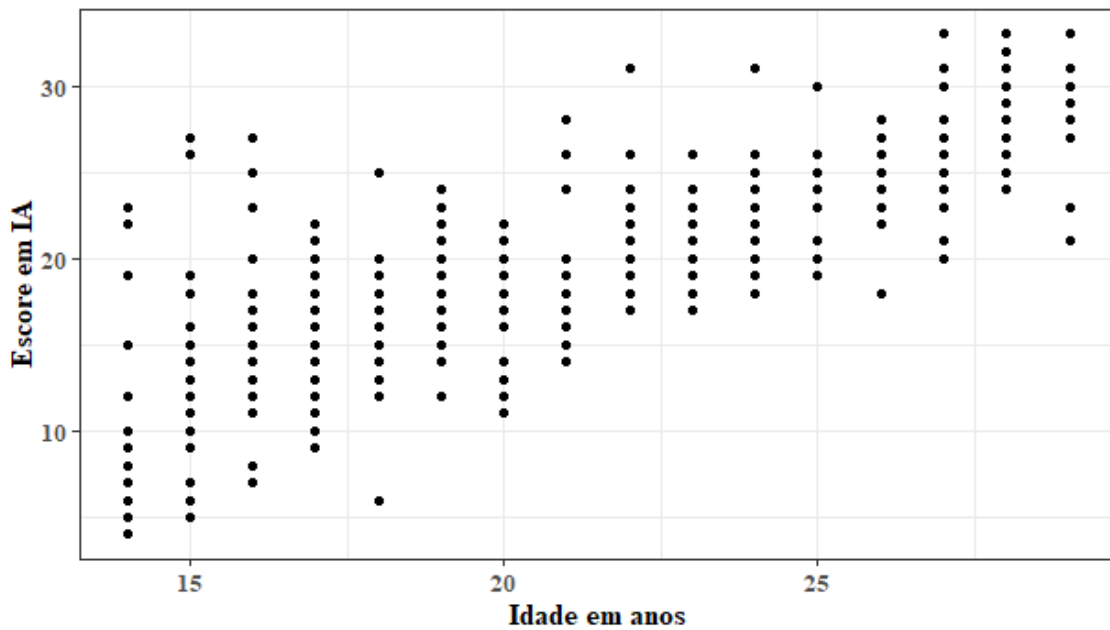
20. Pessoas da minha idade fazem coisas agora, pensando no futuro.	0,789
21. Eu posso viajar sem meus pais ou responsáveis pois sei me cuidar.	0,931

Fonte: Produção da própria autora

### *Evidências de validade de critério – idade*

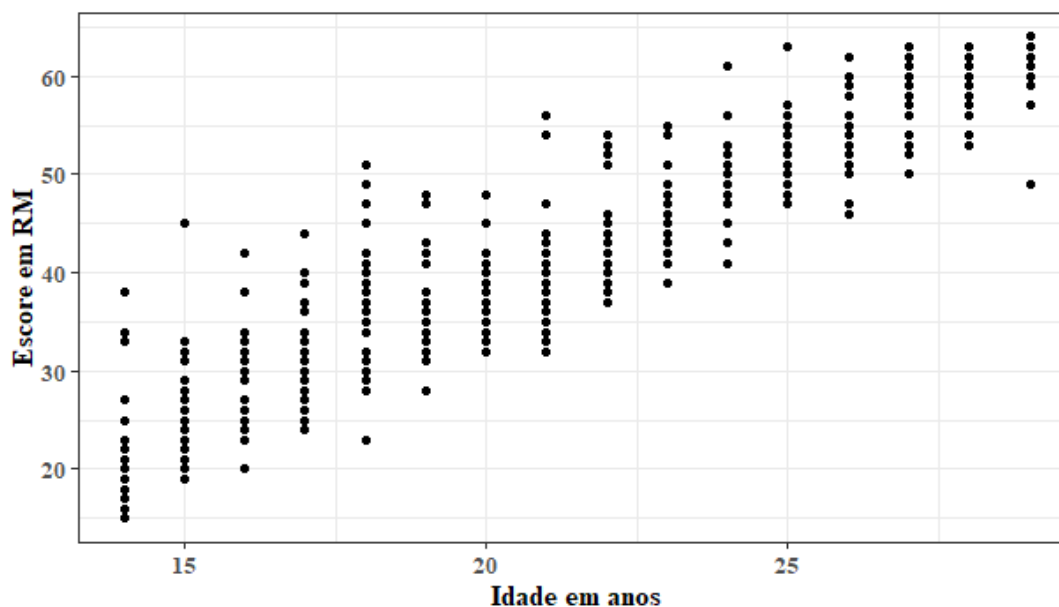
As figuras 1 e 2 apresentam uma possibilidade de visualização da distribuição dos escores de IA e RM na amostra, em função da idade, para obtenção de evidências de validade de critério e verificação de uma variância dos escores de IA e RM, crescentemente, de acordo com a idade – isto é, se quanto mais idade tem o jovem, maiores são seus escores nesses domínios. Por meio do critério idade, buscou-se verificar se os escores são capazes de diferenciar os três grupos.

Figura 1 - Distribuição dos escores de IA na amostra, em função da idade



Fonte: Produção da própria autora

Figura 2 - Distribuição dos escores de RM na amostra, em função da idade



Fonte: Produção da própria autora

A apreciação visual dos escores em função da idade indica que poderia haver uma relação entre as duas variáveis – idade e escore nos domínios – ou seja, uma progressão de comportamentos relativos à aquisição de independência. Para obter mais evidências desta relação, na sequência, os escores médios de cada domínio foram comparados entre os grupos.

Tabela 21 - Escores em função da idade

	<b>Escore médio IA</b>	<b>DP</b>	<b>Escore médio RM</b>	<b>DP</b>
Grupo 1 (adolescência)	13,134	4,902	26,933	6,533
Grupo 2 (pós-adolescência)	19,479	3,682	58,310	4,053
Grupo 3 (adulto jovem)	27,147	2,887	42,450	7,516

Fonte: Produção da própria autora

Em IA, de acordo com o resultado do teste  $F(2) = 401,917$ ,  $p < 0,001$ , há evidências de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos e em RM, o resultado do teste  $F(2) = 709,80$ ,  $p < 0,001$ , mostra que há também evidências de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, o que indica que os escores nos domínios são uma medida capaz de diferenciar os grupos entre si. De acordo com o *post-hoc* de Tukey (comparação de medidas), o escore médio dos três grupos seriam diferentes entre si – isto é, os escores médios, nos dois

domínios, seriam capazes de diferenciar os três grupos entre si. A tabela 22 destaca a diferença média identificada em cada comparação, indicando que os escores em RM diferenciam melhor os grupos – a diferença média entre os escores de cada grupo é maior em RM. O domínio IA se mostrou mais eficiente em diferenciar as fases adolescência x adulto jovem, seguida de adulto jovem x pós-adolescente e, por fim, adolescência x pós-adolescente. Para RM, o padrão se mostrou o mesmo.

Tabela 22 - Diferença média identificada em cada comparação

	Diferença média em IA	Diferença média em RM	P <sub>Tukey</sub>
Adolescência x Adulto jovem	-14,012	-31,378	< 0,001
Adolescência x Pós-adolescência	-6,345	-15,517	< 0,001
Adulto jovem x Pós-adolescência	7,668	15,861	< 0,001

Fonte: Produção da própria autora

A fim de somar às análises quantitativas, as respostas foram também analisadas em alguns aspectos qualitativos, através da avaliação da frequência simples de respostas entre os grupos de cada idade (14 a 29 anos). Consolidando o instrumento piloto, em conjunto os itens demonstram boa capacidade para discriminar três faixas etárias, porém separadamente mostram que, possivelmente, tendem a discriminar duas faixas, ou mesmo nenhuma, conforme a Tabela 23.

Tabela 23 - Número de faixas etárias possivelmente discriminadas

---

#### **Itens que demonstram discriminar 3 faixas etárias**

---

Item 3. O dinheiro que me sustenta vem dos meus pais, familiares ou responsáveis

Item 12. Costumo pensar em como estará minha vida com 30 e poucos anos.

Item 9. Costumo fazer planos para minha vida profissional.

Item 10. Costumo pensar em como alcançar a independência financeiramente.

Item 13. Pessoas da minha idade deveriam ser responsáveis tanto quanto pessoas adultas.

Item 15. Sinto-me independente em relação aos meus pais ou responsáveis.

Item 17. Pessoas da minha idade deveriam ser responsáveis por si mesmas.

Item 18. Se um posicionamento político é correto para meus pais ou responsáveis, ele é correto para mim.

Item 19. Preciso da ajuda dos meus pais ou responsáveis para iniciar novas atividade ou projetos.

---

#### **Itens que demonstram discriminar 2 faixas etárias**

---

Item 21. Eu posso viajar sem meus pais ou responsáveis pois sei me cuidar.

Item 2. Posso andar pela cidade onde moro, sem meus pais ou responsáveis.

---

---

**Itens que geram dúvidas e necessitam de mais estudos**


---

Item 1. Ter um ídolo ou influenciador é importante.

Item 14. Costumo “abrir mão” das minhas ideias quando ouço as ideias dos outros.

Item 20. Pessoas da minha idade fazem coisas agora, pensando no futuro.

Item 6. Costumo fazer planos importantes para minha vida.

Item 4. Costumo seguir às opiniões dos meus amigos(as).

Item 7. Pessoas da minha idade são capazes de morar sem os pais ou responsáveis.

---

**Itens que possivelmente não discriminam faixas etárias**


---

Item 11. Pessoas da minha idade têm ideias próprias e sabem pensar por si mesmas.

Item 5. Costumo seguir as opiniões dos meus pais ou responsáveis.

Item 16. Costumo me responsabilizar pelos meus atos.

Item 8. Meus pais ou responsáveis devem ter a palavra final sobre uma decisão minha.

---

Fonte: Produção da própria autora

Através desta análise, algumas pontuações para a melhoria dos itens e do instrumento foram destacadas. Optou-se por destacá-las nesta sessão, embora coubessem também na sessão “discussão”.

Item 2: “Posso andar pela cidade onde moro, sem meus pais ou responsáveis”, aparentemente esta é uma afirmação mais adequada para a escala de resposta “sim” ou “não”, no entanto variações representadas pela escala de 5 pontos podem expressar frequência, lugares ou horários. Ainda assim, isoladamente, é uma afirmação que se mostrou mais adequada para diferenciar dois grupos etários, de maiores e menores de 18 anos. As respostas evidenciaram diferenças de acordo com o nível socioeconômico, adolescentes de classes mais baixas tendem a sair desacompanhados de uma supervisão em comparação a adolescentes de suas contrapartes mais altas.

Item 3: “O dinheiro que me sustenta vem dos meus pais, familiares ou responsáveis”, apesar de parecer uma afirmação também mais adequada para respostas “sim” ou “não”, entendemos que as respostas que não estão nos extremos da escala significam que as possibilidades podem variar a depender de quanto a pessoa ganha e para que usa o dinheiro. Por exemplo, às vezes trabalha, mas não é suficiente para pagar todas as contas, ou às vezes ganha dinheiro, entretanto mora com pais ou responsáveis e não paga as principais contas da casa. Muito comuns entre as classes mais baixas são os jovens que somam o dinheiro com o da família, mas não se sustentam totalmente sozinhos. Ainda assim, dentro da amostra, o item pareceu discriminar 3 faixas etárias.

Item 5: “Costumo seguir as opiniões dos meus pais ou responsáveis” tinha a intenção de evidenciar o “distanciamento” dos adolescentes em relação aos pais ou responsáveis e

progressivamente a “reaproximação” conforme a idade avança. A afirmação parece ter indicado um duplo sentido quando as respostas foram analisadas de perto e possivelmente não discrimina 3 faixas etárias. Adolescentes com menos idade tenderam a concordar, assumindo uma maior dependência, no entanto adolescentes com mais idade tendem a não concordar, pelo possível “afastamento” em relação aos pais ou responsáveis, comum entre a faixa etária. Já os pós-adolescentes e jovens adultos tanto concordam, por estarem em um momento “pós afastamento” dos pais ou responsáveis e dessa forma “respeitam” as opiniões (mesmo que não concordem), quanto não concordam, pois já adquiriram suas próprias opiniões.

Item 8: "Meus pais ou responsáveis devem ter a palavra final sobre uma decisão minha", a grande maioria respondeu não concordar com esta afirmação, por isso, individualmente, não discrimina faixas etárias. A ideia desse item era apontar níveis de dependência em relação aos pais ou responsáveis a partir do próprio entendimento do jovem e não dos pais, por isso foi utilizada a palavra "deve". Possivelmente adolescentes em torno dos 11 a 13 anos poderiam concordar, no entanto, salvo algumas exceções, os adolescentes de 14 a 17 desta amostra, não concordaram, mesmo que, provavelmente, isto ocorra na relação com os pais.

Item 10: “Costumo pensar em como alcançar a independência financeiramente”, a maioria dos adolescentes menores de 18 anos responderam discordo ou discordo totalmente, no entanto alguns jovens de níveis socioeconômicos mais baixos tenderam a concordar, pois são muitas vezes empurrados a acelerar o processo financeiro de sustento. Entretanto, se analisarmos estas respostas em conjunto com outras, podemos notar que, apesar de pensarem em alcançar a independência financeira, se mostram imaturos/dependentes em outros pontos.

Item 11: “Pessoas da minha idade têm ideias próprias e sabem pensar por si mesmas”, a maioria respondeu “concordo” seguido por “concordo totalmente”, mesmo os mais novos, já que, apesar de muitos não terem uma identidade formada ou ideias e opiniões próprias estabelecidas, acreditam ter estas ideias próprias ou se recusam a achar que não as têm. Em conjunto com outras respostas, em uma análise mais detalhada, observam-se contradições entre as respostas.

Item 12: “Costumo pensar em como estará minha vida com 30 e poucos anos”, apesar de ser uma afirmação, a princípio, mais adequada para uma escala de resposta “sim” ou “não”, através da variação na escala de resposta de 5 pontos nota-se que possivelmente os respondentes tenham contemplado a frequência com que pensam a vida com 30 anos e, quando respondem “concordo totalmente” ou “discordo totalmente”, significa “sim” ou “não”. Essa afirmação tinha a intenção de avaliar a capacidade de projetar o futuro, vista em maior grau e frequência nos jovens com mais idade. No entanto, determinar uma idade (30 e poucos anos)



necessariamente cria um intervalo muito distante para uns e muito próximo para outros. Possivelmente teria sido mais apropriado descrever um período em anos e não em idade, por exemplo, “costumo pensar em como estará minha vida daqui a 5 anos”.

Item 14: “Costumo “abrir mão” das minhas ideias quando ouço as ideias dos outros”, observa-se que as respostas “concordo” tanto podem representar uma imaturidade em relação à formação de opinião própria, quanto uma flexibilidade para abarcar novas opiniões, independentemente da idade ou do nível de “independência” em direção à vida adulta.

Item 16: “Costumo me responsabilizar pelos meus atos”, a maioria mostrou concordar com a afirmação, mesmo os que apresentavam pouca maturidade ou maior “dependência” em outras afirmações. Talvez este item possa ter sido interpretado de maneira que levou o respondente a querer “assumir seus feitos” e o contrário seria mais difícil assumir. É um item que, sozinho, não discrimina faixas etárias.

Item 20: “Pessoas da minha idade fazem coisas agora, pensando no futuro”, a proposta de apresentar a afirmação de forma a abranger outros, ao mesmo tempo em que facilita a resposta por retirar dela um caráter mais individual, generalizando para terceiros, pode também gerar dúvidas ao ter que se responder pelo outro. Alguns jovens, apesar de fazerem “coisas” no presente pensando no futuro, não concordam com a afirmação possivelmente por não saberem responder pelos outros.

Item 21: “Eu posso viajar sem meus pais ou responsáveis pois sei me cuidar” mostrou diferenciar, principalmente, dois grupos, os maiores de idade e os menores de idade. Entre os jovens de 19 a 29 não houve muita variação na resposta, predominando a resposta “concordo totalmente”. Isoladamente este item discrimina, aparentemente, 2 faixas etárias.

## 5. DISCUSSÃO

Os resultados em conjunto endossam a relevância desta pesquisa, que teve como principal objetivo propor o desenvolvimento e validação da versão preliminar da escala da Pós-Adolescência, uma ferramenta capaz de diferenciar 3 faixas etárias, a partir da perspectiva de que há uma progressão do “desmanche” de comportamentos associados à dependência e uma progressão da “montagem” de comportamentos associados à independência, em direção à fase adulta. Conseqüentemente, o objetivo se estendia a fundamentar as investigações sobre a pós-adolescência como uma fase exclusiva do desenvolvimento.

Entendemos que um instrumento previamente construído, validado e aplicado, teria maior potencial para viabilizar a proposta da pós-adolescência como uma fase exclusiva do desenvolvimento, embora o processo de construção do instrumento e todas as análises envolvidas, em conjunto com um importante referencial teórico, tenham contribuído substancialmente.

Quanto à parte de procedimentos teóricos e avaliação de conteúdo, os resultados apresentados neste trabalho evidenciam os esforços realizados para a elaboração de construtos/dimensões sugeridos pelos pesquisadores e avaliados por especialistas, assim como para a elaboração de itens, conseqüentemente para o desenvolvimento de uma versão preliminar do instrumento de medida, que é apresentado aqui com um conjunto de itens em geral bem avaliados. Vale ressaltar que não é difícil imaginar que existam muitas diferenças comportamentais entre indivíduos de 14 a 29 anos, no entanto, domínios e itens foram elaborados para evidenciar características de mecanismos e processos mais sistêmicos, que representam comportamentos específicos voltados para a conquista da independência do ser adulto.

Dos 22 itens propostos, considera-se que 7 deles apresentaram problemas notáveis, o que foi destacado na sessão de resultados e será discutido nesta sessão. Alguns itens, como o 6 e 11, teriam sido considerados muito abrangentes, por ao menos um dos juízes, o que pode indicar uma possível multidimensionalidade destes itens – isto é, itens que medem mais de uma dimensão. Do ponto de vista da avaliação psicológica, deve-se buscar pela seleção de itens unidimensionais: que meçam apenas o constructo que se pretende medir. Isso viabiliza maiores níveis de confiabilidade (Meyer, 2010). Entretanto, sabe-se que é difícil obter essa multidimensionalidade – na realidade, em análises fatoriais, itens podem carregar para dois ou mais fatores (Vitória, Almeida, & Primi, 2006). Quando consideramos a análise semântica em conjunto com a análise dos itens por juízes, estes mesmos itens foram apontados por parte dos

respondentes como “difícil de entender esta afirmação” ou “nem fácil, nem difícil entender esta afirmação”. Assim, para estes dois itens, vislumbraram-se dois caminhos possíveis: eles poderiam se beneficiar de uma revisão de seus conteúdos para torná-los mais específicos, como foi o caso aqui, ou, em etapas posteriores de investigação com esta ferramenta, possivelmente poderiam sugerir a indicação de um terceiro fator/domínio, o qual deveria ter sua pertinência teórica avaliada (Pasquali, 1998).

Para os itens nos quais não houve concordância entre o domínio inicial pretendido e a avaliação dos juízes, considera-se que eles não necessariamente apresentam problemas significativos. Não obstante, itens para os quais não houve concordância interna entre os juízes, isto é, parcela dos juízes atribuiriam o item ao Domínio I e parte ao Domínio II, a despeito do sentido pretendido, são considerados mais problemáticos, pois podem de fato ter prejuízos de validade de conteúdo (Taylor, 2013). Isso acontece para os itens 2, 3, 6, 10 e, 15 e 16. Entre estes, destaca-se que os itens 3, 6, 15 e 16 apresentaram também desempenho negativo na avaliação dos juízes, indicando que deveriam passar por uma revisão de conteúdo, como foi o caso, exceto pelo item 15 que embora tenha sido realocado de domínio optou-se por manter sua semântica original.

Ainda sobre a identificação de um domínio para os itens, houve casos em que, segundo os juízes, o item proposto não poderia ser atribuído a nenhum dos domínios pretendidos. Isso pode ser considerando também mais problemático – uma vez que a concepção dos domínios se conecta com a perspectiva teórica do instrumento – e essa avaliação indicaria uma não pertinência destes itens. Isso acontece para os itens 3 e 16. Para estes itens, a avaliação dos juízes em critérios indica que o item 16 de fato não seria pertinente para a avaliação do fenômeno, o que resultou em sua exclusão. O item 3 já não recebe essa avaliação, indicando que talvez ele pudesse se beneficiar apenas com uma reformulação. Outros possíveis itens que poderiam se beneficiar de uma revisão de conteúdo forma os itens 7 e 13, que apresentaram problemas “uniformes” de desempenho nos critérios avaliados.

Na análise semântica, feita por representantes da população alvo, 5 itens foram destacados para serem revistos, corroborando com a análise feita por juízes, os itens 03, 06, 07, 11 e 13. Assim sendo, os itens que apresentaram algum nível de problema após as análises de conteúdo, tanto na fase com especialistas, quanto na fase com uma parcela da população alvo, foram revistos.

Ainda no que concerne à análise semântica do pré-teste, constatou-se a necessidade de se voltar a atenção para o desenvolvimento de um instrumento mais adequado para abarcar uma grande variação das idades propostas, visto que, aparentemente, para os mais novos alguns itens

se mostraram de difícil compressão e para os mais velhos possivelmente eles pareceram fáceis demais. Uma das possibilidades, quando há essa variação extensa de idade, seria desenvolver um instrumento para cada grupo etário, que tenha o mesmo sentido e finalidade, variando em alguns pontos da semântica.

Através da contribuição de 7 juízes especialistas e 48 representantes da população alvo, pode-se discutir os resultados obtidos e oferecer apontamentos sobre as possibilidades com cada um dos itens propostos – seja a exclusão, seja a reformulação daqueles que apresentaram problemas. Esperava-se que a aplicação do piloto junto à população alvo pudesse viabilizar a relação de análises fatoriais exploratórias que dariam indícios dos fatores que emergem do *pull* proposto de itens. Os resultados endossam a importância desta etapa durante a elaboração de um instrumento.

Tendo por base as evidências satisfatórias da Escala de Pós-Adolescência na etapa de estudo da primeira versão do instrumento e da versão pré-teste, os objetivos do estudo do piloto envolveram: 1) obter evidências de precisão dos domínios da Escala de Pós-Adolescência; 2) obter evidências de validade de constructo da Escala de Pós-Adolescência; e 3) obter evidências de validade de critério concorrente da Escala de Pós-adolescência, sendo o critério o grupo de idade ao qual o jovem pertence, Grupo 1 (adolescência), de 14 a 17 anos; Grupo 2 (pós-adolescência), de 18 a 25 anos e Grupo 3 (adulto jovem), de 25 a 29 anos.

Com relação às evidências de precisão, e considerando os valores satisfatórios a partir de 0,70, destaca-se que todos os domínios, para todos os grupos, denotaram capacidade de medir com pouco erro, portanto, certo nível de qualidade nas inferências que possam vir a ser feitas com base nesses escores, justamente o que indica a evidência de precisão (Meyer, 2010). O raciocínio “chave” é de que as inferências (baseadas nos escores) são válidas somente se os escores forem precisos/confiáveis (Costa, 2020). Ainda, considerando os valores desejáveis de alpha entre 0,80 e 0,90 (Streiner, 2003), destaca-se que houve pouco erro na medição do Domínio IA, para os Grupos 1 e 2. Não obstante, os valores de alpha obtidos para RM (maiores que 0,90) sugerem que, embora este domínio seja capaz de medir o constructo com pouco erro, pode haver uma necessidade de revisão de seus itens, por uma possível redundância de itens (relacionado aos valores altos de alpha), que tem efeito negativo nos respondentes.

Com relação à validade de critério, o objetivo dessa etapa foi identificar a capacidade dos escores médios de diferenciar os grupos entre si. Ao comparar essas medidas (considerando os itens invertidos de cada domínio, confirmados estatisticamente), identifica-se que o escore médio, de cada domínio, foi capaz de diferenciar os grupos entre si – sobretudo os escores em RM.

Através da análise fatorial confirmatória, que indica evidências de validade de constructo, identifica-se que todos os itens apresentam cargas satisfatórias e elevadas (cargas fatoriais acima de 0,40). No Domínio IA, a maioria dos itens alcança o ponto de corte, à exceção dos itens 5 e 11, e, em RM, à exceção dos itens 16 e 20.

Em relação à avaliação de respostas individuais e comparadas entre cada grupo de idade, a respeito do número de faixas discriminadas, observa-se que os mesmos itens apresentam incertezas. Os itens 5, 11 e 16 aparentam não discriminar faixas etárias, enquanto o item 20 demonstra imprecisão para determinar-se o número de faixas discriminadas.

Embora no conjunto de itens e respostas pode-se constatar a discriminação de 3 faixas, assim como a progressão de aquisição de comportamentos associados à independência, observa-se, através de respostas dentro de cada grupo idade (14 a 29), que principalmente os menores de 18 anos, se comparados a jovens com mais idade, possivelmente impulsionados por comportamentos que, aparentemente, apresentam-se como autônomos e independentes acerca de relações hierárquicas, tendem a responder de forma contraditória ou que não condiz com a realidade, gerando divergências entre as respostas. Exemplo: quando concordam que têm ideias próprias e sabem pensar por si mesmos, ao mesmo tempo concordam que seguem as opiniões políticas dos pais ou responsáveis. Ou quando concordam que não seguem as opiniões dos pais ou responsáveis, no entanto concordam que precisam dos pais ou responsáveis para iniciar novos projetos e atividades. Ou então quando concordam que são independentes em relação aos pais ou responsáveis, ao mesmo tempo em que concordam que são dependentes financeiramente, ou que não podem andar na rua sozinhos ou ainda que precisam dos pais ou responsáveis para iniciar novos projetos e atividades. Estas observações não comprometeram o instrumento em seus objetivos neste estudo, no entanto são importantes para promover possíveis melhorias que evitem contradições nas respostas.

Ainda que a escala, após a análise das qualidades psicométricas, ainda não tenha sido aplicada junto à população de maneira que possam ser avaliadas todas as variáveis envolvidas, vale ressaltar que pessoas de diferentes níveis socioeconômicos (NSE) tendem a apresentar diferenças importantes em relação à aquisição da independência. Indivíduos que compreendem os estratos de NSE mais baixos tendem a amadurecer, em alguns aspectos, mais cedo do que pessoas inseridas em estratos mais altos, apesar de nem sempre estarem preparados para isso. A maternidade / paternidade precoce e a interrupção dos estudos dando espaço ao emprego, muitas vezes característicos das classes mais baixas ou de culturas específicas, podem acelerar a aquisição de independência, conseqüentemente a entrada na pós-adolescência e na fase adulta (Dutra-Thomé & Koller, 2014). Contudo, apesar desta variável sociodemográfica não ter sido

devidamente explorada, considerando que foram incluídos na amostra representantes dos variados níveis socioeconômicos, através da análise do conjunto de itens e respostas, não pudemos constatar que esta variável tenha influenciado de modo enfático, predominando a idade como critério fundamental para diferenciar as três faixas etárias e evidenciar a progressão da aquisição de independência.

A despeito da discussão em torno da Pós-adolescência enquanto uma fase única do desenvolvimento, é importante ressaltar que apesar dos marcos tradicionais que antes contribuíam para determinar a entrada na vida adulta sofrerem constantes mudanças, algumas características rumo à vida adulta são incontestáveis pelos próprios jovens, como por exemplo adquirir a independência financeira e ter uma percepção de independência geral em relação aos pais ou responsáveis (Brandão *et al.*, 2012; Mendonça *et al.*, 2009). Embora estas sejam demandas observadas em jovens de culturas ocidentais desenvolvidas, possivelmente estes sejam construtos que se estendem a diferentes culturas quando associados a ideia de sobrevivência.

Existem capacidades e habilidades específicas para lidar com demandas da vida adulta, manifestadas, gradualmente, através do “desmanche” dos comportamentos de dependência e da “montagem” dos comportamentos de independência. Estar apto a adquirir autonomia, independência e responsabilidade por si mesmo é visceral. Se não ocorre, há um desencontro com as demandas genéticas e culturais, portanto, possivelmente experimentam-se consequências negativas.

Embora o instrumento, a princípio, tenha corroborado com estudos feitos com indivíduos inseridos em sociedades ocidentais, pós-industrializados, tanto os domínios quanto os itens procuraram abranger aspectos em torno da aquisição de independência, que poderiam compreender jovens de variadas culturas. Não obstante, essa premissa fica incompleta, na medida em que o instrumento teria que ser aplicado e comparado entre outras culturas. Ainda assim, já que as características da pós-adolescência se fundamentam também em aspectos culturais e ambientais de modo geral, acreditamos que a escala necessite passar por adaptações para cumprir melhor esta função.

Todavia cabe à teoria do desenvolvimento humano reunir aspectos mais globais e não apenas descrever subgrupos pertencentes a determinada classe social, etnia, cultura ou fenômenos que surgem de mudança nos ambientes socioeconômicos e psicossociais, pois os processos e mecanismos do desenvolvimento não dizem respeito apenas ao presente, eles englobam "passado e futuro" (Kloep & Hendry, 2014, p.1544).

Principalmente entre o fim da adolescência e o começo da vida adulta não há um consenso sobre definições, características ou mesmo faixa etária, muitas vezes dificultando a compreensão e solução de demandas próprias de cada fase. Ainda que haja ressalvas ao se aglomerar estatisticamente indivíduos em faixas etárias ou características, segmentando o desenvolvimento desta forma (Pais, 2009), traçar um limite entre a fase anterior e a fase adulta é uma questão que, possivelmente, todas as sociedades se deparam. A pergunta que não deve ser ignorada é: para que e como estabelecer os limites de cada fase? A pós-adolescência carrega sua importância por se tratar de uma fase específica e crítica em relação à aquisição de atributos necessários para lidar com demandas essenciais da vida adulta, resultado de uma complexa interação entre diversos fatores. Ademais, pesquisas sobre esta etapa de vida ainda são muito limitadas embora o assunto pareça despertar cada vez mais atenções.

Por fim, em uma agenda futura de pesquisa, iremos propor a inclusão dos variados dados sociodemográficos para uma análise detalhada. Ainda, sugerimos uma nova aplicação da ferramenta em uma amostra independente, com uma outra medida externa (visando obtenção de evidências de validade convergente), como o *Maturity in Youth Assessment Scale* (MAYAS) (Morales-Vives *et al.*, 2013). A verificação de estabilidade temporal (teste-reteste) também pode ser muito importante, como outro aspecto de precisão da ferramenta. Assim sendo, pretendemos também dar continuidade à fundamentação da proposta da Pós-Adolescência como uma fase específica do desenvolvimento humano e suas implicações na área da saúde.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos sobre construção e validação de novos instrumentos psicométricos, assim como os trabalhos sobre novas propostas para a linha do desenvolvimento humano, mostraram-se pertinentes para o meio acadêmico, clínico e para benefício da população no geral. O processo de desenvolvimento, tanto de um instrumento como de um conceito, foi desafiador, anunciando que novos estudos em continuidade a este seriam indispensáveis. Por ora, acreditamos que esta pesquisa tenha sido profícua, apresentando dados importantes que reafirmam sua proposta.

A construção integral de uma nova ferramenta de medida é complexa e exige a soma de conhecimentos de diferentes áreas. Embora tenhamos encontrado evidências de validade e precisão na versão preliminar da Escala da Pós-Adolescência, destaca-se a importância da continuidade dos estudos acerca da ferramenta para torná-la cientificamente mais robusta e adequada para aplicação junto à população alvo.

Indícios expostos durante a elaboração do trabalho ancoram diferenças substanciais entre adolescentes e jovens que compreendem as três faixas etárias propostas, reiterando a necessidade da investigação a respeito de um período importante entre as fases do desenvolvimento humano.

A compreensão acerca de uma etapa do desenvolvimento entre a fase da adolescência e a fase adulta é incompleta. Além de as propostas divergirem em alguns aspectos, a maioria dos estudos tende a separar fatores genéticos, ambientais, sociais, cognitivos, que em conjunto possam garantir, fundamentar e caracterizar de forma mais robusta a existência de uma fase específica. Portanto, reafirmamos a complexidade em definir questões como fim da adolescência, transição para fase adulta, fase intermediária e status de maioridade, com base apenas em fundamentos unidimensionais. Além disso, muito do que sabemos ainda é limitado a indivíduos de culturas ocidentais desenvolvidas, indicando a necessidade da realização de estudos transculturais.

Reforçamos, ainda, que há uma hipótese, a ser investigada, de que uma parte considerável dos distúrbios da função mental humana seja decorrente de dificuldades na aquisição de atributos necessários para lidar com demandas da vida adulta, dado que essas demandas se assentam no tripé: genética - cultura - ambiente momentâneo. O período que sucede a adolescência e antecede a fase adulta, portanto, pode dar origem a quadros específicos de dificuldades ou transtornos mentais significativos, por se tratar de um período crítico do amadurecimento e da vida.



### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS<sup>3</sup>

- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2001). *Manual for the ASEBA School-Age Forms & Profiles*. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth, & Families.
- Allem, J. P., Sussman, S., & Unger, J. B. (2017). The Revised Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood (IDEA-R) and Substance Use Among College Students. *Evaluation & the health professions*, 40(4), 401–408. <https://doi.org/10.1177/0163278716660742>
- Andrade, A. M., Bedendo, A., Enumo, S. F., & Micheli, D. (2018). Desenvolvimento cerebral na adolescência: aspectos gerais e atualização. *Adolesc. Saúde*, 15(1), 62-67.
- Andrade, R., Schwartz, G., Tavares, G., Pelegrini, A., Teixeira, C., & Felden, E. (2018). Validade de construto e consistência interna da Escala de Práticas no Lazer (EPL) para adultos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(2), 519-528. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018232.11492016>
- Arnett, J. J. (1994). Are college students adults? Their conceptions of the transition to adulthood. *Journal of Adult Development*, 1(4), 213–224. <https://doi.org/10.1007/BF02277582>
- Arnett, J. J. (1998). Learning to Stand Alone: The Contemporary American Transition to Adulthood in Cultural and Historical Context. *Human Development - Human Development*, 41(5-6), 295-315. <https://doi.org/10.1159/000022591>
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469–480. <https://doi.org/10.1080/10.1037/0003-066X.55.5.469>
- Arnett, J. J. (2001). Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence through midlife. *Journal of Adult Development*, 8(2), 133–143. <https://doi.org/10.1023/A:1026450103225>
- Arnett, J. J. (2007). Emerging adulthood: What is it, and what is it good for? *Child Development Perspectives*, 1(2), 68–73. <https://doi.org/10.1111/j.1750-8606.2007.00016.x>
- Bergman, H. E., Reeve, B. B., Moser, R. P., Scholl, S. M.P.H., & Klein, W. M. P. (2011). Development of a comprehensive heart disease knowledge questionnaire. *American Journal of Health Education*, 42(2), 74-87. <https://doi.org/10.1080/19325037.2011.10599175>
- Beyers, W., Goossens, L., Vansant, I., & Moors, E. (2003). A Structural Model of Autonomy in Middle and Late Adolescence: Connectedness, Separation, Detachment, and Agency. *Journal of Youth and Adolescence*, 32(5), 351–365. <https://doi.org/10.1023/A:1024922031510>
- Blakemore, S. J., & Choudhury, S. (2006). Development of the adolescent brain: implications

<sup>3</sup> De acordo com o estilo *American Psychology Association* (APA).

- for executive function and social cognition. *Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines*, 47(3-4), 296–312. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2006.01611.x>
- Blakemore, S.-J. (2012). Development of the social brain in adolescence. *Journal of the Royal Society of Medicine*, 105(3), 111–116. <https://doi.org/10.1258/jrsm.2011.110221>
- Blurton-Jones, N., & Marlowe, F. W. (2002). Selection for delayed maturity. *Human Nature*, 13, 199–238. <https://doi.org/10.1007/s12110-002-1008-3>
- Bouchey, H. A., & Furman, W. (2003). Dating and romantic experiences in adolescence. In G. R. Adams & M. D. Berzonsky (Eds.), *Blackwell handbook of adolescence* (pp. 313–329). Hoboken, NJ: Blackwell Publishing.
- Braconnier, A. (2002). Psychanalyse et/ou psychothérapies psychanalytiques: Recherches sur l'alliance thérapeutique et l'analysabilité. *Psychothérapies*, 22, 21-28. <https://doi.org/10.3917/psys.021.0021>
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30(3), 301–313. <https://doi.org/10.14417/AP.568>
- Branje, S. (2018). Development of Parent–Adolescent Relationships: Conflict Interactions as a Mechanism of Change. *Child Dev Perspect*, 12(3), 171-176. <https://doi.org/10.1111/cdep.12278>
- Brasil (2007a). Saúde de adolescentes e jovens. Caderneta. Recuperado em 22/05/2021, de <http://portal.saude.gov.br/saude/>.
- Brasil (2007b). Indicadores sociais. Crianças e adolescentes. Recuperado em 22/05/2021, de <http://www.ibge.gov.br/home/>.
- Campbell, D. J. (1988). Task Complexity: A Review and Analysis. *The Academy of Management Review*, 13(1), 40–52. <https://doi.org/10.2307/258353>
- Cardoso, C. S., Bandeira, M., Ribeiro, A. L. P., Oliveira, G. L., & Caiaffa, W. T. (2011). Escalas de satisfação com o atendimento às doenças cardiovasculares: CARDIOSATIS usuário e equipe. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(1), 1401–1407. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000700075>
- Carmines, E. G., & Zeller, R. A. (1979). *Reliability and Validity Assessment* (vol. 17). Thousand Oaks, CA: Sage. <https://doi.org/10.4135/9781412985642>
- Cauffman, E., & Steinberg, L. (2000). (Im)maturity of judgment in adolescence: Why adolescents may be less culpable than adults. *Behavioral Sciences & the Law*, 18(6), 741–760. <https://doi.org/10.1002/bsl.416>
- Charnov, E. (1993). *Life History Invariants: Some Explorations of Symmetry in Evolutionary Ecology*. Oxford: Oxford University Press.

- Chein, J., Albert, D., O'Brien, L., Uckert, K., & Steinberg, L. (2011), Peers increase adolescent risk taking by enhancing activity in the brain's reward circuitry. *Developmental Science*, 14(2), F1-F10. <https://doi.org/10.1111/j.1467-7687.2010.01035.x>
- Choudhury, S. (2010). Culturing the adolescent brain: What can neuroscience learn from anthropology? *Soc. Cogn. Affect. Neurosci.*, 5(2), 159–167. <https://doi.org/10.1093/scan/nsp030>
- Cohen, A. O., & Casey, B. J. (2014). Rewiring juvenile justice: The intersection of developmental neuroscience and legal policy. *Trends in Cognitive Sciences*, 18(2), 63–65. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2013.11.002>
- Cohen, A. O., Breiner, K., Steinberg, L., Bonnie, R. J., Scott, E. S., Taylor-Thompson, K. A. ... Casey, B. J. (2016). When Is an Adolescent an Adult? Assessing Cognitive Control in Emotional and Nonemotional Contexts. *Psychological science*, 27(4), 549–562. <https://doi.org/10.1177/0956797615627625>
- Collins, W. A., & Steinberg, L. (2007). Adolescent Development in Interpersonal Context. In W. Damon, R. M. Lerner, & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of Child Psychology* (pp. 1003 – 1067). <https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0316>
- Coluci, M. O., Alexandre, N. C & Milani, D. (2015). Construção de instrumentos de medida na área da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(2), 925-936. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015203.04332013>
- Connolly, J. A., & Konarski, R. (1994). Peer self-concept in adolescence: Analysis of factor structure and of associations with peer experience. *Journal of Research on Adolescence*, 4(3), 385–403. [https://doi.org/10.1207/s15327795jra0403\\_3](https://doi.org/10.1207/s15327795jra0403_3)
- Costa, R. C. S. (2020). *Desenvolvimento do Inventário de Jesness-revisado brasileiro reduzido e investigação de suas propriedades psicométricas* (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto). <https://doi.org/10.11606/D.59.2020.tde-21062021-140822>
- Cote, J. (2014). The Dangerous Myth of Emerging Adulthood: An Evidence-Based Critique of a Flawed Developmental Theory. *Applied Developmental Science*, 18(4), 177-188. <https://doi.org/10.1080/10888691.2014.954451>
- Cronbach, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16(3), 297-334. <https://doi.org/10.1007/BF02310555>
- Crone, E. A., & Ridderinkhof, K. R. (2011). The developing brain: from theory to neuroimaging and back. *Developmental cognitive neuroscience*, 1(2), 101–109. <https://doi.org/10.1016/j.dcn.2010.12.001>
- Crone, E. A., & Steinbeis, N. (2017). Neural Perspectives on Cognitive Control Development during Childhood and Adolescence. *Trends in cognitive sciences*, 21(3), 205–215. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2017.01.003>
- Cunningham, M. G., Bhattacharyya, S., & Benes, F. M. (2002). Amygdalo-cortical sprouting continues into early adulthood: Implications for the development of normal and

- abnormal function during adolescence. *Journal of Comparative Neurology*, 453(2), 116–130. <https://doi.org/10.1002/cne.10376>
- Curtis, A. C. (2015). Defining adolescence. *Journal of Adolescent and Family Health*, 7(2).
- Dalmoro, M., & Vieira, K. M. (2013). Dilemas na construção de escalas Tipo Likert: O número de itens e a disposição influenciam nos resultados? *Revista Gestão Organizacional*, 6(3), 161-174.
- Davies, P. T., & Windle, M. (2000). Middle adolescents' dating pathways and psychosocial adjustment. *Merrill-Palmer Quarterly*, 46(1), 90–118.
- Douvan, E., & Adelson, J. (1966). *The adolescent experience*. New York: Wiley.
- Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2014). Emerging Adulthood in Brazilians of Differing Socioeconomic Status: Transition to Adulthood1. *Paidéia (Ribeirão Preto) [online]*, 24(59), 313-322. <https://doi.org/10.1590/1982-43272459201405>
- Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2017). Brazilian Version of the Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood: Investigating the Current Transition to Adulthood. *Trends in Psychology [online]*, 25(3), 901-912. <https://doi.org/10.9788/TP2017.3-01>
- Eccles, J. S., Barber, B. L., Stone, M., & Hunt, J. (2003). Extracurricular Activities and Adolescent Development. *Journal of Social Issues*, 59(4), 865-889. <https://doi.org/10.1046/j.0022-4537.2003.00095.x>
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton
- Falotico, R., & Quatto, P. (2015). Fleiss' kappa statistic without paradoxes. *Quality & Quantity*, 49(2), 463-470.
- Fincham, F., & Cui, M. (2010). Emerging Adulthood and Romantic Relationships: An Introduction. In F. Fincham & M. Cui (Eds.), *Romantic Relationships in Emerging Adulthood (Advances in Personal Relationships)* (pp. 3 - 12). Cambridge University Press. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511761935.002>
- Furman, W., & Shaffer, L. (2003). The role of romantic relationships in adolescent development. In P. Florsheim (Ed.), *Adolescent romantic relations and sexual behavior: Theory, research, and practical implications* (pp. 3–22). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Geary, D. C. (2006). Evolutionary developmental psychology: Current status and future directions. *Developmental Review*, 26(2), 113-119. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2006.02.005>
- Graça, J., Calheiros, M., & Martins, A. (2010). Adaptação do Questionário de Autonomia nos Adolescentes (QAA) para a língua portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 2(8), 237-250. <https://doi.org/10.14417/lp.644>
- Grotuss, J., Bjorklund, D. F., & Csinady, A. (2007). Evolutionary developmental psychology: Developing human nature. *Acta Psychologica Sinica*, 39(3), 439–453.

- Guerreiro, M. D., & Abrantes, P. (2005) Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20(58), 157-175. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092005000200008>
- Hair, J. R., Babin, B., Money, A. H., & Samouel, P. (2005). *Fundamentos de métodos de pesquisa em administração*. Porto Alegre, RJ: Bookman.
- Hardy, C. L., Bukowski, W. M., & Sippola, L. K. (2002). Stability and Change in Peer Relationships During the Transition to Middle-Level School. *The Journal of Early Adolescence*, 22(2), 117–142. <https://doi.org/10.1177/0272431602022002001>
- Hartup, W. W. (1996). The Company They Keep: Friendships and Their Developmental Significance. *Child Development*, 67(1), 1-13. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1996.tb01714.x>
- Hartup, W. W., & Abecassis, M. (2002). Friends and enemies. In P. K. Smith & C. H. Hart (Eds.), *Blackwell handbook of childhood social development* (pp. 286–306). Hoboken, NJ: Blackwell Publishing.
- Hawkes, K., O’Connell F., Jones, N. B. (1995). Hadza children’s foraging: juvenile dependency, social arrangements, and mobility among hunter-gatherers. *Curr. Anthropol.*, 36, 688–700. <https://doi.org/10.1086/204420>
- Hochberg, Z. E., & Konner, M. (2020). Emerging Adulthood, a Pre-adult Life-History Stage. *Frontiers in endocrinology*, 10(918), 1-12. <https://doi.org/10.3389/fendo.2019.00918>
- Hochberg, Z., Feil, R., Constancia, M., Fraga, M., Junien, C., & Carel, J. C. ... Albertsson-Wikland, K. (2011). Child health, developmental plasticity, and epigenetic programming. *Endocr Rev.*, 32(2), 159–224. <https://doi.org/10.1210/er.2009-0039>
- Houzel, S. H. (2005). *O Cérebro em Transformação*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Icenogle, G., Steinberg, L., Duell, N., Chein, J., Chang, L., Chaudhary, N., ...Bacchini, D. (2019). Adolescents' cognitive capacity reaches adult levels prior to their psychosocial maturity: Evidence for a "maturity gap" in a multinational, cross-sectional sample. *Law and human behavior*, 43(1), 69–85. <https://doi.org/10.1037/lhb0000315>
- Kaplan, H., & Hill, K. (1985). Hunting ability and reproductive success among male Ache foragers: preliminary results. *Curr Anthropol.*, 26(1), 131–3. <https://doi.org/10.1086/203235>
- Keniston, K. (1971). *Youth and dissent: The rise of a new opposition*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Keszei, A., & Novak, M., & Streiner, D. L. (2010). Introduction to health measurement scales. *J. Psychosom. Res.*, 68(4), 319-323. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2010.01.006>
- Kloep, M., & Hendry, L. B. (2014). Some ideas on the emerging future of developmental research. *Journal of adolescence*, 37(8), 1541–1545. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2014.09.002>

- Knežević, M. (2018). When Do We Become Adults? Review of Theory, Research and Recent Advances from an Interdisciplinary Perspective. *Psihologijske Teme*, 27(2), 267–289. <https://doi.org/10.31820/pt.27.2.7>
- Knežević, M., Veroude, K., Jolles, J., & Krabbendam, L. (2016). Neural Correlates of Performance Monitoring During the Transition to Young Adulthood. *Mind, Brain, and Education*, 10(2), 81-90. <https://doi.org/10.1111/mbe.12104>
- Konner, M. J. (2010). *The Evolution of Childhood: Relationships, Emotion, Mind*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Konstam, V. (2019). *The romantic lives of emerging adults: Getting from I to We*. Oxford University Press (online). <https://doi.org/10.1093/oso/9780190639778.001.0001>
- Kublikowski, I., & Rodrigues, C. (2016). "Kangaroo generations": New contexts, new experiences. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 535-542. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000300016>
- Kuttler, A., La Greca, A. M., & Prinstein, M. J. (1999). Friendship qualities and social-emotional functioning of adolescents with close, cross-sex friendships. *Journal of Research on Adolescence*, 9(3), 339–366.
- Lancaster, J. B. (1971). Play-mothering: the relations between juvenile females and young infants among free-ranging vervet monkeys (*Cercopithecus aethiops*). *Folia Primatol.* 15(3-4), 161–82. <https://doi.org/10.1159/000155377>
- Laursen, B., & Collins, W. A. (2004). Parent-child communication during adolescence. In A. L. Vangelisti (Ed.), *Handbook of family communication* (pp. 333–348). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Laursen, B., & Collins, W. A. (2009). Parent-child relationships during adolescence. In R. M. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology: Contextual influences on adolescent development* (pp. 3–42). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons Inc. <https://doi.org/10.1002/9780470479193.adlpsy002002>
- Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990, 13 de julho). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília.
- Levesque, R. J. (1993). The romantic experience of adolescents in satisfying love relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 22(3), 219–251. <https://doi.org/10.1007/BF01537790>
- Levinson, D. J. (1978). *The seasons of a man's life*. New York: Ballantine.
- Luna, B., Padmanabhan, A., & O'Hearn, K. (2010). What has fMRI told us about the development of cognitive control through adolescence? *Brain and Cognition*, 72(1), 101-113. <https://doi.org/10.1016/j.bandc.2009.08.005>
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações* (2nd ed.). Pêro Pinheiro: Report Number.



- Martins, G. & Vieira, M. L. (2010). Desenvolvimento humano e cultura: integração entre filogênese, ontogênese e contexto sociocultural. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 15(1), 63-70. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2010000100009>
- Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2009). Transição para a Idade Adulta e Adulter Emergente: Adaptação do Questionário de Marcadores da Adulter junto de Jovens Portugueses. *Psychologica, S.l.* (51), 147-168. [https://doi.org/10.14195/1647-8606\\_51\\_10](https://doi.org/10.14195/1647-8606_51_10)
- Meyer, P. (2010). *Understanding measurement: reliability*. Oxford University Press.
- Morales-Vives, F., Camps, E., & Lorenzo-Seva, U. (2013). Development and Validation of the Psychological Maturity Assessment Scale (PSYMAS). *European Journal of Psychological Assessment*, 29(1), 12-18. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000115>
- Neemann, J., Hubbard, J., & Masten, A. (1995). The Changing Importance of Romantic Relationship Involvement to Competence from Late Childhood to Late Adolescence. *Development and Psychopathology*, 7(4), 727 - 750. <https://doi.org/10.1017/S0954579400006817>
- Noom, M. (1999). *Adolescent autonomy: Characteristics and correlates*. Delft: Eburon.
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Organização Mundial da Saúde. (1965). *Problemas de la salud de la adolescencia. Informe de un comité de expertos de la O.M.S* (Informe técnico nº 308). Genebra.
- Pais, J.M. (2009). A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Rev. saúde e sociedade.*, 18(3), 371-381.
- Pasquali, L. (1998). Princípios de elaboração de escalas psicológicas. *Rev. psiquiatr. Clín.*, 25(5), 206-13.
- Pasquali, L. (2009) Psicometria. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(esp.), 992 – 9. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000500002>
- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Pittman, J., & Bakas, T. (2010). Measurement and instrument design. *Wound Ostomy Continence Nurs*, 37(6), 603-607. <https://doi.org/10.1097/WON.0b013e3181f90a60>
- Raymundo, V. (2009). Construção e validação de instrumentos: um desafio para a Psicolinguística. *Letras de Hoje*, 44(3), 86 – 93.
- Reifman, A., Arnett, J. J., & Colwell, M. J. (2007). Emerging adulthood: Theory, assessment, and application. *Journal of Youth Development*, 2(1). <https://doi.org/10.5195/jyd.2007.359>
- Rodrigues, C. M., & Kublikowski, I. (2014). Os Pais e a Transição do Jovem para a Vida Adulta. *Psico*, 45(4), 524-534. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.4.16372>

- Rubia, K. (2013). Functional brain imaging across development. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 22(12), 719-731. <https://doi.org/10.1007/s00787-012-0291-8>
- Rubio, D. M., Berg-Weger, M., Tebb, S. S., Lee, E. S., & Rauch, S. (2003). Objectifying content validity: conducting a content validity study in social work research. *Social Work Research*, 27(2), 94 – 104. <https://doi.org/10.1093/swr/27.2.94>
- Saraph, J. V., Benson, P. G., & Schroeder, R. G. (1989). An Instrument for Measuring the Critical Factors of Quality Management. *Decision Sciences*, 20(4), 810-829. <https://doi.org/10.1111/j.1540-5915.1989.tb01421.x>
- Schaie, K. W., Willis, S. L., & Caskie, G. I. (2004). The Seattle longitudinal study: Relationship between personality and cognition. *Neuropsychol. Dev. Cogn. B. Aging. Neuropsychol. Cogn.*, 11(2-3), 304–24. <https://doi.org/10.1080/13825580490511134>
- Schoen-Ferreira, T., Aznar-Farias, M., & Silveiras, E. (2009). Desenvolvimento da Identidade em Adolescentes Estudantes do Ensino Médio. *Psicologia Reflexao e Critica*, 22(3), 326-333. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000300002>
- Schwartz, C. E., Wright, C. I., Shin, L. M., Kagan, J., & Rauch, S. L. (2003). Inhibited and uninhibited infants “grown up”: Adult amygdalar response to novelty. *Science*, 300(5627), 1952–1953. <https://doi.org/10.1126/science.1083703>
- Settersten, R. A., Ottusch, T., & Schneider, B. (2015). Becoming Adult: Meanings of Markers to Adulthood. *Emerging Trends in the Behavioral Sciences*, 1-16. <https://doi.org/10.1002/9781118900772.etrds0021>
- Siegel D. (2013). *Brainstorm: The power and purpose of the teenage brain*. New York: Jeremy P. Tarcher/Penguin.
- Slotman, A., Crammnad, J. M., & Neiboer, J. M. A. (2015). Validation of the dutch aging perceptions questionnaire and development of a short version. *Health and Quality of Life Outcomes*, 13(54), 1-13. <https://doi.org/10.1186/S12955-015-0248-Y>
- Somerville, L. H., Hare, T., & Casey, B. J. (2011). Frontostriatal maturation predicts cognitive control failure to appetitive cues in adolescents. *Journal of cognitive neuroscience*, 23(9), 2123–2134. <https://doi.org/10.1162/jocn.2010.21572>
- Souza, A. C., Alexandre, N. C., & Guirardello, E. B. (2017). Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 26(3), 649-659. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000300022>
- Sowell, E., Thompson, P., Holmes, C., Jernigan, T. L., & Toga, A. W. (1999). *In vivo* evidence for post-adolescent brain maturation in frontal and striatal regions. *Nat Neurosci.*, 2, 859–861 <https://doi.org/10.1038/13154>
- Spear, L. P. (2000). Neurobehavioral Changes in Adolescence. *Current Directions in Psychological Science*, 9(4), 111–114. <https://doi.org/10.1111/1467-8721.00072>
- Steinberg, L. (1989). Pubertal maturation and parent-adolescent distance: An evolutionary perspective. In G. R. Adams, R. Montemayor, & T. P. Gullotta (Eds.), *Biology of*



- adolescent behavior and development* (pp. 71–97). Newbury Park, CA: Sage Publications Inc.
- Steinberg, L. (2008). A Social Neuroscience Perspective on Adolescent Risk-Taking. *Developmental review: DR*, 28(1), 78–106. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2007.08.002>
- Steinberg, L. (2009). Adolescent development and juvenile justice. *Annual review of clinical psychology*, 5, 459–485. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.032408.153603>
- Steinberg, L. (2010). Commentary: a behavioral scientist looks at the science of adolescent brain development. *Brain Cogn.*, 72(1), 160 - 4. <https://doi.org/10.1146/10.1016/j.bandc.2009.11.003>
- Steinberg, L., & Belsky, J. (1996). A sociobiological perspective on psychopathology in adolescence. In D. Cicchetti & S. Toth (Eds.), *Rochester Symposium on Developmental Psychopathology* (vol. 7, pp. 93–124). Rochester, NY: University of Rochester Press.
- Steinberg, L., & Scott, E. S. (2003). Less guilty by reason of adolescence: Developmental immaturity, diminished responsibility, and the juvenile death penalty. *American Psychologist*, 58(12), 1009–1018. <https://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.58.12.1009>
- Stengel, M., Dourado, S. P. C., Dias, V. C., Soares, S. S. D., Friche, M. L., Fraga, J. B. L. F. ... Santos, L. F. (2018). Geração, família e juventude na era virtual. *Psicologia em Revista*, 24(2), 424-441. <https://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n2p424-441>
- Streiner, D. L. (2003). Being inconsistent about consistency: when coefficient alpha does and doesn't matter. *Journal of Personality Assessment*, 80(3), 217-222. [http://dx.doi.org/10.1207/S15327752JPA8003\\_01](http://dx.doi.org/10.1207/S15327752JPA8003_01)
- Streiner, D. L., & Norman, G. R. (2008). *Health measurement scales. A practical guide to their development and use* (4th ed.). New York: Oxford University Press.
- Taber-Thomas, B., & Perez-Edgar, K. (2015). Emerging Adulthood Brain Development. In J. J. Arnett (Org.), *The Oxford Handbook of Emerging Adulthood* (online). <http://dx.doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199795574.013.15>
- Taylor, C. S. (2013). *Validity and Validation: Understanding Statistics*. Oxford Ed.
- Vijayakumar, N., Macks, Z., Shirtcliff, E. A., & Pfeifer, J. H. (2018). Puberty and the human brain: Insights into adolescent development. *Neuroscience and biobehavioral reviews*, 92, 417–436. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2018.06.004>
- Vitoria, F., Almeida, L. S., & Primi, R. (2006). Unidimensionalidade em testes psicológicos: conceito, estratégias e dificuldades na sua avaliação. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 7(1), 1-7.
- Wood, D., Crapnell, T., Lau, L., Bennett, A., Lotstein, D., Ferris, M., & Kuo, A. (2018). Emerging Adulthood as a Critical Stage in the Life Course. In N. Halfon (Eds.) *et. al., Handbook of Life Course Health Development* (pp. 123-143). Springer.
- Wrangham, R.W. (1993). *The evolution of sexuality in chimpanzees and bonobos*. *Human Nature*, 4, 47–79. <https://doi.org/10.1007/BF02734089>

- Zappe, J.G., Alves, C.F., & Dell Aglio, D.D. (2018). Comportamentos de risco na adolescência: revisão sistemática de estudos empíricos. *Psicologia em Revista*, 24(1), 79-100. <https://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n1p79-100>
- Zimmer-Gembeck, M. J., Siebenbruner, J., & Collins, W. A. (2001). Diverse aspects of dating: Associations with psychosocial functioning from early to middle adolescence. *Journal of Adolescence*, 24(3), 1–24. <https://doi.org/10.1006/jado.2001.0410>
- Zorotovich, J. R. (2014). *Five Dimensions of Emerging Adulthood: A Comparison Between Students, Nonstudents, and College Graduates* (PhD dissertation, University of Tennessee-Knoxville, Tennessee, USA). Recuperado de [https://trace.tennessee.edu/utk\\_graddiss/2881/](https://trace.tennessee.edu/utk_graddiss/2881/)

## APÊNDICES

### Apêndice A - Termos de Consentimento

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - 18 a 29 anos

Prezado(a), convido você à participar do projeto de pesquisa vinculado ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, intitulada, "Desenvolvimento e Validação da Versão Preliminar da Escala da Pós-Adolescência", sob a responsabilidade da pesquisadora Carolina Torres Maroni e orientação do Prof. Dr. Francisco Lotufo Neto. Essa pesquisa tem como objetivo construir e validar um instrumento que possa destacar diferenças comportamentais entre adolescentes, pós-adolescentes e adultos jovens.

Os participantes devem ser moradores da cidade de São Paulo que tenham entre 18 e 29 anos. Sua participação é de extrema importância para essa pesquisa, para o meio acadêmico e científico e principalmente para o reconhecimento de questões e demandas dos jovens no geral. Consiste em responder de forma voluntária, perguntas sobre os 21 itens do instrumento que está sendo elaborado e validado.

O questionário é ANÔNIMO. Garantimos assim o sigilo e a privacidade da participação. O Sr(a) e/ou o menor tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa. A pesquisa em todas as suas etapas, não pretende gerar despesas aos participantes, portanto não haverá ressarcimento financeiro. Caso ocorra algum dano decorrente da participação no estudo, o participante será indenizado, conforme determina a lei.

Os riscos aos participantes são mínimos. Caso o participante sinta constrangimento, desconforto ou qualquer dificuldade ao responder o questionário, poderá interrompê-lo a qualquer momento. Se houver alguma dúvida ou necessidade, o participante pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, Carolina Torres Maroni, a qualquer momento, no endereço de email: [cmaroni@usp.br](mailto:cmaroni@usp.br) e/ou no telefone: (11) 9.8444-0103. Caso seja necessário, providências e cautelas serão empregadas pela pesquisadora para evitar e/ou reduzir efeitos dos desconfortos e riscos. A pesquisadora responsável está vinculada ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, que fica localizado na Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, bloco F, sala 10 – Cidade Universitária – CEP: 05508-030

– São Paulo- SP. Caso seja necessário, podem também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CEPH -IPUSP) localizado na Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, Bloco G, 2º Andar, sala 27 Cidade Universitária – São Paulo/SP – 05508-030; telefone: 3091-4182; e-mail: ceph.ip@usp.br.

- Concordo em participar  
 Não concordo em Participar

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)- Representante Legal do menor de idade (14 a 17 anos)**

Destinado aos responsáveis dos jovens de 14 a 17 anos,

Convido o adolescente sob a responsabilidade do Sr.(a), à participar do projeto de pesquisa vinculado ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, intitulado, "Desenvolvimento e Validação da Versão Preliminar da Escala da Pós-Adolescência", sob a responsabilidade da pesquisadora Carolina Torres Maroni e orientação do Prof. Dr. Francisco Lotufo Neto. Essa pesquisa tem como objetivo construir e validar um instrumento que possa destacar diferenças comportamentais entre adolescentes, pós-adolescentes e adultos jovens.

Os participantes devem ser moradores da cidade de São Paulo que tenham entre 14 a 17 anos. A participação é de extrema importância para essa pesquisa, para o meio acadêmico e científico e principalmente para o reconhecimento de questões e demandas dos jovens no geral. Consiste em responder de forma voluntária, um questionário de 21 itens, com respostas de múltipla escolha, que leva cerca de 15 minutos para ser concluído. O questionário é ANÔNIMO. Garantimos assim o sigilo e a privacidade da participação. O Sr(a) e/ou o menor tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa. A pesquisa em todas as suas etapas, não pretende gerar despesas aos participantes, portanto não haverá ressarcimento financeiro. Caso ocorra algum dano decorrente da participação no estudo, o participante será indenizado, conforme determina a lei.

Os riscos aos participantes são mínimos. Caso o participante sinta constrangimento, desconforto ou qualquer dificuldade ao responder o questionário, poderá interrompê-lo a qualquer momento. Se houver alguma dúvida ou necessidade, tanto o participante quanto o responsável por ele, podem entrar em contato com a pesquisadora responsável, Carolina Torres Maroni, a qualquer momento, no endereço de email: cmaroni@usp.br e/ou no telefone: (11) 9.8444-0103. Caso seja necessário, providências e cautelas serão empregadas pela pesquisadora para evitar e/ou reduzir efeitos dos desconfortos e riscos. A pesquisadora responsável está vinculada ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, que fica localizado na Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, bloco F, sala 10 – Cidade Universitária – CEP: 05508-030 – São Paulo- SP. Caso seja necessário, podem também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CEPH -IPUSP) localizado na Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, Bloco G, 2º Andar, sala 27 Cidade Universitária – São Paulo/SP – 05508-030; telefone: 3091-4182; e-mail: ceph.ip@usp.br.

- Autorizo a participação  
 Não autorizo a participação

### **Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (14 a 17 anos)**

Destinado aos jovens de 14 a 17 anos

Convido você à participar do projeto de pesquisa vinculado ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, intitulado, “Desenvolvimento e Validação da Versão Preliminar da Escala da Pós-Adolescência”, sob a responsabilidade da pesquisadora Carolina Torres Maroni e orientação do Prof. Dr. Francisco Lotufo Neto. Essa pesquisa tem como objetivo construir e validar um instrumento que possa destacar diferenças comportamentais entre adolescentes, pós-adolescentes e adultos jovens.

A sua participação é de grande importância para essa pesquisa, para o meio acadêmico, científico e principalmente para o reconhecimento de questões e demandas dos jovens no geral. Você deverá responder de forma voluntária (sem qualquer retorno financeiro), um questionário

de 21 questões, com respostas de múltipla escolha, que leva cerca de 15 minutos para ser concluído.


O questionário é ANÔNIMO, em nenhum momento você será identificado (a), garantimos assim o sigilo e a privacidade de sua participação. Você tem plena liberdade de recusar-se a participar, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Caso você sinta vergonha, dificuldade ou desconforto em responder o questionário, poderá interrompê-lo a qualquer momento. Se houver alguma dúvida ou necessidade, pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, Carolina Torres Maroni, a qualquer momento, no endereço de email: [cmaroni@usp.br](mailto:cmaroni@usp.br) e/ou no telefone: (11) 9.8444-0103.

- Concordo em participar
- Não concordo em Participar

## Apêndice B - Instrumento Piloto

### Escala da Pós-Adolescência

 cmaroni@gmail.com (not shared) [Switch account](#) 

\* Required

#### Parte I - Questões sociodemográficas

Qual a sua idade? \*

Your answer

Qual o seu gênero? \*

- Feminino
- Masculino
- Outro

Qual a sua escolaridade? \*

- Nenhuma
- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino técnico
- Ensino superior
- Pós Graduação

Qual a sua ocupação no momento? \*

- Estudo
- Trabalho
- Estudo e trabalho
- Não estudo, nem trabalho

Considerando você e todas as pessoas com quem você mora, que sejam da sua família, qual a renda total? \*

- Até 2.424 Reais
- 2.425 a 4.848 Reais
- 4.849 a 12.122 Reais
- 12.123 a 24.245 Reais
- Acima de 24.246 Reais
- Não sei ou prefiro não responder

**Parte 2 - Por favor, leia as afirmações, com atenção e marque a alternativa que mais te representa. Responda sempre de acordo com aquilo que pensa, sente ou faz, pois não existem respostas certas ou erradas.**

1. Ter um ídolo ou influenciador é importante. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente



2. Posso andar pela cidade onde moro, sem meus pais ou responsáveis. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

3. O dinheiro que me sustenta vem dos meus pais, familiares ou responsáveis. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

4. Costumo seguir às opiniões dos meus amigos(as). \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

5. Costumo seguir as opiniões dos meus pais ou responsáveis. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

6. Costumo fazer planos importantes para minha vida. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

7. Pessoas da minha idade são capazes de morar sem os pais ou responsáveis. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

8. Meus pais ou responsáveis devem ter a palavra final sobre uma decisão minha. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

9. Costumo fazer planos para minha vida profissional. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

10. Costumo pensar em como alcançar a independência financeiramente. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

11. Pessoas da minha idade têm ideias próprias e sabem pensar por si mesmas. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

12. Costumo pensar em como estará minha vida com 30 e poucos anos. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

13. Pessoas da minha idade deveriam ser responsáveis tanto quanto pessoas adultas. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

14. Costumo "abrir mão" das minhas ideias quando ouço as ideias dos outros. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

15. Sinto-me independente em relação aos meus pais ou responsáveis. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

16. Costumo me responsabilizar pelos meus atos. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

17. Pessoas da minha idade deveriam ser responsáveis por si mesmas. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

18. Se um posicionamento político é correto para meus pais ou responsáveis, \*  
ele é correto para mim.

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

19. Preciso da ajuda dos meus pais ou responsáveis para iniciar novas atividade \*  
ou projetos.

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

20. Pessoas da minha idade fazem coisas agora, pensando no futuro. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

21. Eu posso viajar sem meus pais ou responsáveis pois sei me cuidar. \*

- Discordo totalmente
- Discordo
- Nem concordo, nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

**Agradecemos a sua participação!**